

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

PATRÍCIA MENDANHA BERNARDES

**A VARIAÇÃO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA CIDADE DE GOIÁS:
VOCÊ E CÊ SOB UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO**

GOIÁS - 2020

PATRÍCIA MENDANHA BERNARDES

**A VARIAÇÃO DE SEGUNDA PESSOA DO SINGULAR NA CIDADE DE GOIÁS:
VOCÊ E CÊ SOB UM OLHAR SOCIOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade como requisito para a conclusão de mestrado.

Linha de pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade.
Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

B522v

Bernardes, Patrícia Mendanha.

A variação de segunda pessoa do singular na
Cidade de Goiás: “você” e “cê” sob um olhar
sociolinguístico [manuscrito] / Patrícia Mendanha
Bernardes. – Goiás, GO, 2020.

116f. il.

Orientadora: Profa. Dra. Marília Silva Vieira.

Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e
Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade
Estadual de Goiás, 2020.

1. Linguística. 1.1. Variação linguística - você e cê. 1.2.
Sociolinguística. I. Título. II. Universidade Estadual de
Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'27(817.3)

BANCA EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Marília Silva Vieira
UEG / POSLLI – Universidade do Estado de Goiás

Avaliador Externo

Prof. Dr. Clézio Roberto Gonçalves
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto

Avaliadora Interna

Profa. Dra. Kênia Mara de Freitas Siqueira
UEG/ POSLLI – Universidade do Estado de Goiás

Avaliadora - Suplente Externa

Profa. Dra. Neuza Inês Philippsen
UNEMAT – Universidade do Estado do Mato Grosso

Avaliadora - Suplente Interna

Profa. Dra. Luana Alves Luterman
UEG/POSLLI – Universidade Estadual de Goiás

Goiás, ____ de _____ de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por mais esta etapa. Sem Ele, eu não estaria aqui. Ele me dá discernimento, sabedoria, entendimento e zela por mim.

Em segundo lugar, agradeço a minha família, principalmente, a minha mãe, Ricarda e aos meus irmãos, Ismael Jr. e Ricardo, pelo incentivo, carinho, cuidado e apoio. A meu pai, pelo carinho, cooperação e apoio, agora in memoriam (durante o mestrado), a minha cunhada, Simone, e a minhas sobrinhas, Heloíse e Elisa, pela cooperação, carinho.

A minhas amigas, que sempre me apoiaram e incentivaram, com mensagens e telefonemas, que muito me ajudaram nesta caminhada da minha vida: Naira, Wilma, Lúcia, Yonara e Mari Pilli, elas foram muito importantes neste momento.

A Malvina Berquó, amiga que me ajudou na busca por participantes para a pesquisa, em seu supermercado, em Goiás.

Agradeço também aos participantes, que toparam participar das entrevistas. Obrigada de coração!

Aos colegas de trabalho do Colégio Cora Coralina, pelo apoio e paciência, principalmente à diretora Naildes e a coordenadora Marcilene, pelo carinho, incentivo e apoio.

À coordenadora do Colégio Militar de Itaberaí, Vanessa, pelo apoio com relação ao mestrado.

À minha querida turma do POSLLI, agradeço pela amizade, pelas discussões científicas, humorísticas e filosóficas. Essa turma de mulheres e homens alegres e determinados(as). Desejo muito sucesso para todos(as)! Em especial, agradeço por poder compartilhar angústias, dúvidas e os “sofrimentos diários”. Matheus Utim, Cinara, Camila Capparelli, Pedro, Victor, Rodrigo, Jeane, Fernanda, dentre outros. Todos(as) foram muito importantes. Agradeço a Luciana Ribeiro, que compartilhou momentos de orientação para a minha pesquisa, os quais me ajudaram muito.

Agradeço aos servidores administrativos da UEG – Câmpus Cora Coralina, que sempre me receberam com sorriso no rosto e com prontidão em ajudar sempre que foi preciso. À Michely, agradeço pela ajuda em resolver as burocracias e pelas conversas divertidas.

Aos meus professores da UEG, que tanto contribuem para o aprimoramento do conhecimento e também como espelho da profissão docente. Levo um pouco de cada um(a) para a minha construção/formação enquanto docente: Carla Conti, Darcilia Simões, Déborah Barros, Eduardo Silva, Eleone Assis, Hêlvio Frank e Marília Vieira, com os quais tive maior proximidade em aulas, estágio e também em momentos de estudo e reflexões.

À banca de defesa, presidida por minha orientadora, Professora Marília Vieira, e composta pela Professor Clézio Roberto Gonçalves (UFOP) e pela Professora Kênia Siqueira (UEG), agradeço por aceitarem o convite e também pelas respectivas contribuições em meu trabalho.

À minha orientadora, Professora Marília Vieira, que me ensinou, ensina sempre, com paciência, cuidado e apoio. Minha eterna gratidão por me apresentar à Sociolinguística. A sua orientação, dedicação, paciência e parceria fizeram toda a diferença nesse período. Levo o seu exemplo de ser docente para a minha construção profissional.

Tente mover o mundo – o primeiro passo será mover a si mesmo.

Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTQ5Ng/>. Acesso em: 31 maio 2020.

PLATÃO. *A República*.

RESUMO

A variação dos pronomes de segunda pessoa *você* e *cê* foi objeto de estudo em inúmeras comunidades linguísticas no Português Brasileiro (NASCIMENTO, 2011; GONÇALVES, 2008; RAMOS, 1997, 2000; ALVES, 1998; COELHO, 1999; PERES, 2006; e outros). Há, contudo, uma lacuna no que diz respeito à descrição desse fenômeno na variedade goiana. É assim que, calcado na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1972, 1994, 2001; (LABOV, 2006 [1966]; e WEINREICH et. al., 1968), que entende a variação linguística como parte integrante do sistema linguístico, regulada por fatores tanto linguísticos, quanto sociais, este estudo visa descrever os usos pronominais na Cidade de Goiás e contribuir para o mapeamento dos usos de segunda pessoa do singular do português falado no Brasil. Ademais, também se ancora nos pressupostos da gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 1993) e da cliticização (VITRAL 1996, 2006b; RAMOS, 1997). Nessa perspectiva teórica, objetiva-se investigar o uso variável dos pronomes de segunda pessoa do singular, *você* e *cê* na Cidade Goiás, a partir de um percurso histórico das formas. Para compreender a influência dos aspectos linguísticos e extralinguísticos no panorama sociolinguístico local, foram entrevistados 24 falantes nativos dessa comunidade, estratificados por sexo (masculino e feminino), faixa etária (25 a 35 anos e 36 a 50 anos) e escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior). Posteriormente, os dados foram transcritos, codificados e rodados no programa Goldvarb X, a fim de desenvolver uma análise sincrônica. Foram analisadas variáveis linguísticas de diferentes níveis de expressão (fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e cognitivas), bem como variáveis extralinguísticas (faixa etária, sexo, grau de escolaridade). Os resultados revelam que a variante reduzida *cê* é a mais frequente, sobretudo entre os mais jovens, o que sinaliza que, na Cidade de Goiás, à semelhança de outras comunidades linguísticas brasileiras, verifica-se um processo de mudança a partir da gramaticalização e da cliticização da forma variante inovadora.

Palavras-chave: Fala vilaboense. Variação. Você. Cê.

ABSTRACT

The variation of the second person pronoun *você* and *cê* has been studied by several linguists in Brazilian Portuguese Language (NASCIMENTO, 2011; GONÇALVES, 2008; RAMOS, 1997, 2000; ALVES, 1998; COELHO, 1999; PERES, 2006; and others). However, there is no researches focused on the description of this phenomenon in the Goiás variety. That's why this study is grounded on Labovian Theory of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008; WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 1972, 1994, 2001; (LABOV, 2006 [1966]; e WEINREICH et. al., 1968) which states that language variation as an integral part of the linguistic system, regulated by both linguistic (internal), as well as extralinguistic (external) factors. Besides that, in ground by grammaticalization reflections (HOPPER & TRAUGOTT, 1993) and the process of cliticization of the form *cê* (VITRAL 1996, 2006b; RAMOS, 1997). Based on this theme, this research aims to investigate and to analyze the use of the second person pronoun of the singular *você* and *cê* in the town of Goiás, which is a historic town founded in the 18th century, at the time of the empire, for this reason a historical path of the forms. Given these facts and in order to understand the use of this form and its changes, both synchronic and diachronic, aiming to understand the influence of linguistic and extralinguistic aspects in this way by the speakers of this community, 24 native participants from this community were selected and interviewed, who were stratified by gender (male and female), age group (25 to 35 years and 36 to 50 years) and education (high school and higher). Subsequently, they were transcribed, encoded and run in the GoldvarbX program, in order to be able to develop a synchronous analysis, with these data samples collected. Were researched and studied for the analysis of both linguistic variables (phonetic, phonological, morphological, syntactic and semantic) as well as extralinguistic variables (age group, sex, education level, ethnicity, etc.) and the factors of each of these variables. In view of the collected data, the sample was run more than twice in the GoldvarbX program, to be sure of the data and the coding. Thus, the results were that the use of the reduced variant *cê* is the most frequent among the youngest, which may suggest that it is in the process of linguistic change, and is going through a process of grammaticalization and cliticization.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Town of Goiás. *Você/Cê*. Cliticization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Uso de <i>vossa mercê</i> no Jornal da Província de Goyaz - 1876	22
Figura 2: Ocorrência de <i>vossa maj(g)estade</i>	23
Figura 3: Ocorrência de <i>vosmecê</i>	24
Figura 4: Trecho do livro de Cora Coralina – uso de <i>vassuncê</i>	25
Figura 5: Mapeamento de <i>tu</i> e <i>você</i> no PB	31
Figura 6: Caminho para as Minas	55
Figura 7: Casa de Cora Coralina (1912)	57
Figura 8: Casarões da Cidade de Goiás	57
Figura 9: Perspectiva do Rio Vermelho	58
Figura 10: Hospital São Pedro de Alcântara	58
Figura 11: Procissão do Fogaréu	59
Figura 12: Codificação das variáveis linguísticas e sociais	63
Figura 13: Tela de codificação no GoldVarb X	64
Figura 14: Tela com resultados gerados no GoldVarbX	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocorrências gerais de <i>você</i> e <i>cê</i>	86
Gráfico 2: Tonicidade da sílaba seguinte - <i>cê</i>	87
Gráfico 3: Paralelismo I	88
Gráfico 4: Faixa etária	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Formas de tratamento da Idade Média	18
Quadro 2: Quadro - Formas de tratamento do século XVI	19
Quadro 3: Paradigma pronominal do PB e sua conjugação verbal	28
Quadro 4: Pronomes pessoais, de acordo com Said (1964)	29
Quadro 6: Quadro dos pronomes pessoais no PB	30
Quadro 8: Variáveis independentes – internas	42
Quadro 9: Variáveis independentes - sociais	43
Quadro 10: A referência de <i>você/cê</i> e seus subtipos	50
Quadro 11: <i>Corpus</i> da fala vilaboense	60
Quadro 12: Graus de indeterminação do pronome <i>você</i>	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Uso de <i>tu/você/cê</i> pelos brasilienses	32
Tabela 2: Faixa etária do uso <i>tu/você/cê</i> em Brasília.....	33
Tabela 3: Regiões do uso de <i>tu/você/cê</i> em Brasília.....	33
Tabela 4: Referência e faixa etária do uso de <i>você, ocê</i> e <i>cê</i>	34
Tabela 5: <i>Cê</i> - faixa etária em Belo Horizonte, 2002	34
Tabela 6: <i>Cê</i> - faixa etária em Belo Horizonte	35
Tabela 7: Distribuição das variantes	35
Tabela 8: Distribuição das variantes segundo o contexto de interpretação	36
Tabela 9: Total de ocorrências	85
Tabela 10: Tonicidade da sílaba seguinte	86
Tabela 11: Paralelismo I	87
Tabela 12: Tonicidade da sílaba seguinte	89
Tabela 13: Tonicidade da sílaba antecedente.....	89
Tabela 14: Coalescência entre o pronome e o verbo	90
Tabela 15: Emprego da variante <i>cê</i> – variável função sintática.....	91
Tabela 16: Emprego da variante <i>cê</i> – variável referência do pronome.....	92
Tabela 17: Paralelismo I	93
Tabela 18: Paralelismo II	94
Tabela 19: Tipo de discurso	94
Tabela 20: Faixa etária	95
Tabela 21: Sexo.....	96
Tabela 22: Faixa etária.....	96
Tabela 23: Escolaridade	97

SUMÁRIO

SUMÁRIO	13
INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO 1	18
1.1 Percurso histórico do pronome de segunda pessoa.....	18
1.2 Mudanças diacrônicas de <i>vossa mercê</i> a <i>você</i>	23
1.3 Sistemas pronominais do pronome de segunda pessoa no PB.....	29
1.4 Estudos da variação <i>você</i> e <i>cê</i> em Brasília.....	32
1.5 Variação do pronome <i>você</i> , <i>cê</i> e <i>ocê</i> em Minas Gerais	33
1.6 Outros estados.....	36
1.7 A variação da forma <i>você/cê</i> na cidade de Goiás	37
CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	38
2.1 Teoria da variação e mudança linguística.....	38
2.2 Gramaticalização e Cliticização.....	44
2.3 Concepções discursivo-pragmáticas para a referência	47
2.4 O Princípio do Contorno Obrigatório	51
2.5 Princípios Cognitivos.....	52
CAPÍTULO 3 – MATERIAIS E MÉTODOS	55
3.1 Cidade de Goiás como <i>locus</i> investigativo	55
3.2 O <i>corpus</i>	59
3.2.1 Roteiro das entrevistas	61
3.2.2 Coleta de dados: áudio	61
3.2.3 Transcrição.....	61
3.2.4 Estratificação e codificação dos dados	62
3.2.5 Programa GoldVarb X	63
3.3 Variáveis linguísticas	65
3.3.1 Variáveis fonético-fonológicas	65
3.3.1.1 Tonicidade da sílaba seguinte	66
3.3.1.2 Tonicidade da sílaba antecedente.....	68
3.3.2 Variáveis Morfossintáticas.....	69
3.3.2.1 Coalescência do pronome ao verbo	69
3.3.2.2 Função sintática	71
3.3.3 Variáveis semânticas.....	73
3.3.3.1 Referência ou referencialidade do pronome	73
3.3.4 Variáveis discursivas e cognitivas	78
3.3.4.1 Paralelismo.....	78
3.3.4.1.1 Paralelismo I (paralelismo das formas pronominais).....	78
3.3.4.1.2 Paralelismo II (Paralelismo de formas reduzidas)	81
3.3.5 Tipos de discurso	82
3.4 Variáveis sociais	83
3.4.1 Sexo.....	83
3.4.2 Faixa etária.....	84
3.4.3 Nível de escolaridade.....	84
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE DADOS.....	85
4.1 Análise das variáveis linguísticas	85
4.2 Variáveis linguísticas	86
4.2.1 Variáveis fonético-fonológicas	88

4.2.1.1 Tonicidade da sílaba seguinte	88
4.2.1.2 Tonicidade da sílaba antecedente.....	89
4.2.2 Variáveis morfossintáticas e sintáticas	90
4.2.2.1 Coalescência entre o pronome e o verbo	90
4.2.2.2 Função sintática	91
4.2.3 Variáveis semânticas e discursivas	91
4.2.3.1 Referência do pronome	92
4.2.4 Variáveis discursiva cognitiva	92
4.2.4.1 Paralelismo I	92
4.2.4.2 Paralelismo II	93
4.2.4.3 Tipos de discurso	94
4.3 Variáveis sociais	95
4.3.1 Sexo.....	95
4.3.2 Faixa etária.....	96
4.3.3 Variável escolaridade.....	97
CONCLUSÃO	99
REFERÊNCIAS	102
APÊNDICES	108

INTRODUÇÃO

Como atual moradora da cidade de Goiás, me interessei pelo falar dos falantes vilaboenses, pois morei em Goiás parte da minha infância e juventude. Saí da cidade para estudar, e a seis anos retornei à cidade por questões familiares. Como é uma cidade interiorana, polo universitário, resolvi retornar a Goiás e retomar os estudos, descrevendo a variedade linguística local.

A Cidade de Goiás, antes reconhecida como Vila Boa de Goiás, é a antiga capital do estado, e está localizada a 130 km de Goiânia. É uma cidade turística, que em 2001 foi reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural Mundial da UNESCO, por sua arquitetura barroca peculiar, suas tradições culturais seculares e pela natureza que a circunda com características típicas do Cerrado brasileiro.

Diante do fato, de que esta comunidade é um patrimônio histórico com características coloniais, que foi fundada no século XVIII, na época do império pelos bandeirantes que para cá vieram à procura de ouro, surgiu a necessidade de se investigar as peculiaridades da variação entre os pronomes de segunda pessoa do singular *você* e *cê*, na fala dos habitantes locais. Acredita-se que a história da cidade e das relações que ali se estabeleciam desde a escravidão estejam intimamente relacionadas ao percurso de mudança de *Vossa Mercê* até a forma mais contemporânea *cê*.

É válido ressaltar que a maioria dos trabalhos que abordam o fenômeno estão concentrados em Minas Gerais (RAMOS, 1997, 2000; ALVES, 1998; COELHO, 1999; PERES, 2006; GONÇALVES, 2008) e em Brasília (ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; QUEIROZ-ANDRADE, 2010). Além desses, foram desenvolvidos estudos no Rio de Janeiro (PAREDES SILVA, 2003), em Santos (MODESTO, 2006), em São Paulo (NASCIMENTO, 2011); em estados da região Sul (LOREGIAN-PENKAL, 2004), Norte (MARTINS, 2010) e Nordeste do país (FIGUEREDO, 2007 *apud* SCHERRE, 2010-2013). No estado de Goiás, contudo, não se registram pesquisas sobre o assunto.

Logo, este estudo ganha ainda mais relevo na medida em que contribui para o avanço de análises e da descrição da variedade goiana do português, em especial, daquela falada na Cidade de Goiás, cujo gentílico, *vilaboense*, remonta ao antigo nome do município, bem como para o entendimento da variação e da mudança no uso dos pronomes de segunda pessoa no Brasil.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram coletadas entrevistas com 24 participantes

nativos da Cidade de Goiás, estratificadas de acordo com as variáveis sexo (feminino e masculino), idade (25 a 35 e 36 a 50 anos) e escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior). Tais áudios foram transcritos, e os dados extraídos foram codificados e rodados no programa GoldvarbX, para assim, desenvolver uma análise sincrônica.

A teia teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001), (LABOV, 2006 [1966]; e WEINREICH et. al., 1968; GUY, 2001), perpassa todo o estudo, sustentando a premissa de que a heterogeneidade é constituinte do sistema linguístico, e que se dá por fatores linguísticos (internos) e extralinguísticos (externos). Logo, o objetivo geral deste estudo é analisar os fatores que influenciam o uso intercambiável do pronome *você* e da variante reduzida *cê* pelos falantes vilaboenses. Os objetivos específicos constituem em: 1) compreender se há, na comunidade estudada, uma variação estável ou uma mudança em progresso; 2) se o panorama sociolinguístico da Cidade de Goiás se assemelha ao de outras variedades do Português Brasileiro e 3) se a forma reduzida *cê* está cliticizando.

Entende-se que, sob a perspectiva diacrônica, *você* e *cê* são resultados da gramaticalização de *vossa mercê*. Observa-se, então que um item lexical passa por um processo de gramaticalização e adquire *status* de pronome de tratamento. Já na perspectiva sincrônica, é importante observar que a forma *cê* tem sido alvo de cliticização (VITRAL 1996, 2006b; RAMOS, 1997).

As hipóteses aventadas são: I) a da cliticização de *cê*, que conforme Hopper e Traugott (1993), pois o clítico tem-se que apoiar em outro constituinte, por isso, ele pode vir adjacente ao verbo; II) o princípio do contorno obrigatório (OCP), segundo o qual o choque acentual (encontro de duas sílabas tônicas) deve ser evitado, logo, isso favoreceria o uso de *cê* diante de vocábulos cuja primeira sílaba fosse tônica, III) A terceira hipótese é de que o uso variável de *você* e *cê* na Cidade de Goiás converge com o de outras comunidades de fala brasileiras, nas quais se constata a mudança, com paulatina preferência para o uso de *cê*.

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos: no primeiro capítulo, objetiva-se a compreender o uso da variável de *você* e *cê* a partir de dados sincrônicos e diacrônicos. Para tanto, foram apresentadas três seções, que se dedicam a: a) apresentar um processo histórico do pronome de segunda pessoa no Português Brasileiro, desde *vossa mercê* até *você*; b) descrever mudanças ocorridas no PB; c) correlacionar o presente estudo com os de outros pesquisadores (RAMOS, 1997, 2000; ALVES, 1998; COELHO, 1999; PERES, 2006; GONÇALVES, 2008, ANDRADE, 2004; LUCCA, 2005; DIAS, 2007; QUEIROZ-ANDRADE, 2010; dentre outros), em diferentes comunidades linguísticas.

O segundo capítulo foi dividido em cinco partes: na primeira seção, são apresentados pressupostos teóricos para as análises aqui desenvolvidas, a teoria da Variação e da Mudança Linguística. Nas outras seções, foram abordadas as variáveis linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, semântico-discursivas, cognitivas) e extralinguísticas (sexo, faixa etária, escolaridade), utilizadas para explicar o uso intercambiável das variantes *você* e *cê*.

No terceiro capítulo, descreve-se a comunidade de fala em estudo e, posteriormente, serão apresentados: dados da amostra pesquisada, os procedimentos de coleta de dados, transcrição e codificação das ocorrências do fenômeno pesquisado *você* e *cê*, no Goldvarb X. Em seguida, serão expostas as variáveis linguísticas (fonético-fonológicas, morfossintáticas, semântico-discursivas, cognitivas) e extralinguísticas (sexo, faixa etária, escolaridade), e as variantes de cada variável, que embasaram as análises quantitativas.

No quarto capítulo, são apresentadas as análises das variáveis linguísticas e extralinguísticas do fenômeno estudado, a partir dos grupos de fatores e das hipóteses que foram aventadas no capítulo anterior. Por fim, segue-se com a conclusão da pesquisa.

CAPÍTULO 1

Neste capítulo, objetiva-se compreender o uso variável de *você* e *cê* a partir de dados sincrônicos e diacrônicos. Para isso, foram formuladas três seções: a) a primeira seção dedica-se a um percurso histórico do pronome de segunda pessoa no Português Brasileiro, desde *vossa mercê* até *você*; b) posteriormente, são descritas mudanças ocorridas no PB; c) por fim, correlaciona-se o presente estudo com as contribuições de outros pesquisadores, em diferentes comunidades linguísticas do Brasil.

1.1 Percurso histórico do pronome de segunda pessoa

No Português Europeu, até o sec. XIV, usava-se *tu* para o tratamento informal e *vós* para o tratamento formal. O pronome *vós* foi substituído por *vossa mercê* para se dirigir ao rei, depois aos nobres. Sabe-se que os pronomes de segunda pessoa do singular e do plural, respectivamente, *tu* (*tu*) e *vós* (*uos*) têm origem latina (BROWN; GILMAN, 1972). Utilizado, aprioristicamente, como forma de respeito, *vós* deu lugar à forma de tratamento *vossa mercê*:

Quadro 1: Formas de tratamento da Idade Média

	REI		NOBRE		POVO	
REI	I	I	Vós		Vós	
	Vós	Tu	Senhor		Senhor	
NOBRE	Vós		I, S Vós	I, S Tu (1)	Vós, senhor	
POVO	Tu		I Tu, vós	I Tu (2)	D Vós	D Tu

Fonte: Biderman (1972, p.359).

Verifica-se, no quadro (1) acima, que *tu* abarcava usos que remetiam a intimidade, afeto, emotividade e inferioridade. Por sua vez, *vós* tinha como marca: a não intimidade, a distância, e também era utilizado para demonstrar respeito e superioridade.

No português arcaico, a palavra *mercê* era empregada como substantivo comum, do gênero feminino, cujo significado designava *favor*, *graça*, *benesse*, conforme afirma Menon (2006, p.104). No entanto, tinha uma acepção positiva e outra negativa: quando se recebia algo do rei, era positivo; mas ao mesmo tempo apresentava uma significação negativa, que fazia referência ao domínio e vontade desse mesmo rei. Porém, não era somente o rei que podia

distribuir mercês (graça, favor), as divindades também – Deus, Nossa Senhora, Jesus – o faziam. Todavia, é possível que, depois que *mercê* ficou ligado como tratamento ao rei, passou-se a usar mais *graça (s)* para os benefícios religiosos recebidos, tal como pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 2: Quadro forma de tratamento sec. XVI¹

	REI		NOBRE		POVO	
REI	I,S Vós	I,S Tu	El Rei DD., Senhor, Vossa Alteza, Vossa Majestade (3ª pessoa)		Senhor, Vossa Alteza Vossa Majestade (3ª pessoa)	
NOBRE	Vós		Vós, Senhor, <i>Vossa Mercê</i>	S,E,I Tu	Vós, Senhor, Vossa Mercê, Vossa Senhoria (3ª pessoa)	
POVO	Tu		I Tu	I Vós	D Vós, Vossa Mercê	D Tu

Fonte: Birderman (1972, p. 361).

Nesse quadro, observa-se o uso de *Vossa Mercê* entre os nobres, e entre o povo, empregado com o sentido de distanciamento, e *tu* usado pelos reis, quando não se tinha intimidade com o interlocutor, e para indicar uma relação de hierarquia, o qual também era utilizado entre os nobres, com sentido de superioridade/inferioridade. Já *Vós* era usado entre reis, nobres e entre o povo, para expressar certo distanciamento entre o povo, com relação à superioridade/inferioridade também era empregado entre os reis, com sentido de intimidade entre o povo e os nobres.

Nascentes (1956, p. 116) reconhece que, no século XIV, *Vossa Mercê* ainda não tinha se cristalizado como expressão pronominal e que, a partir do século XVIII, *mercê* passou a ser comum entre os burgueses, ou seja, as pessoas que mereciam respeito no trato, mas não possuíam senhoria. Nascentes (1956) aponta os seguintes estágios dessa mudança:

Vossa Mercê > *vossemecê* > *vosmecê* > *vosm'cê* > *voscê* > *você* > *ocê* > *cê*

¹ As siglas referem-se, respectivamente, a: S – relação pai/filho rei/servo (superior/inferior, indicando hierarquia), I – íntimo (referindo-se a pessoas íntimas), D – Distante (referindo-se à pessoa distante, não íntima, indicando distanciamento).

Sabe-se, que *Vossa Mercê* foi utilizado primeiramente em Portugal e depois passou a ser empregado no Brasil, com a vinda dos portugueses para cá. Há vários estudos (GONÇALVES, 2008; PERES, 2007; NASCENTE, 1956) sobre esse percurso, mas o ponto em comum entre eles é que reconhecem a existência de alterações fonéticas entre *Vossa Mercê* e *ocê*.

Verifica-se também que a forma de tratamento *Vossa Mercê* surgiu na primeira fase do século XVIII e teve um declínio no final desse século, substituindo assim, a forma *vos* para se referir à figura real ou aos membros da nobreza. Por sua vez, *vos* caiu em desuso no final do século XIX, conforme afirma Lopes (2003). No Brasil do século XIX, a forma *mercê* era considerada como forma de tratamento oficial e cerimonioso, utilizada com referência aos coronéis, tenentes, capitães, alferes e maiores (resolução de 2 de agosto de 1842 e aviso de 3 de agosto de 1842), segundo Nascente (1950).

Já Santos Luz (1956, p. 310) constata que o primeiro registro da forma *vossa mercê* se deu, em 1331, em textos escritos pertencentes à corte de caráter honorífico, e que a forma tenha desaparecido em 1490. Em relação ao primeiro uso de *Vossa Mercê*, Menon (2006, p. 108) contesta Luz (1956), pois encontrou ocorrências mais antigas de *vossa mercê* que os já mencionados por ele. Segundo a linguista:

[...] em um dos textos da coletânea de documentos relativos à cidade de Évora (com datação da “Era de 1324. Anno 1280”, concordata entre El-Rei Dom Dinis e o Concelho d’Évora, encontramos ocorrências de *merece* (com o verbo *pedir* por *merece* e já com a forma de verbo ‘suporte’ *pedir merece*) e 2 de *vos(s)a mercê*. (MENON, 2006, p. 114)

Menon (2006, p. 114) afirma que *vossa mercê* não era empregada somente aos reis, como forma de tratamento honorífico. Como pode ser observado no texto a seguir, uma carta do Bispo D. Garcia de Menezes, dirigida ao “Senhor Secretário” (provavelmente secretário do rei):

Senhor. Huma carta vossa me foi dada a que não respondo mais cedo com fadigas de doença, e assy lhe tenho muito em *mercê* o que me diz na sua carta [...] e quanto he o que *vossa mercê* diz que eu tenho levado mais do que havia de levar [...]” (MENEZES, 1463, p. 85)

Assim, Menon (2006, p. 122) estabelece um roteiro, na tentativa de reconstituir o percurso de vulgarização do emprego da locução nominal *Vossa Mercê* a partir de uma segunda interpretação social, cujo uso começa a difundir a forma em dois destinos diversos, mas complementares: que passa a ser forma exigida aos escalões superiores da corte aos seus

subordinados, seu uso vai além da nobreza ligada à corte, e passa a nobreza e senhores de domínios, que passam a exigir esse tratamento dos que não fazem parte da nobreza, e também passam a utilizar essa forma de tratamento aos não nobres, mas que dispõem de dinheiro. Logo, exigiam esse tratamento de *Vossa Mercê* de seus empregados e de outros com quem mantinham contatos com o comércio.

Segundo Menon (2006, p. 123-125), no século XVI, qualquer pessoa com posição social de mais destaque poderia usar *seu mercê* ou *sua mercê*. Observa-se, com isso, que o pronome se vulgarizou, passando de tratamento honorífico a um tratamento comum, e de tratamento comum a vulgar. Como afirma Menon (2006):

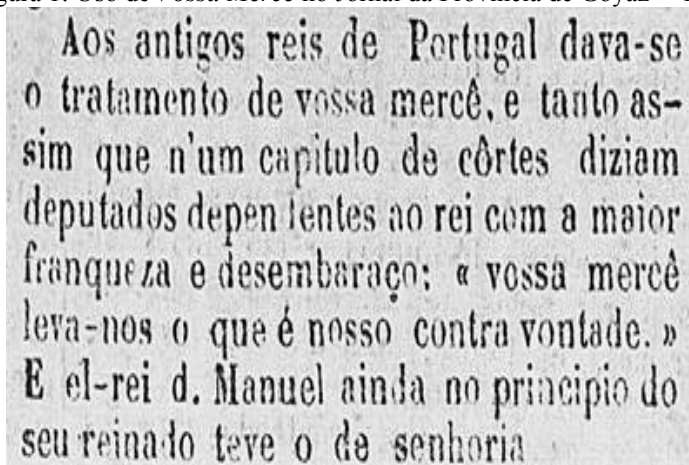
Sobrevivem ainda a Senhoria e a Alteza. Cria-se a Excelência (Lei Filipina de 1597), que vai ser, posteriormente, no séc. XVIII a catapulta para outra revolução social, como foi a do Senhorio no período arcaico [...] A excelência, com a expansão do uso concedida pela lei de 1739, passa a ser um marcador social tão importante como a construção do escudo da família ou o título ou o cargo recebido. É a marca linguística da diferença social. (MENON, 2006, p. 125).

Devido a essa vulgarização, os reis rejeitaram o pronome *mercê* e começaram a utilizar outra forma de tratamento como *Majestade*, e também *Senhoria* e *Alteza*. Posteriormente, surgiu *Excelência*, de importância destacável, pois *Excelência* era considerado como uma marca social, uma característica, uma diferença social.

Cintra (1972, p. 22) afirma que o primeiro uso de *Vossa Mercê* foi em 1331 (uso oficial) até 1490, que ainda era o tratamento mais usado para os monarcas e que deixa de ser empregado por eles em 1490. Todavia, segundo o autor, o tratamento era usado primeiro por duques e infantes, depois pelos fidalgos, e no início do século XVI, pelos burgueses como referência aos seus criados.

Com a decadência da nobreza feudal, a ascensão da burguesia e com o fato de Portugal ter se transformado em uma grande potência mundial, com as grandes descobertas e o comércio marítimo, registraram-se grandes mudanças na corte, tanto social quanto culturalmente: o rei, por exemplo, se torna uma figura única. Assim, houve a necessidade de destacar essa importância, exigindo-se uma forma exclusiva de tratamento ao rei, *Vossa Mercê*, conforme observa-se neste trecho do jornal abaixo:

Figura 1: Uso de *Vossa Mercê* no Jornal da Província de Goyaz² - 1876



Aos antigos reis de Portugal dava-se o tratamento de vossa mercê, e tanto assim que n'um capitulo de côrtes diziam deputados depen lentes ao rei com a maior franqueza e desembaraço: « vossa mercê leva-nos o que é nosso contra vontade. » E el-rei d. Manuel ainda no principio do seu reinado teve o de senhoria

Fonte: Hemeroteca Digital - Jornal Suplemento ao Correio Oficial n.34 – 10 de maio de 1876.

No trecho acima do jornal *Suplemento ao Correio Oficial de 1876* (século XVII), observa-se que o termo de tratamento *Vossa Mercê* era usado ao se referir aos reis de Portugal, como uma relação de superior/inferior. Verifica-se também que, no princípio do reinado de Dom Manuel, de 1477 a 1490, a forma de tratamento utilizada era *Senhoria*, conforme afirma Cintra (1972).

Os primeiros a utilizar *Majestade* foram os espanhóis, em 1582, e os portugueses, em 1597 (CINTRA, 1972). A forma *Vossa Majestade*, por sua vez, era usada somente para reis e rainhas, e *Vossa Alteza* era empregada para os outros membros da família real. Durante esse período, foram estipuladas “leis de cortesia”, que estabeleciam normas para o uso das formas de tratamento e penalidades para o não cumprimento delas.

Primeiramente, a forma usada foi *Vossa Mercê*, depois *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, e por último, a forma *Vossa Majestade*. Luz (1956, p. 320) afirma que as formas *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade* realçam outras qualidades do rei, por isso, substituíram-nas por *Vossa Mercê*, pois esta exprime melhor sua magnificência.

Segundo Nascente (1956, p.117), *apud* Penkal e Menon (2012), o declínio de *Vossa Mercê* para o modo de tratamento real (reis e rainhas) se deu pelo seu uso para as outras figuras da aristocracia portuguesa (duques, condes, entre outros). Assim, *Vossa Mercê* passou a ser usado como forma de tratamento para a burguesia e, posteriormente, para qualquer português que não fosse íntimo.

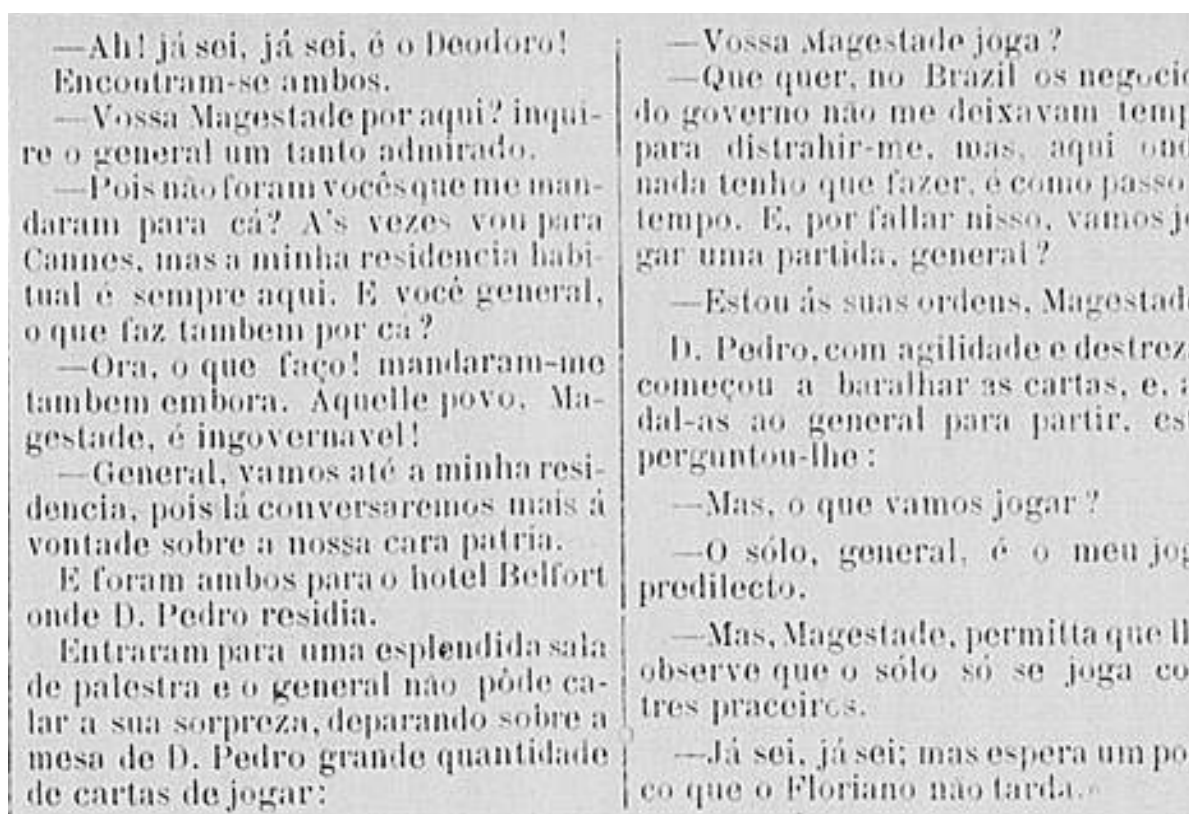
² O capítulo 3 explica a multiplicidade de nomes da Cidade de Goiás, desde *Arraial de Santana*, passando por *Villa Boa de Goyaz*, *Capitania de Goiaz*, até *Cidade de Goiás*.

Concomitantemente ao uso de *Vossa Mercê*, foram surgindo outras variantes morfofonológicas, como *vossancê* e *você*, que conforme sinaliza Menon (1995), caracteriza o processo de pronominalização da locução nominal *vossa mercê*, resultando no pronome *você*.

1.2 Mudanças diacrônicas de *vossa mercê* a *você*

Devido ao percurso observado quanto ao uso de *vós* à *Vossa Mercê*, e depois de *Vossa Mercê* para *você*, verifica-se que o processo de gramaticalização se cristalizou em uma mudança linguística. A forma *você* era empregada no início na relação de superior/inferior, como é mostrado no trecho do jornal de Goyaz abaixo:

Figura 2: Ocorrência de *Vossa Magestade* (sic)



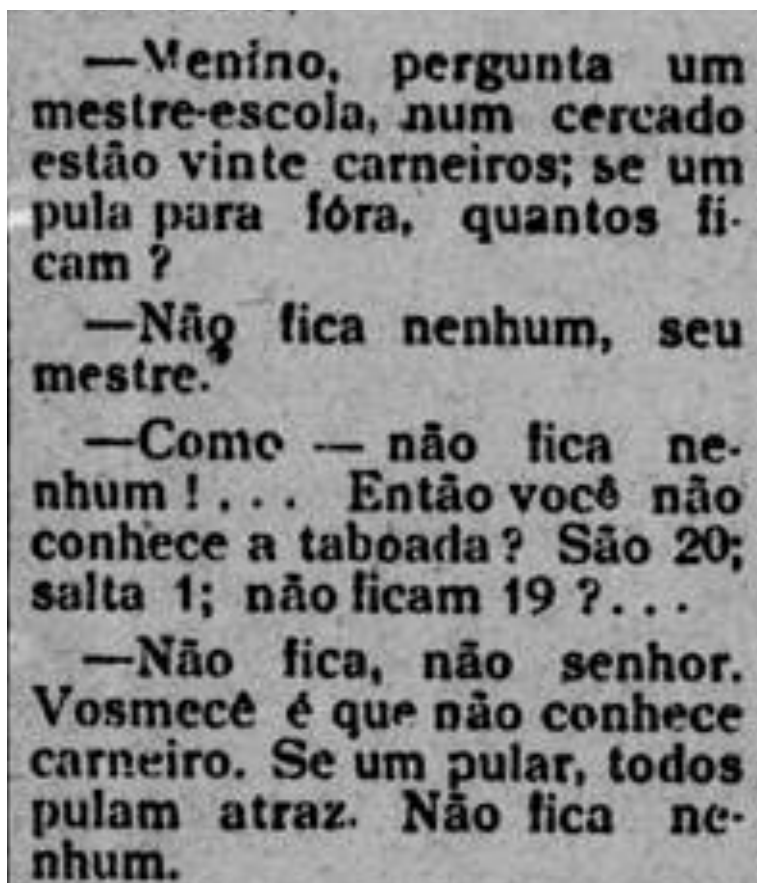
Fonte: Hemeroteca Digital – Estado de Goiás n.34 – 21 de janeiro de 1892.

Nesse trecho do *Jornal da Cidade de Goyaz*, verifica-se o uso do termo de tratamento *você* na relação de superior/inferior, em que o Imperador D. Pedro usa o termo *você* para referir-se a Marechal Deodoro, e que Marechal, por sua vez, para se dirigir ao Imperador usa a forma de tratamento *Vossa Magestade*.

Devido à mudança da forma de tratamento *Vossa Mercê* para *você*, surgiram outras

formas derivadas de *Vossa Mercê*, como *Vosmecê*, que conforme admite o dicionário Houaiss (2015), é pronome de tratamento, contraído de *Vossemecê*, forma respeitosa de tratamento, equivalente a *o senhor*, *a senhora* e a *você*. *Vossemecê* é pronome de tratamento contraído de *Vossa Mercê*. No excerto abaixo, observam-se ocorrências de tais formas.

Figura 3: Ocorrência de *Vosmecê*



Fonte: Hemeroteca Digital - Jornal Voz do Povo, n. 108 – 12 de julho de 1929.

No excerto acima, também publicado na Cidade de Goiás, na época, Vila Boa de Goyaz, observa-se o uso da forma *Vosmecê*, que, segundo Câmara Jr. (1979, p.94) é originário de *Vossa Mercê* e marca um estágio intermediário entre *Vossa Mercê* e *você* (*vossa mercê* > *vosmecê* > *você*). No excerto observa-se que *vosmecê* é usado para se referir a uma pessoa com hierarquia superior. O menino dirige-se ao mestre-escola usando a forma de tratamento *vosmecê*, e o mestre, por sua vez, se refere ao menino usando a forma *você*. Logo, verifica-se que *você* é usado para se referir a hierarquia inferior.

Faraco (1996) afirma que *Vosmecê* é característico da região urbana, como mostra o item abaixo e sugere o *continuum* *Vosmecê*, *vossemecê*, *vossecê*, *você*, *ocê*, *cê*, ao passo que Amaral (1976) diz que tem formas que são de uso rural, propondo o seguinte percurso:

Vossuncê, vassuncê, mecê, vancê, vacê, vosmincê.

Logo, é possível atentar para a estratificação sociolinguística das formas, tendo em vista que a variante *vassuncê*, dentre as outras, estava associada a um uso considerado mais caipira (rural), como no excerto abaixo:

Figura 4: Trecho do livro de Cora Coralina – uso de *vassuncê*

Dona Maria do Morro, que estava calada, pensando alguma coisa, então falou:

– *Ara veja vassuncêis... Pur isso é que lá em casa, no sítio, muitos patos morre incaiado, se espremendo que fais dó... Até que tem lá em casa, no oratório, mais duas dessa, irmãzinha, que achei debaixo da estiva, onde os pato drome, no meio do esterco deles. Ia passando, pegá um ovo largado, vi um trenzinho redondo amarelo, lumentando sujo de estrume. Catei, lavei e guardei no oratório, de junto do Santo.*

Lá nas aguada tem muita grotta, buraqueira onde os pato meti o bico, churriando... De certo deu cuma panela cheia dessas nota e vorta e meia engole uma e depois descome ou morre na espremedeira...

Fonte: Livro de Cora Coralina “A moeda de ouro que um pato engoliu” (1997, p.12)

No trecho do livro de Cora Coralina “A moeda de ouro que um pato engoliu”, registra-se o uso da forma de tratamento *vassuncêis*, em que a personagem Dona Maria, que mora em um sítio próximo à Cidade de Goiás usa esse pronome para se referir tanto ao padre quanto às outras pessoas à sua volta, ou seja, é uma forma de tratamento denominado caipira (rural). Parentes (2008) diz que o termo *vassuncê* é derivado de uma permuta (*vancê*, *vacê* e *suncê*) e afirma constar o uso desse item no Amazonas e São Paulo. Conforme observado no texto, contudo, também é catalogado em Goiás.

Amaral (1976, p.191) afirma que *vassuncê* é uma variante estigmatizada de *Vossa Mercê*, que denota traços de maior e menor familiaridade, já que é encontrada em contexto

familiar, ele acredita que por isso há menor formalidade. De acordo com Birderman (1972-1973), “*vassuncê* tem característica rural na Espanha, é encontrada também na fala rural de Portugal e no Brasil”, como foi observado no excerto (4) de Cora Coralina, em que Dona Maria diz “ara, veja vossuncêis” que é uma fala caipira da Cidade de Goiás, no interior do Brasil.

Verifica-se que a ocorrência de *você* em situações de foro íntimo e familiar. No dicionário Houaiss (2015), *você* é assim definido:

pro. trat. aquele a quem se fala ou escreve <você almoçou> <vi você na rua>, o plural *vocês* também se emprega como plural de *tu* no lugar de *vós*, e como o plural de “o senhor”, “a senhora”. Gram./uso em que quase todo o Brasil, *você* toma o lugar do *tu* como pronome de segunda pessoa, mas o verbo fica flexionado na terceira pessoa : “Você fez o seu dever?” (HOUAISS, 2015, p. 977)

Faraco (1996) elabora um panorama histórico do uso do pronome pessoal *você*. O autor afirma que a entrada dos pronomes *Vossa Mercê* e *você* se deu de uma forma um pouco diferente no PB, uma vez que, quando os portugueses chegaram no Brasil, *Vossa Mercê* já não apresentava mais o mesmo caráter semântico mapeado em Portugal, em referência ao rei ou à rainha. Aqui, tal forma já era empregada de modo generalizado pelos portugueses que para cá vieram, e o pronome *vós* já se encontrava em processo de arcaização.

Em decorrência dessas mudanças, Faraco (1996) afirma que há fatos que sugerem variação linguística no percurso de *Vossa mercê* para *você*: nota-se um item lexical, que passou a ser gramatical, cristalizando-se como o pronome de tratamento *você*, utilizado hoje no tratamento íntimo, conforme exemplo abaixo:

- (1) meus pais nunca me prenderam sabe? Eles sempre tiveram assim... **você** tem que arcar com as suas consequências... (GOF22- Amanda)³

Da mesma forma que ocorreu com as formas *Vossa mercê* > *você*, hoje, outro processo de gramaticalização que está em curso é o do pronome *você* para a variante reduzida *cê*.

- (2) a) esse morro aqui de trás aqui o que vê é que daqui não da pra vê direito mas **cê** vai ver que da pra vê a silueta da índia dá pra vê os peito a silueta dela a cintura como se ela tivesse deitada de lado de perfil (GOMS36 – João)

³ A sigla refere-se ao código que é dado a cada participante. Desse modo, GO refere à Cidade de Goiás, F a sexo feminino e M, a masculino, S a ensino superior e C a colegial, correspondente ao Ensino Médio e, os números, à idade do participante. Por fim, é indicado o pseudônimo. No capítulo 3, será abordado dados sobre a amostra de dados.

b) esse morro aqui de trás aqui o que vê é que daqui não da pra vê direito mas **você** vai ver que da pra vê a silueta da índia dá pra vê os peito a silueta dela a cintura como se ela tivesse deitada de lado de perfil

Os exemplos acima demonstram que, se houver a troca de *cê* por *você*, o sentido referencial dos trechos não é alterado. Contudo, se esse mesmo raciocínio fosse aplicado às formas *vossa mercê*, *vassuncê*, *vosmecê*, tal intercambialidade não seria possível, porque tais pronomes não designavam apenas as pessoas do discurso, mas também o grau de hierarquia entre os falantes.

Faraco (1996, p. 21) mostra como fatos socioculturais desencadeiam mudanças linguísticas. O linguista também aponta fatos da história das formas de tratamento da língua “mal-entendidos” pelos gramáticos, que continuam a classificá-los como erros e a apresentar realidades do português arcaico como modelos a serem seguidos no ensino da norma padrão nas escolas. Tal quadro desencadeia um distanciamento da realidade do PB. Nas palavras do autor:

Os gramáticos se comportam como se pudéssemos ignorar seis séculos de história, seis séculos em que a mudança nas formas de tratamento acabou resultando em grandes modificações dos paradigmas verbais e pronominais do português e, até mesmo, de alguns aspectos da estrutura sintática. (FARACO, 1996, p. 21).

Entende-se que a língua é heterogênea e está sempre em mudança, por isso, não é possível ignorar as mudanças ocorridas na língua, como por exemplo no caso de *Vossa mercê*, que no início tinha uma conotação de *favor*, *graça*, com menção ao rei, mas que depois passou a ser forma de tratamento e que devido à mudança deu origem a *você*, *forma esta que hoje concorre com as formas reduzidas cê e ocê* (que parece ser mais frequente no meio rural). A esse respeito, Gonçalves (2008, p.193) afirma: “A forma *você* é reconhecida como própria das pessoas da cidade e a forma *ocê* é reconhecida como própria das pessoas da zona rural”, em sua pesquisa em Arcos - MG, nas áreas urbana e rural.

Salles (2001) afirma que o pronome de tratamento *você* é documentado no século XIX, uma etapa do percurso diacrônico da forma nominal *Vossa Mercê*, identificando o fenômeno denominado gramaticalização. No caso específico do pronome *você*, houve não só a perda do sentido original do item, com o desenvolvimento de novos sentidos, como também a redução fonológica da antiga forma.

Hopper e Traugott (1993) também discorrem sobre o processo de gramaticalização que envolve as formas *Vossa Mercê* > *você* > *ocê* > *cê*. De acordo com Vitral (1996, p. 116), essa noção pode ser definida “como a ampliação dos limites de um morfema cujo estatuto gramatical

avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional”.

Em outras palavras, a gramaticalização caracteriza a mudança do termo lexical para uma função gramatical, em que o item perde seu significado original (Vital, 1996, p. 116). Tal processo também acarreta alteração na conjugação dos verbos, pois o pronome *você*, de segunda pessoa do singular, é conjugado na 3ª pessoa do singular, conforme exemplo abaixo:

Quadro 3: Paradigma pronominal do PB e sua conjugação verbal

Pessoa	Pronome	Paradigma 1 – verbo <i>cantar</i>	Paradigma 2 – verbo <i>cantar</i>
1ª pessoa sg.	eu	canto	canto
2ª pessoa sg. (direta)	tu	cantas	-----
2ª pessoas sg. (indireta)	você	canta	canta
3ª pessoa sg.	ele/ ela	canta	canta
1ª pessoa sg.	nós	cantamos	cantamos
2ª pessoa sg.	vós	cantais	-----
2ª pessoa sg.	vocês	cantam	cantam
3ª pessoa sg.	eles/elas	cantam	cantam

Fonte: Duarte (1993, p.109).

Com o quadro acima, verifica-se que a substituição do pronome de segunda pessoa *tu* para *você* acarretou alteração na concordância verbal, já que *você*, forma de segunda pessoa, é utilizada com o verbo conjugado na 3ª pessoa do singular e com redução na desinência verbal de pessoa (tu cantas x você canta●).

Vital (1996) afirma que *cê* parece estar se comportando como clítico nominativo, por apresentar alta frequência de ocorrência em posições contíguas ao verbo. No entanto, esse item pronominal apresenta características atípicas em relação aos demais clíticos do Português, já que admite a não-adjacência estrita ao verbo, pela presença de negação e advérbios, como pode ser observado nos exemplos abaixo:

- (3) é mais perto é menos cansativo entendeu é menos exaustivo aqui **cê consegue** fazer as coisas **cê** produz só que assim mais tranquilo **cê** num tem aquela coisa sabe? é mais assim não é tão cansativo mais **cê consegue** produzir ao mesmo tempo (GOF22 - Amanda)
- (4) acho que **cê não** ia conseguir me enlouquecer eu sou muito tranquilo (GOMS24 - Caio)

- (5) por exemplo *cê coloca* quarenta menino numa sala de aula professor também não dá conta (GOFs41 - Andreia)

Nos excertos acima (3) e (5), há a adjacência de *cê* com os verbos *consegue* e *coloca*, já (4) não admite adjacência com verbo, devido à presença do advérbio de negação *não*.

Segundo Vitral & Ramos (1999), *cê* enquadra-se na categoria dos novos clíticos do PB, de caso nominativo. Para os dois autores, *cê* é resultado de reduções morfofonológicas e outras transformações advindas da gramaticalização da forma *Vossa Mercê*. Os autores, discutem sobre a modificação semântica e afirmam que a gramaticalização de lexemas “implica na perda de conteúdo semântico e também na perda de substância fônica” (VITRAL & RAMOS, 1999, p.1).

1.3 Sistemas pronominais do pronome de segunda pessoa no PB

Pronomes de segunda pessoa estão sujeitos à variação dialetal no PB, resultando em um quadro em que se registram *tu*, *você*, *ocê* e *cê*, e no plural *vós*, *vocês*, *ocês* e *cês*. No *corpus* gravado para esta pesquisa, na Cidade de Goiás, há apenas seis ocorrências pouco expressivas de *ocê*, duas *ceis* e quatro de *te*, e nenhum registro de *tu* por parte de nativos.

Segundo Said (1964), os pronomes pessoais denotam as pessoas do discurso: o indivíduo que fala, o indivíduo com quem se fala, e a pessoa ou coisa de que se fala, conforme verifica no quadro abaixo:

Quadro 4: Pronomes pessoais, de acordo com Said (1964)

Pessoa	Formas de sujeito	Formas oblíquas	
		Não preposicionadas	Preposicionadas
1ª pessoa sg.	Eu	Me	Mim
2ª pessoa sg.	Tu	Te	Ti
3ª pessoa sg.	Ele, ela	Lhe, o, a	Ele, ela
1ª pessoa pl.	Nós	Nos	Nós
2ª pessoa pl.	Vós	Vos	Vós
3ª pessoa pl.	Eles, elas	Lhes, os, as	Eles, elas

Fonte: Gramática secundária e Gramática histórica da língua portuguesa – Said (1964, p.62).

Vê-se, nesse quadro de Said (1964), que as formas de segunda pessoa são somente o *tu*, no singular e *vós* no plural. O quadro apresenta também a forma oblíqua seguida de preposição

com (*comigo, contigo, conosco, convosco*), com partículas do antigo português (*migo, tigo, nosco, vosco, que vieram do latim mecum, tecum, noscum, voscum*).

Na Gramática da Língua Portuguesa, de Cunha (1980), quase não se notam mudanças quanto ao quadro pronominal.

Quadro 5: Pronomes pessoais

Pessoa gramatical	Pronomes pessoais do caso reto	Pronomes pessoais oblíquos não reflexivos	
		Átonos	Tônicos
1ª pessoa do singular	Eu	Me	Mim, comigo
2ª pessoa do singular	Tu	Te	Ti, contigo
3ª pessoa do singular	Ele /ela	O, a, lhe	Ele, ela
1ª pessoa do singular	Nós	Nos	Nós, conosco
2ª pessoa do singular	Vós	Vos	Vós, convosco
3ª pessoa do singular	Eles, elas	Os, as, lhes	Eles, elas

Fonte: Gramática de Língua Portuguesa – Cunha (2013, p. 291).

Cunha (2013) afirma que o pronome *tu* é menos usado no Brasil do que em Portugal. No Brasil, essa forma é mais empregada nas regiões Sul e Norte do país, enquanto nas outras regiões emprega-se a forma *você*. Já Castilho (2010, p.477) afirma que “os pronomes são bastantes suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para a sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua”. Pois, essa reorganização reflete na concordância verbal, na morfologia verbal e na estrutura funcional da sentença. Conforme observa o quadro abaixo a quadro dos pronomes pessoais do PB na atualidade:

Quadro 6: Quadro dos pronomes pessoais no PB

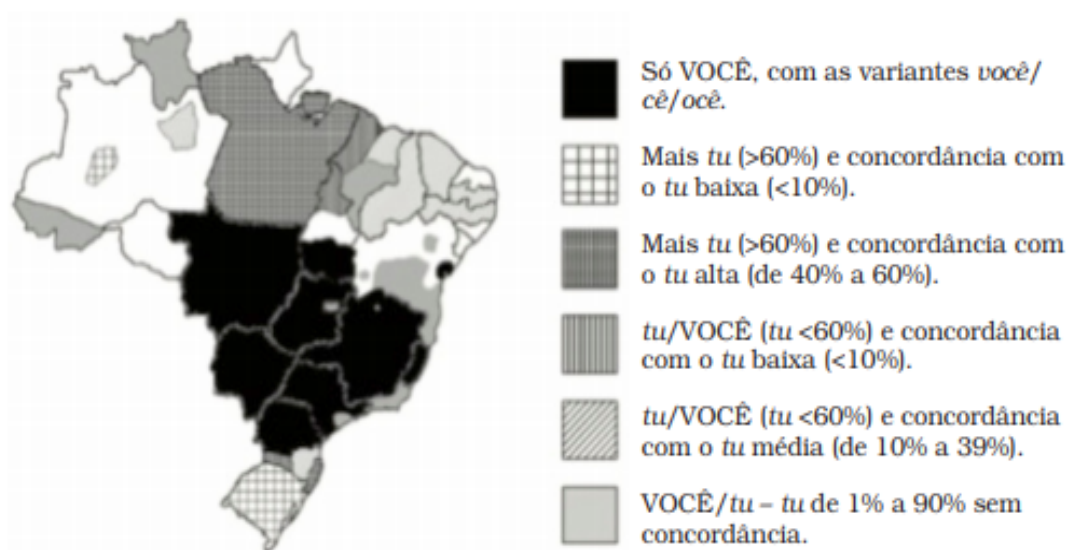
PESSOA	PB PADRÃO		PB NÃO PADRÃO	
	Sujeito	Complemento	Sujeito	Complemento
1ª pessoa do singular	Eu	Me, mim, comigo	Eu, a gente	Eu, me mim Preposição + eu, mim
2ª pessoa do singular	Tu, você, o senhor, a senhora	Te, ti, contigo. Preposição + o senhor, com a senhora	Você, ocê, tu	Você, ocê, cê, te, ti Preposição + você/ocê (docê, cocê)
3ª pessoa do singular	Ele, ela	o/a, lhe, se, si, consigo	Ele, ei, ela	Ela, ele, lhe, preposição + ele, ela
1ª pessoa do singular	Nós	Nos, conosco	A gente	A gente, Preposição + a gente
2ª pessoa do singular	Vós, os senhores, as senhoras	Vos, convosco. Prep. + os senhores, as senhoras	Vocês, ocês, cês	Vocês, ocês, cês. Preposição + vocês, ocês Eles, eis, elas Preposição + eles/eis/elas
3ª pessoa do plural	Eles, elas	Os/as, lhes, se, si, consigo	Eles, eis, elas	

Fonte: Nova Gramática do Português Brasileiro – adaptado de Castilho (2010, p. 477).

Verifica-se no quadro (6), de Castilho (2010), o registro de *cê*, *ocê*, *a gente* e *ei*, formas essas oriundas de um processo de gramaticalização. Verifica-se, por meio dos quadros supramencionados, as mudanças ocorridas, ao longo do tempo, quanto ao uso dos pronomes pessoais. Aqui, cabe ressaltar que *tu* é utilizado em algumas regiões específicas e *vós* praticamente está relegado a contextos de extrema formalidade, geralmente, na modalidade escrita da língua. Em contrapartida, as novas formas citadas por Castilho como *cê*, *ocê*, *você* e *a gente*, são bastante empregadas pela população em geral.

Pesquisas sobre o uso variável de *você* e *cê* foram desenvolvidas em muitos estados do Brasil, tais como as de Minas Gerais, São Paulo, Brasília, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, entre outros. Nesse ponto, nota-se a completa ausência de um mapeamento sociolinguístico de tal variável em solo goiano, ressaltada, inclusive na abordagem comparativa de estudiosos como Scherre (2010-2013), que promove um levantamento do uso de *você* e *tu* no Brasil. Para isso, a linguista propõe uma divisão do PB em seis subsistemas, assim caracterizados: (i) predomínio do *você* e de suas variantes; (ii) predomínio de *tu* com baixa concordância; (iii) predomínio de *tu* e *você* com concordância muito baixa com *tu*, no (iv) predomina o pronome *tu* com concordância média; (v) predomínio de *tu* e *você*, mas sem concordância com o pronome *tu*; (vi) predomínio de *tu* e *você* com concordância média-baixa com pronome *tu*. A figura abaixo ilustra essa divisão:

Figura 5: Mapeamento de *tu* e *você* no PB



Fonte: Scherre *et al.* (2015, p. 142).

Segundo Scherre *et.al.* (2015) a variação dos pronomes de segunda pessoa do singular

ocorre praticamente em todo o território brasileiro, mesmo que algumas regiões não apresentem pesquisa sobre essas formas. Conforme Cardoso e Mota (2017) na região Norte, predomina o uso da forma *tu* em Belém, Macapá e Rio Branco e, no Nordeste, em São Luís. Na Região Sul, especificamente, em Porto Alegre e Florianópolis, há maior recorrência de *tu* (60%), com alta frequência de concordância.

Nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, predominam as variantes *você* e *cê*, quadro que caracteriza a realidade sociolinguística da Cidade de Goiás, visto que, nessa comunidade, não se registra o uso de *tu* e poucas ocorrências de *ocê*. No Rio de Janeiro e no Distrito Federal, é mais recorrente a forma *tu* sem concordância, sobretudo na fala masculina conforme afirmam Andrade (2008; 2009), Paredes (1996) e Lopes (2009).

Nas regiões Norte e Nordeste, há uma tendência ao uso da forma *tu*. No Norte, em Belém (PA), o pronome é utilizado com alta frequência de concordância verbal alta, enquanto, no Nordeste, a concordância é baixa ou zero. Em estudos de Paredes (2005 e 2007) e Martins (2010) verificou-se que há uma predominância de *tu* na fala das mulheres.

1.4 Estudos da variação *você* e *cê* em Brasília

Segundo Luca (2005) há uma predominância do pronome *tu* nas cidades: Brasília, Taguatinga e Ceilândia, mas sem concordância, e entre o sexo masculino. O estudioso explica que esse índice se dá devido à migração de nordestinos para essa região, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Uso de *tu/você/cê* pelos brasilienses

REGIÃO	TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
Ceilândia	87%	8%	5%	121
Taguatinga	66%	25%	9%	244
Brasília	68%	5%	28%	87
Total	72%	17%	11%	452

Fonte: Lucca (2005, *apud* SCHERRE, 2011, p.122).

Conforme se verifica nos dados da tabela (1) há uma predominância do uso do *tu* em Ceilândia com 87% dos casos. Já em Taguatinga e Brasília, a porcentagem dos usos está equilibrada, com 66% e 68% respectivamente. E o pronome *você* foi utilizado somente em Taguatinga, com 25% das ocorrências. Em Brasília, a forma mais comum é o *cê*, com 28%. Logo, conclui-se que, entre os brasilienses, predomina o uso do pronome *tu* (LUCCA, 2005).

Dias (2007) afirma que há uma incidência do pronome *tu* em três gerações brasilienses, de três faixas etárias diferentes, coletadas em 2006 e 2007. O linguista afirma que *tu* é muito utilizado para brincadeiras na faixa etária de 13 a 29 anos, com mais destaque que *você*, como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 2: Faixa etária do uso *tu/você/cê* em Brasília

FAIXA ETÁRIA	TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
13 a 19 anos	30%	15%	55%	171
20 a 29 anos	13%	22%	65%	424
30 a 48 anos	4%	36%	60%	305

Fonte: Dias (2007, *apud* SCHERRE, 2011, p.122)

De acordo com a tabela acima, verifica-se a predominância de *cê* em Brasília, em todas as faixas etárias pesquisadas por Dias (2007), o que sinaliza para um decréscimo de *tu*. Andrade (2010) registrou maior incidência do *tu* na Vila Planalto, e do pronome *você* fora dessa comunidade de fala:

Tabela 3: Regiões do uso de *tu/você/cê* em Brasília

REGIÃO	TU	VOCÊ	CÊ	TOTAL
Vila Planalto	48%	26%	26%	574
Fora da Vila Planalto	6%	65%	30%	261

Fonte: Scherre (2011, p.122).

Por conseguinte, observando os dados de Dias (2007), Lucca (2005) e Andrade (2010), constata-se a predominância do *tu* e o crescimento de *você* e *cê* na fala dos brasilienses.

1.5 Variação do pronome *você*, *cê* e *ocê* em Minas Gerais

Minas Gerais é a região em que constam mais estudos do pronome de segunda pessoa (*tu*, *você*, *cê* e *ocê*), como os de Alves (1998), Gonçalves (2008), Peres (2006), Ramos (1997) Vitral (1996, 2001, 2002).

Vitral (1996, 2001, 2002) defende o processo cliticização pelo qual *cê* estaria passando e frisa que essa forma passou por um processo de mudança que envolveu *Vossa Mercê* > *você* > *ocê* > *cê*, a gramaticalização. O linguista observa o fato da variante *cê* apresentar comportamento sintático diferente das formas *você* e *ocê*, já que se assemelha a um clítico

nominativo. O linguista retoma Ramos (1999) para afirmar que *cê* é o novo clítico de caso nominativo do Português Brasileiro.

Ramos (1997) dedica-se ao estudo da variação de *você*, *ocê* e *cê* em Minas Gerais (Belo Horizonte, e posteriormente em Ouro Preto). Em Belo Horizonte, constatou que, em contextos de referência definida, o uso da variante *cê* é predominante entre os mais velhos, com 65% das ocorrências, ao passo que *você* se destaca entre os mais jovens, com 67%. Quando a referência é indefinida, o uso do *cê* é mais expressivo entre os falantes de faixa etária mediana, com 63% dos casos e, entre os jovens, o índice é de com 53%. A tabela exhibe os dados de Ramos (1997):

Tabela 4: Referência e faixa etária do uso de *você*, *ocê* e *cê*

Faixa etária	Referência definida						Referência indefinida					
	CÊ		OCÊ		VOCÊ		CÊ		OCÊ		VOCÊ	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jovem	2	33	-	-	4	67	47	56	16	19	21	25
Mediano	29	40	9	13	34	47	35	63	6	11	14	26
Velho	71	65	8	7	31	28	5	33	2	13	8	53
Total	102		17		69		87		24		43	

Fonte: *Você, ocê e cê* conforme a referência e faixa etária em Belo Horizonte (RAMOS, 1997, p.50).

Ramos (1997) observou um contraste entre os resultados de Belo Horizonte com os de Ouro Preto, uma vez que a variante reduzida *cê* predominou em Belo Horizonte (55%), já em Ouro Preto a maior incidência se deu com a forma *você* (65%). A explicação atribuída para tal diferença é a de que a incidência da forma conservadora em Ouro Preto tenha se dado pelo fato de se tratar de uma cidade mais tradicional.

Peres (2006) também realizou pesquisas sobre o uso de *você*, *ocê* e *cê* em Belo Horizonte, de forma sincrônica e diacrônica. Ao partir dos estudos de Ramos (1997), ela amplia a faixa etária dos participantes, com a inclusão de crianças, adolescente, jovens, adultos medianos, e adultos com mais de 47 anos. Alguns dados estão expostos na tabela abaixo:

Tabela 5: *Cê* - Faixa etária em Belo Horizonte, 2002

Faixa etária	CÊ					
	Referência definida específica			Referência indefinida genérica		
	Nº	%	P.R.	Nº	%	P.R.
V (+ de 47)	93/114	81,6	.44	93/89	49,2	.32
IV (31-47)	167/191	87,4	.51	144/205	70,3	.53
III (16-30)	133/141	94,3	.66	215/268	80,2	.63
II (12-15)	35/45	77,8	.37	31/39	79,5	.63
I (8-11)	137/162	84,6	.48	0/7	0	-
Total	565/653	86,6		483/708	68,2	

Fonte: Peres (2006, p.148).

Constata-se uma possível mudança em progresso, pois como se pode observar na tabela (5), *cê* tende a ser mais empregada por adultos mais jovens, de 16 a 30 anos (III), tanto com referência específica (.66), quanto com referência genérica (.63). Já os jovens de 12 a 15 anos usam o pronome *cê* com referência genérica (.63) e não há ocorrência entre os adolescentes de 8 a 11 anos.

Tabela 6: *Cê* - Faixa etária em Belo Horizonte

Faixa etária	CÊ					
	BH (1982)			BH (2002)		
	Nº	%	PR	Nº	%	PR
V (+ de 47)	110/148	74,3	.38	186/319	58,3	.33
IV (31 a 47)	53/74	71,6	.44	314/420	74,8	.47
III (16-30)	292/365	80,0	.57	351/446	78,7	.65
Total	455/587	77,5		851/1185	71,8	

Fonte: Peres (2006, p.148).

Verifica-se a partir dos dados da tabela (6), que houve predominância no uso da forma *cê* tanto em 1982, quanto em 2002 em Belo Horizonte – MG, na faixa etária de 16 a 30 anos com pr (.57) e (.65). Peres (2006) observou que em 2002, as mulheres apresentaram maior tendência de empregar a variante reduzida *cê* (.57), em comparação aos homens (.47).

Gonçalves (2008) analisa a variação de *você*, *ocê* e *cê* em Arcos – MG e faz uma comparação entre os resultados de Arcos com os dados de Ramos (1997), Coelho (1999) e Peres (2006):

Tabela 7: Distribuição das variantes

VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
OC	%	OC	%	OC	%	
113	22	120	24	277	54	510

Fonte: Gonçalves (2008, p.184).

Na tabela acima, Gonçalves (2008, p.184) mostra que, na cidade de Arcos-MG, tanto na área urbana quanto na área rural, há uma predominância da variante *cê* (54%), seguida das formas *ocê* (24%) e *você* (22%). Segundo o linguista, os resultados encontrados confirmam os de Coelho (1999), com 50% de frequência da variante *cê* e também os de Peres (2006), em que o item *cê* simboliza 72,6% das ocorrências. Quanto aos contextos de interpretação dos pronomes, Gonçalves mostra a seguinte tabela:

Tabela 8: Distribuição das variantes segundo o contexto de interpretação

Contexto de interpretação	VOCÊ		OCÊ		CÊ		TOTAL
	OC ⁴	%	OC	%	OC	%	
Definido	55	14	97	26	226	60	378
Indefinido	58	44	23	17	51	39	132

Fonte: Gonçalves (2008, p.185).

Os resultados de sua pesquisa se assemelham aos de Peres (2006), em que há favorecimento do pronome *cê* com referência determinada, a passo que, com referência indeterminada, o emprego da variante *você* se mostra mais favorecido. Gonçalves (2008), também verifica que o uso das variantes *ocê* e *cê* são mais frequentes nas regiões rurais do que nas urbanas e pontua que tais formas são mais comuns na fala dos homens.

1.6 Outros estados

Nos outros estados, como afirma Nascimento (2011), há estudos na linha pragmático-discursiva como os de Corradello (1997) e Souza (2008). Corradello (1997), propõe uma análise quantitativa, calcada na Sociolinguística Distribucional, ou seja, não é desenvolvida uma análise variável do fenômeno, e sim da frequência de *você* genérico e indeterminado no *corpus* pesquisado da capital paulista.

Com dados de João Pessoa (Paraíba), Souza (2008) tem como objetivo computar a frequência do emprego da forma *você* no *corpus* pesquisado, com cunho quantitativo. O linguista investiga a referencialidade da forma *você* em João Pessoa.

Em seu estudo sobre o uso variável de *você* e *cê*, na cidade de São Paulo, Nascimento (2011) analisa qual variante é mais recorrente na fala paulistana. Para isso, baseia-se no *Princípio do Contorno Obrigatório* e também em variáveis morfossintáticas, semânticas, discursivo-cognitivas. A linguista conclui que as mulheres favoreciam o emprego da forma reduzida *cê* com referência específica. A pesquisadora também afirma que “a variante *cê* está passando por um processo de cliticização, como os outros clíticos do português” (NASCIMENTO, 2011, p. 199).

⁴ OC diz respeito ao número de ocorrências.

1.7 A variação da forma *você/cê* na Cidade de Goiás

A proposição da variável *você* e *cê*, na cidade de Goiás, decorre da quase nula ocorrência da variante *ocê*⁵, com apenas seis ocorrências, em um universo de 24 entrevistas, como no trecho que segue:

- (6) eu já levei culpa assim por brincadeira mesmo né? às vezes eles dizia ‘ah foi **ocê** que fez isso’... e num era né? (GOMC50 – Fabrício)

Este estudo, que tem como objetivo verificar o uso variável de *você* e *cê* na fala vilaboense, analisa se tal processo se caracteriza como variação estável ou mudança em progresso e se a forma *cê* está de fato se cliticizando na comunidade de fala estudada. Para tanto, vem somar-se a outras pesquisas realizadas no PB, preenchendo uma lacuna de descrição das formas de segunda pessoa no Centro-Oeste do país, trazendo à baila o ineditismo de tal análise variacionista na antiga capital goiana.

Para compreender a rota de mudança dos pronomes na fala vilaboense, foi importante traçar o percurso histórico de *vossa mercê* até *cê*, a fim de verificar como e por quem as formas de tratamento eram utilizadas. Logo, recorreu-se a dados coletados em jornais do século XVIII e XIX, publicados na Cidade de Goiás.

⁵ Foram obtidas seis ocorrências de *ocê*, quatro de *te*, duas de *cêis* e nenhuma de *tu*, em um universo de 24 entrevistados.

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo é dividido em cinco partes. Na primeira seção, são apresentados pressupostos teóricos para as análises aqui desenvolvidas, calcadas na Teoria da Variação e da Mudança Linguística. Nos outros tópicos, foram abordadas as variáveis linguísticas e sociais que se propõem a explicar o uso intercambiável de *você* e *cê*.

2.1 Teoria da variação e mudança linguística

Esta pesquisa se orienta pela teoria teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista, a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (1968), a Sociolinguística nasceu em um momento sócio-histórico em que a Linguística havia sido inicialmente dominada pelas ideias de Saussure (início do século XX), e mais tarde por Chomsky (por volta dos anos 60 do século XX), em que eram privilegiados os estudos linguísticos focados em fatos internos das línguas.

Foi em 1966, nos Estados Unidos, durante o Simpósio *Direções para a Linguística Histórica*, que houve uma renovação dos estudos linguísticos, em que foram reintroduzidas no cenário dos estudos linguísticos, a diacronia e a linguística histórica.

Na década de 50, surgiram as primeiras pesquisas sociolinguísticas, como a tese de doutorado de Weinreich (1951). A Sociolinguística se estabeleceu como teoria e metodologia para a investigação da língua em uso, privilegiando não somente fatos internos, mas também externos à língua, a partir das pesquisas de William Labov (1966).

Os estudos de Labov primavam pela estrutura heterogênea da língua falada por uma comunidade ou por um grupo social, observando a variação como parte de um contexto social, diferentemente de Saussure e Chomsky. Seu foco de interesse são as formas alternativas de se dizer a mesma coisa, licenciadas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos.

Segundo Menon e Penkal (2012), “Labov busca mostrar que a variação é sistemática e previsível. Logo, há diferenças entre utilizar os dados de uma língua efetivamente em uso nas comunidades de fala e uma ciência da ‘parole’ ou uma ciência do ‘desempenho’, que trabalha com uma língua ‘ideal’”.

Para Labov (1966), a variação e as estruturas heterogêneas ocorrem naturalmente nas

comunidades de fala, e o fato da língua ser estruturada não significa que ela seja homogênea. Em virtude disso, o linguista formaliza todo um instrumental teórico e metodológico para tratar a variação.

Labov (1969) amplia o conceito de regra da gramática para instaurar a regra variável, a fim de abranger a variação inerente às línguas. Segundo o linguista, a regra variável deve ter frequência de uso expressiva e estar sujeita à interferência tanto de fatores linguísticos (fonéticos, fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos), quanto de fatores sociais (faixa etária, sexo, grau de escolarização, etnia). Portanto, uma vez detectada a variação e examinados os contextos em que ela se insere, os fatores condicionantes podem apresentar um padrão elevado de sistematicidade, evidenciados pelos resultados do programa estatístico GoldvarbX.

Ao se propor a explicar e descrever a língua, estabelecendo uma relação entre os contextos sociais e linguísticos, Labov (1972) concebe a língua como um fato social, verificando de que maneira os fatores linguísticos (variáveis internas a língua) e os extralinguísticos (variáveis relacionadas ao falante) condicionam o fenômeno linguístico a ser estudado.

Além de variáveis linguísticas e sociais, também devem ser considerados fatores cognitivos - que estão relacionados com o processo de aquisição de conhecimento - e culturais - como as normas compartilhadas pela comunidade de fala em que vive o indivíduo -, que possibilitam ao falante adquirir a estrutura da língua e saber adequá-la conforme o contexto.

A Teoria Variacionista aceita duas proposições, a de que há uma variabilidade inerente em todas as línguas, e a outra de que a heterogeneidade é ordenada e controlada por fatores linguísticos e extralinguísticos, conforme (WEINREICH ET AL., 2006, p.36 [1968]), “numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional”.

Na perspectiva laboviana, a variação linguística antecede às mudanças linguísticas e ocorre de maneira gradual. No entanto Weinreich (1968) afirma que nem toda variação vai resultar em uma mudança linguística, como é o caso do progressivo declínio de *vossa mercê*, que resultou na forma *você*. Assim, a mudança linguística pode ocorrer no tempo aparente, quando há pesquisas em uma comunidade de fala em períodos diferentes, e assim fazer uma comparação entre estes períodos, e no tempo real, para verificar se houve mudança ou se a variação está estável.

Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006), a mudança linguística é caracterizada por cinco problemas: *fatores condicionadores*, *encaixamento da variação*, *avaliação*, *transição* e *implementação*. Os fatores condicionantes tendem a compreender quais as condições de uma

mudança linguística; o encaixamento da variação tende a observar as outras mudanças relacionadas com a estudada, atentando para os fatores linguísticos e extralinguísticos e nos desdobramentos sociais; a avaliação das mudanças estuda os efeitos causados pela variação sobre as estruturas linguísticas comunicativas, discursivas-cognitivas e pragmáticas; a transição visa compreender as etapas mediadoras entre os estados da língua, como o tempo em que as formas coexistem; e a implementação analisa os fatores que são responsáveis pela efetivação da mudança e analisa por que a mudança de uma estrutura ocorre em determinado momento em uma língua e em outra não. Esta pesquisa visa analisar se após a mudança observada a partir da forma *Vossa Mercê*, que originou *você*, seria possível afirmar que, na Cidade de Goiás, há também uma mudança em progresso no sentido de implementar o pronome *cê*.

Conforme Labov (1994), uma forma de investigar uma mudança em seu percurso (mudança em progresso), é observar a distribuição das variantes de acordo com a faixa etária. Caso a forma considerada inovadora, seja mais recorrente na fala das pessoas mais jovens, é possível que haja uma mudança, em direção à preferência por essa forma. Assim, tem-se dois tipos de análise: a de tempo aparente e a de tempo real, que consiste em verificar o comportamento da variável na mesma comunidade de fala em dois períodos distintos, que poderão ser de curta duração.

Nas pesquisas em tempo real, é possível recorrer a tipos de estudo: os de *painel* e os de *tendência*. Nos estudos de painel, examina-se o desempenho do indivíduo em dois momentos. No primeiro momento, coleta-se a amostra com participantes de uma comunidade de fala, e depois de determinado tempo, os mesmos participantes são contactados, e a coleta de dados é refeita, a fim de observar se houve mudança linguística na comunidade de fala. Conforme aponta, Labov (1994), contudo, se a comunidade investigada é uma grande população urbana, será difícil localizar os mesmos indivíduos que compuseram o estudo anterior. Logo, o estudo de tendência seria mais recomendado, uma vez que bastaria seguir os mesmos procedimentos, mas com participantes diferentes, para obter uma segunda amostra representativa da comunidade. De acordo com Labov (1994), o estudo de tendência é o mais adequado para estudar mudanças linguísticas em progresso, pois proporciona dois conjuntos de dados de tempo aparente e de tempo real.

(KROCH, 1989; apud. PAIVA, DUARTE, 2003, p.15) afirma que o tempo real tende a apresentar a implementação da mudança de duas maneiras: pelo aumento da taxa de *input*, taxa de emprego de uma variante em relação a outra, ou pela ampliação do contexto de uso dessa variante conforme (LABOV, 1972), sendo ambos os casos excludentes.

A análise de uma faixa etária pode mostrar que os padrões na fala foram alterados ao

longo do tempo, por exemplo, com o uso de uma variável por participantes mais jovens ou mais velhos, que usam mais uma determinada variante, apresenta que há mudança em progresso, conforme afirma Paiva e Duarte (2003). Na pesquisa na comunidade de fala da cidade de Goiás, das variantes *você* e *cê*, a variável faixa etária foi controlada com o objetivo de verificar se há mudança em curso.

Segundo Labov (1994), a concepção do modelo sociolinguístico pode ser sincrônico e diacrônico, e as variantes correspondem a certos contextos, que são favorecidos por fatores condicionadores, que podem influenciar na análise de grupos de fatores: o contexto fonológico, a posição da variável, a classe morfológica da palavra e o estatuto morfológico da palavra que contém a variável.

Quadro 7: Envelope de variação

Variantes no PB	Variantes encontradas na Cidade de Goiás	Variantes investigadas
Você (s)	você	você
Cê (s)		
Ocê (s)		
Ucê (s)	ocê	cê
Vcê (s)		
Tu	cê	
Zero		

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro (7) tem-se o envelope de variação com a variável dependente, com as variantes *você*, *ocê* e *cê* encontradas na cidade de Goiás. Como já explicado, a variante *ocê* foi descartada, devido à sua ocorrência inexpressiva.

- (7) a) eu acho que até as vezes eu falo nossa **cê** é até meio macumbeiro (risos) que quando ele fala **cê** fica até meio assim que acontece (GOFs41 – Andreia)
- b) eu acho que até as vezes eu falo nossa **você** é até meio macumbeiro (risos) que quando ele fala *você* fica até meio assim que acontece

No excerto (7a) há o uso da forma reduzida *cê*, e no item (7b) procedeu-se à troca de *cê* por *você*, de modo a demonstrar a intercambialidade das formas, sem alteração de sentido dos enunciados. Assim, verifica-se que uma forma pode ser empregada no lugar da outra, preservando o valor de verdade. Neste estudo, analisa-se o uso da variável dependente em relação às variáveis internas: tonicidade da sílaba antecedente, tonicidade da sílaba seguinte, coalescência entre o pronome e o verbo, função sintática, referência/referencialidade do

pronome, tipos de discurso, paralelismo I (do pronome *você* e *cê*), paralelismo II (formas reduzidas adjacentes ao pronome como: *tá*, *num*); e também acerca das variáveis sociais: sexo, escolaridade e faixa etária.

Quadro 8: Variáveis independentes – internas

VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	VARIANTES
Fonético-fonológicas	Tônica Átona Mediana
Morfossintáticas	Coalescência/adjacente Clíticos (<i>se</i> , <i>me</i> , etc.) <i>Não</i> , <i>Num</i> (redução de <i>não</i>) Monossílabo com ditongo nasal (<i>nem</i>) Monossílabo com ditongo nasal (<i>nem</i>) Que Monossílabo tônicos (<i>já</i> , <i>só</i> , <i>tá</i>) Advérbios/locução adverbiais (<i>às vezes</i>) Sintagmas Sujeito Objeto Dupla função (<i>sujeito e objeto</i>) Complemento de preposição
Semântico-discursivas	P1 oculto (ocultamento do <i>eu</i> – 1ª p. sing.) P1 expandido” P2 específica ao locutor P3 genérico Híbrido/ ambíguo (específico e genérico) Reportado Não reportado
Cognitivas	Isolada 1ª em série 2ª em série, com a anterior <i>você</i> 2ª em série, com a anterior <i>cê</i> 3ª ou + de uma série, com as anteriores <i>você</i> 3ª ou + de uma série, com as anteriores <i>cê</i> 3ª uma série mista, <i>cê</i> - <i>você</i> 3ª uma série mista, <i>você</i> - <i>cê</i> <i>Tá</i> (redução de <i>estar</i> – 1ª sílaba), <i>tê</i> (verbo <i>ter</i>) <i>Tava/tive</i> (redução do verbo <i>estar</i> – 2 sílabas) <i>Num</i> (redução do advérbio de negação <i>não</i>) 2 reduzidos (<i>num</i> + redução de um verbo)

Fonte: Elaborado pela autora.

Apresentam-se, no quadro acima, as variáveis independentes internas, que serão descritas e também serão apresentados exemplos dessas variáveis no capítulo 3. No quadro (9), destacam-se as variáveis independentes sociais (fatores sociais).

Quadro 9: Variáveis independentes – sociais

VARIÁVEIS SOCIAIS	VARIANTES
Sexo	Masculino Feminino
Faixa etária	1ª faixa etária (25 a 35 anos) 2ª faixa etária (36 a 50 anos)
Escolaridade	Ensino Médio Ensino Superior

Fonte: Elaborado pela autora.

A comunidade de fala é comumente definida como “um conjunto de falantes que compartilham uma ou mais línguas”, em um determinado local, e na presente pesquisa tal definição abrange a Cidade de Goiás como universo de pesquisa, em que o uso variável e a avaliação sociolinguística acerca de *você* e *cê* parecem advir de uma coerção social interna entre os falantes vilaboenses. Segundo Lucchesi (2006):

a comunidade de fala não se define pela homogeneidade do comportamento linguístico dos seus membros, mas pelo sistema de valores com que julga esse comportamento e pelas tendências estruturais de mudança linguística impulsionadas na rede de relações sociais. (LUCCHESI, 2006, p.86).

Lucchesi afirma que uma comunidade de fala não é definida pela homogeneidade dos indivíduos do local, mas pelo sistema de valores e pelas estruturas linguísticas nas relações sociais que impulsionam mudanças linguísticas. Nesse sentido, as pesquisas sociolinguísticas adotam padrões quantitativos para comprovar a sistematicidade da variação, com o intuito de empreender uma análise e testar as hipóteses aventadas pelo pesquisador, de acordo com as variantes estudadas. Logo, a partir do resultado obtido, será possível averiguar se houve encaixamento social e linguístico de um fenômeno variável.

O GoldVarb X surgiu a partir do pacote Varbrul, (do inglês Variable Rulles Analysis) é uma ferramenta que permite a apresentação das frequências absolutas e relativas dos dados previamente preparados pelo pesquisador, de modo a correlacionar informações de caráter linguístico às informações de caráter social da amostra linguística em estudo. Segundo Tagliamonte (2006), o GoldVarb X é um programa que foi desenvolvido por pesquisadores matemáticos, para a quantificação de dados e análise sociolinguística, que se encontra disponível na internet para o usuário, que nas primeiras rodadas acha-se complexo, principalmente porque sua versão está em inglês.

Guy e Zilles (2007, p. 105) afirmam que “o Varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística”. Scherre (2012) explica que o programa auxilia na medição do peso

relativo de cada fator variável, sendo eles independentes ou em grupos, a exemplo dos resultados obtidos neste estudo, que serão apresentados no capítulo 4.

2.2 Gramaticalização e Cliticização

Segundo Kurylowicz (1965), a gramaticalização é um tipo de mudança linguística, em que itens lexicais passam a desempenhar funções gramaticais (menos ou mais gramaticais), que pode ser observada pelo *continuum* proposto por Hopper e Traugott (1993, p.7):

ITEM LEXICAL > PALAVRA GRAMATICAL > CLÍTICO > AFIJO FLEXIONAL

A partir da escala acima, verifica-se que a forma de tratamento *Vossa Mercê*, originalmente, um item lexical, deu origem ao pronome *você*, *palavra gramatical*, seguindo o *continuum*, constata-se que a forma reduzida *cê* obedece à sequência de Hopper e Traugott (1993), já que *cê* tem sido considerado como um clítico, como afirmam Ramos (1997), Vitral (1996, 2006), Corrêa e Ramos (2006) e Zilles (2002, 2005).

De acordo com Vitral (1996, p. 116), a gramaticalização pode ser definida “como a ampliação dos limites de um morfema cujo estatuto gramatical avança do léxico para a gramática, ou de um nível menos gramatical para o mais gramatical, isto é, de formante derivativo para formante flexional”. Em outras palavras, a gramaticalização é a mudança do termo lexical para uma função gramatical, que nesse processo perde o seu significado original. Tal processo parece se enquadrar de modo bastante adequado no que se verifica acerca da história das formas de tratamento de segunda pessoa do singular no PB, como demonstrado no parágrafo anterior.

Vital e Ramos (1999) lembram que a gramaticalização de lexemas implica na perda de conteúdo semântico e na perda de substância fônica. Logo, as mudanças passam por processo de gramaticalização em diferentes níveis linguísticos, como no plano fonético-fonológico, em que “há perda de substância fônica” ou “uma perda de proeminência acentual”; no plano semântico, em que há o processo de “desbotamento semântico” ou “abstratização semântica” e no plano morfossintático, em que as formas que eram plenas e independentes sintaticamente tornam-se dependentes contextualmente, assim as formas plenas tornam-se reduzidas (clítico).

Segundo Vitral (1996, 2001, 2002) as formas pronominais *você* e *cê* (também *ocê*, não é explorada nesta pesquisa), estão em processo de cliticização, ou seja, a forma reduzida *cê* parece estar se comportando como clítico nominativo, por apresentar alta frequência de

ocorrência em posições adjacentes (contíguas) ao verbo.

O linguista argumenta, contudo, que essa forma pronominal apresenta características diferentes dos demais clíticos do português, já que admite a não-adjacência estrita ao verbo, pela presença de negação e advérbios:

- (8) demais o Leonardo top top eu já vi o Almir Sato também lá no Patricinha que lá... época de julho **cê** vê muito famoso lá (GOFC40 - Marta)
- (9) eu acho que Goiás é muito rico em história não só naquele ponto fixo mas **cê** tem que andar na cidade pra você observar tudo (GOFS35 - Maria)
- (10) assim num sei eu nunca tive problema com isso mas acho que eu pediria pro **cê** abaixar o som (GOMS26 - Ronaldo)
- (11) eu sei que não diretamente da cidade mais que **cê** mora morava em Goiânia (GOFS28 – Sandra)

Conforme os trechos acima, pode-se observar que *cê* admite a adjacência com os verbos. Já nos excertos abaixo, a forma reduzida não é empregada de modo adjacente ao verbo, devido à presença do advérbio de negação *num* contíguo ao pronome *cê*.

- (12) a gente usa um termo aqui que é muito comum que é o jeitinho brasileiro que é algo que **cê** num vê em outros lugares do mundo (GOFS35 - Maria)
- (13) acho que **cê** não ia conseguir me enlouquecer eu sou muito tranquilo (GOMS30 – Muriel)

Verificam-se nos dados acima, o uso de advérbio de negação entre o verbo e a forma reduzida, o que implica no fato de serem clíticos diferentes do clítico pronominal, conforme afirmou Vitral (2002, p.163).

- (14) D⁶1: se você me encontrasse aqui em Goiás você me indicaria um lugar pra eu conhecer assim um lugar que você ache interessante se eu fosse um turista?
P: aqui tem vários lugares pra **se** conhecer uns dos lugares que eu **te** falaria pra você conhecer porque tem uma natureza bonita uma natureza gostosa (GOFS49 – Analice)
- (15) ela levantou e perguntou nossa **cê** me deu um beijo dormindo ele ‘não eu num dei beijo nenhum não’ perguntou pra todo mundo e ninguém tinha dado beijo nenhum nela (GOFS22 – Amanda)

⁶ D1: Documentador; P: Participante.

Nos exemplos acima, verifica-se a adjacência dos clíticos *se* e *me* aos verbos, o que atesta uma divergência de tais pronomes ao clítico *cê*, que admite o uso de advérbios entre ele e o verbo ao qual se relaciona, no trecho (15) observam-se dois clíticos juntos, o *cê* e o *me*, em que o *cê* é um sujeito e *me* é um clítico pronominal.

Diante disso, autores como Vitral & Ramos (1999) adotam a perspectiva de que *cê* se enquadra na categoria dos novos clíticos do caso nominativo do PB. Os linguistas também fazem observações sobre a modificação semântica de *cê*, ao afirmarem que a gramaticalização de lexemas “implica na perda de conteúdo semântico e também na perda de substância fônica” (VITRAL & RAMOS, 1999, p. 1).

Verifica-se que o processo de gramaticalização também é caracterizado por mudanças sintáticas, uma vez que, como substantivo, *mercê* era utilizada de forma menos fixa na sentença do que a forma de tratamento *vossa mercê*, oriunda de tal substantivo, o que se estende para pronomes que dela derivam.

Bybee (2002) observa outras características presentes no processo de gramaticalização como a frequência *token* (que é o aumento da sua frequência de uso) e a frequência *type* (que é o aumento da variedade de contextos que o item passa a ter). Essas frequências são importantes, por exemplo para observar a frequência dos verbos que acompanham *você/cê*. O objetivo desse grupo de fatores é verificar se a redução do pronome tende a ocorrer quando o item compõe orações cujos verbos são mais recorrentes na amostra considerada.

Barbosa (2005) afirma que *cê* tem um status de palavra plena e não um clítico. Andrade (2004, p. 130), por sua vez, conclui que a forma *cê* “apresenta tanto características de pronome fraco como de clítico”:

Partindo do pressuposto de que a gramaticalização é um processo lento e gradual, pode-se admitir que *cê* possa estar adquirindo comportamento clítico, sem, no entanto, apresentar todas as características próprias de um clítico verdadeiro (ANDRADE, 2004, p. 130).

Conforme o linguista afirma, *cê* é uma categoria que por estar em um estágio intermediário do processo de gramaticalização, não apresenta ainda todas as características próprias de um clítico verdadeiro. Haja vista que, *cê* está se cliticizando, dois fatores se mostram relevantes: (i) a presença de constituintes entre o clítico e o verbo e (ii) a faixa etária do participante, traçando um paralelo entre diferentes estudos. Vitral (2002) também afirma que um clítico precisa se apoiar em algum termo como o verbo. Por esse motivo o clítico não pode ser topicalizado, nem modificado por um advérbio, e nem um complemento de preposição, pois,

como complemento de preposição, admitem-se apenas formas fortes e tônicas. Conforme essa afirmação, é questionável afirmar que a forma reduzida *cê* seja um clítico, que tal forma esteja em processo de cliticização, ou se estaria passando pelo fenômeno de interpolação, caracterizada pela não adjacência estrita ao verbo.

Considerando que a cliticização deve ser vista como um processo diacrônico, previsto através de estágios discretos, que deverão ser percorridos por cada processo específico de cliticização. Vitral (2002, p.165) afirma que a interpolação não descaracteriza o pronome *cê* como um clítico, visto que, nos processos iniciais, é possível aparecerem algumas ocorrências de interpolação. Assim, concluímos que o processo de cliticização ainda está em andamento, sendo este diferente das regras do clítico pronominal, pois a forma reduzida *cê*, que é o novo clítico, admite a ocorrência de interpolação entre o verbo e o pronome.

Este fato do novo clítico aceitar a interpolação serve para compreender e fundamentar o grupo de fatores de Coalescência do pronome ao verbo e ao condicionamento semântico e fonético-fonológicos, que apoia na hipótese da cliticização da variante reduzida *cê*.

2.3 Concepções discursivo-pragmáticas para a referência

Segundo Moura Neves (2000, p. 449), a referência dos pronomes pessoais tem *caráter fórico* e se define por meio da enunciação (exofórica) ou do enunciado (endofórica), de modo que o primeiro, tem os pronomes de primeira e segunda pessoa do singular, os dêíticos. Todavia, apesar de apresentar um significado gramatical, a interpretação do pronome depende do discurso, da enunciação.

Nesse sentido, ao empregar os pronomes *você* e *cê*, o falante pode lançar mão de dois tipos de referência, a específica e a genérica. A primeira é caracterizada pela forma direta com que o falante se refere ao interlocutor, de modo que o referente é conhecido e definido no contexto discursivo. No segundo caso, o pronome não é dirigido especificamente ao interlocutor, mas a um público indefinido. Os excertos abaixo ilustram, respectivamente, o uso específico e o genérico das variantes *você* e *cê* na fala vilaboense:

- (16) eu ia pra aula cansado eu trabalhava o dia todo de servente de pedreiro as vez eu chegava na aula eu num queria nem saber o que a professora estava falando... não sei se **você** tem intimidade com a N. mas **cê** pode perguntar isso pra ela... ‘como é que era o L.?’ ela vai falar que eu

sempre fui um excelente aluno mas eu dormia demais (risos) (GOMC38 – Lúcio)

- (17) ia melhorar principalmente a saúde porque é uma coisa triste de se vê a saúde como tá aqui é muito doloroso **cê** ir nos hospitais de Goiânia ...e vê o tanto de gente morrendo porque é uma coisa que **cê** paga ninguém tá de graça **cê** paga imposto e a educação também que tá um caos também (GOFS22 – Amanda)

Nos trechos acima, *você* e *cê*, expressam, respectivamente, referência específica e genérica. Em (17), o pronome está se referindo a um grupo de pessoas que pagam imposto, a pessoas de forma genérica que vão ao hospital e não são atendidas.

A referência é voltada para a relação entre expressões linguísticas e os objetos situados no mundo real, a semântica. A referenciação é um processo produzido no discurso e pelo discurso, podendo ser modificada ou alterada à cada enunciação ou até mesmo dentro das enunciações conforme afirma Koch e Marcuschi (1998).

[...] falaremos de *referenciação*, tratando-a, assim como a categorização, como advindo de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada. Como diz Rastier [1994: 19], a referenciação não diz respeito a “uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas de uma relação entre o texto e a parte não linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”. (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20 [1995])

Mondada e Dubois (2003, [1995]) afirmam que há uma relação entre o texto e a parte não linguística, ou seja, necessita de uma interpretação do texto, como também afirma Ilari et.al. (1993, p.82):

O que parece certo é que a interpretação dos pronomes (não só dos pessoais, mas de todos os fóricos) é do âmbito da **semântica textual**, não da semântica da palavra, embora seja identificável em cada um dos fóricos (os pessoais e alguns outros pronomes) uma instrução muito firme para a interpretação. É que os fóricos incorporam uma indicação precisa de relações, seja com o ato discursivo, seja com outras porções da peça do discurso, situando-se a variedade na possibilidade de mudanças do elemento referido ou recuperado, não na relação em si. (ILARI, 1993, p. 82).

Ilari (1993) afirma que, para a interpretação dos pronomes pessoais é preciso elucidar o contexto em que estão inseridos. Duas ou mais expressões linguísticas podem identificar o mesmo referente, sem que nenhuma delas seja referencialmente dependente da outra. Logo, informações de caráter extralinguístico no texto permitem afirmar se há ou não correferência entre duas expressões nominais.

Vitral e Ramos (2006) ampliam a questão de referência com mais três tipos de empregos

dos pronomes *você* e *cê*: específico, genérico e expletivo, que podem ser observados nos techos abaixo:

- (18) D1: *cê* deduziu
S1: isso deduzi que *cê* seja daqui (GOFS45 – Andrea)
- (19) ia melhorar principalmente a saúde porque é uma coisa triste de se vê a saúde como tá aqui é muito doloroso *cê* ir nos hospitais de Goiânia ...e vê o tanto de gente morrendo porque é uma coisa que *cê* paga ninguém tá de graça *cê* paga imposto e a educação também que tá um caos também (GOFS22 – Amanda)
- (20) S1: hoje em dia *cê* num tem segurança igual na casa do meu pai todo mundo conhece meu pai meu pai podia deixar portas abertas que ninguém entrava ai eu tava morando sozinha ai entraram la em casa entendeu (GOFS45 – Amanda)

No excerto (18) *cê* tem referente específico, pois está se referindo a pessoa com quem se fala. Em (19) o referente é genérico, pois se trata “das pessoas irem nos hospitais de Goiânia de um modo geral”, e no (20) é expletivo, pois o pronome pode ser retirado da frase sem causar prejuízo sintático e semântico na frase. Nesta pesquisa, aventa-se a hipótese de que o uso da forma *cê* possa favorecer o uso do referente genérico ou o específico.

A referência integra a noção de enunciado, que de acordo com Searle (1969), implica em um significado referencial e um predicativo, que por meio do ato de referência, constitui-se uma entidade extralinguística e, por meio do ato de predicação, atribui-se a essa entidade uma certa propriedade, estado ou comportamento.

- (21) mas eu queria fazer algumas coisas minha vó falava isso é de menino essa brincadeira é de menino não pode *cê* é uma menina tudo sabe e eles eram bem (GOFS41 – Andrea)

Logo, “*não pode, cê é uma menina*”, constitui uma proposição, pois atribui um predicado ao elemento referencial *cê*. Segundo Pêcheux (1969), o discurso é uma atividade comunicativa, que produz efeito de sentido, que envolve os enunciados produzidos pelos interlocutores e o processo de enunciação, visto que é regulado por questões externas como sócio-histórica e ideologias que determina regularidades linguísticas, as quais resultam no texto.

Segundo Benveniste (1989), a enunciação é um processo que consiste em “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. O linguista afirma que a enunciação é o evento único de produção do enunciado, assim o enunciado é o resultado do

processo de enunciação.

Benveniste (1989) também afirma que o enunciado é uma unidade resultante de um processo único, consequentemente é também uma unidade singular, estreitamente relacionada às condições que permitiram a sua aparição. Os pronomes de primeira e segunda pessoa são definidos na enunciação e referem-se a realidades distintas cada vez que forem enunciados, diferentemente dos pronomes de terceira pessoa, cuja referência não depende da enunciação.

No quadro abaixo apresenta-se uma síntese das classificações do estudo de referência do pronome *você* e *cê* que Nascimento (2011) abordou, e correlacionou essa classificação com pesquisa de outros pesquisadores como Ramos (1997), Vitral e Ramos (2006, [1999]), Souza (2008), Corradello (1997) e Nascimento (2008a).

Quadro 10: A referência de *você/cê* e seus subtipos

Ramos (1997)	Vitral e Ramos (2006 [1999])	Sousa (2008)	Corradello (1997)	Nascimento (2008a)
Definida	Definida	P2	[2ª p. sing]	Específica
	Indefinida	P1	1ª + 2ª + 3ª pes.	Híbrida
Indefinida	Expletivo	Genérica	1ª + 3ª (-2ª) pes.	Genérico 1
			1ª (-2ª - 3ª) pes.	Genérico 2
			1ª - 2ª + 3ª pes.	Expletivo

Fonte: Nascimento (2011, p.70).

Observa-se que cada autor, em suas pesquisas apresenta propostas diferentes com relação à referência de *você* e *cê*. Logo, observa-se nuances de diferenciação quanto ao uso dos pronomes, que podem ser condicionadas por padrões de uso de cada comunidade de fala em estudo. Os sinais (+ e -) sinalizam a noção de referência definida ou indefinida do pronome.

Corradello (1997) afirma que a referência está associada à significação, mesmo em noções distintas, em que a referência só é possível por meio do sentido (ou pensamento), e não ao contrário. O autor também afirma que o valor de verdade de uma sentença é a sua referência, no entanto, ele verifica que nem sempre a referência de uma sentença é o seu valor de verdade. Assim, para determinar a referência ou valor de verdade, é necessário observar as circunstâncias discursivas.

No próximo capítulo, tratará dos grupos de fatores empregados para a análise do uso variável de *você* e *cê*, será retomada a noção de referência dos pronomes, de acordo com Corradello (1997), de modo a enquadrar a realidade sociolinguística dos pronomes em questão no panorama da referência, como o fizeram os estudiosos do quadro acima.

2.4 O Princípio do Contorno Obrigatório

O *Princípio do Contorno Obrigatório* (PCO, do inglês *Obligatory Contour Principle*, OCP), de McCarthy (1986), é uma das formas de determinar a distribuição dos segmentos nas palavras. De acordo com esse postulado, fica vetada a adjacência de consoantes idênticas nas representações fonológicas. Desse modo, se em uma sequência ocorrem dois segmentos idênticos (vogais longas ou geminadas), esses segmentos são reduzidos a um só, mantendo a unidade temporal de ambos.

Guy & Boberg (1997) afirmam que esse princípio é tratado como uma regra variável, que atua não apenas em termos categóricos, mas também probabilísticos, tomando como exemplo a sua aplicação à variação no uso dos segmentos /t/ e /d/ em final de palavra em inglês. O apagamento ou não desses segmentos é determinado pelo contexto fônico antecedente. Logo, a inexistência da sequência de duas oclusivas coronais /t, d/, na língua inglesa, ilustra a atuação categórica do OCP.

Esse princípio também atua de modo favorável ao apagamento de /t/ e /d/. Tal fato ocorre quando o segmento antecedente compartilha um maior número de traços com esses fonemas. Quando houver, no contexto precedente, uma consoante oclusiva não-coronal, uma sibilante, ou a nasal coronal /n/, a tendência de /t/ e /d/ serem apagadas será menor.

Conclui-se que isso ocorre porque o contexto fônico precedente compartilha com o seguinte apenas um traço fonológico, como no caso das nasais não-coronais, das fricativas e das laterais, como no trecho abaixo:

- (22) é que teve a época mais assim dos meus pais é você fazia até o ensino fundamental é como se cê tivesse um Ensino Superior porque ele era é sério ele era rígido (GOFs49 – Analice)

Verifica-se, no trecho (22), uma ocorrência em que *cê* foi empregado de acordo com o Princípio do Contorno Obrigatório. A variante é seguida pela sílaba átona do verbo *tivesse*, evitando-se, assim, o choque acentual (tônica + tônica).

As colisões de acento surgem em uma determinada sequência, quando dois acentos primários se colocam um após o outro, na grade métrica até o domínio da frase fonológica. Essas colisões podem ser eliminadas por regras de eufonia, que conspiram para que a grade se aproxime de um ideal de alternância de sílabas fortes e fracas, expresso através do Princípio de Alternância Rítmica (PAR).

Selkirk (ABOUSALH, 1997, p.68) define as noções de *colisão acentual* e de *lapso*

acentual:

- (a) Toda sílaba forte num nível métrico *n* deve ser seguida por, pelo menos, uma posição fraca naquele nível;
- (b) Qualquer posição fraca num nível métrico *n* pode ser precedida por, no máximo, uma posição fraca naquele nível.

O trecho (a) refere-se à noção de colisão acentual (sequência de duas sílabas acentuadas) e o (b) a noção de lapso acentual (sequências longas de sílabas átonas). Uma das estratégias possíveis para se evitar o encontro de duas sílabas acentuadas é a “retração do acento”, em que essa retração é responsável pela colisão de choque, cuja implementação, em inglês, se dá pela acentuação da sílaba anterior à esquerda da primeira acentuada da colisão, que fica desacentuada pela aplicação da regra.

O Princípio do Contorno Obrigatório será utilizado para justificar algumas hipóteses desse trabalho no grupo de fatores do capítulo III.

2.5 Princípios Cognitivos

São abordadas, nesta pesquisa, questões cognitivas que estão correlacionadas ao emprego dos pronomes de segunda pessoa *você* e *cê*, tais como o paralelismo de formas e a frequência do verbo adjacente ao pronome. Estas questões estão associadas ao discurso e tem caráter cognitivo (que está relacionada com o processo de aquisição de conhecimento). O primeiro deles é o *paralelismo* ou princípio do processamento paralelo, que pode ser definido como a manutenção de uma mesma forma em série, em que a forma antecedente exerce sobre a subsequente.

Scherre (1988, p.301) considera que o efeito do paralelismo deve ser interpretado como uma “tendência geral de formas gramaticais particulares que ocorrerem juntas”, ponderando que uma questão maior de processamento deve envolver este tipo de variável. A autora afirma também que a “sua forma de atuar, cria uma harmonia discursiva formal, tornando o discurso mais coeso”. Continuando seu raciocínio, observa-se que:

(...) em verdade, a forma de atuar da variável *Paralelismo formal* mostra que os falantes são compelidos a usar formas semelhantes por algum princípio mental associativo, que pode estar ligado a uma das formas da mente humana operar, refletido no comportamento humano em geral. (SCHERRE, 1988, p.42)

Recebendo denominações diferenciadas dentro da literatura variacionista, a variável é hoje bastante conhecida como paralelismo linguístico. Embora essa variável tenha um efeito uniforme e geral – candidata a universal de uso e processamento linguístico (SCHERRE, NARO, 1991) –, sua interpretação ainda tem sido bastante diversificada.

No trecho abaixo, verifica-se a ocorrência do paralelismo, em que observa o uso de *você* posterior à forma *cê*.

- (23) cara na época que nos brincava quando criança talvez **cê** não conhece mais chamava “salva latinha” é o mesmo que esconder só que **você** jogava uma latinha arremessava uma lata e enquanto a pessoa estava indo buscar todo mundo escondia (GOMC38 – Lúcio)

Segundo Paiva e Scherre (1999), a sistematicidade dessa variável faz com que ela adquira o *status* de um “universal de processamento linguístico”, que é identificada em diversos níveis linguísticos e em várias comunidades de fala não só no PB. Sabe-se que outro princípio de natureza discursiva e cognitiva refere-se à frequência com que os itens linguísticos são empregados pelos falantes. Tal princípio é de grande importância e interesse para os estudos de gramaticalização (BYBEE, 2002) e atende aos interesses dos estudos de língua em uso.

Itens cujo emprego é mais frequente são mais facilmente “estocados” pelos falantes e seu acesso também é facilitado. Segundo Haiman (1994, apud. Hopper & Bybee, 2001), a alta frequência de emprego de um elemento também é considerada responsável pelo processo desse item “habituação”, de modo que o uso constante de um elemento pode levar a “perda ou mudança” de certos traços – o que conduz ao *bleaching* envolvido nos processos de gramaticalização, como se discutiu em 2.2.

De acordo com Jurafsky et al. (2001, p.230), a *Hipótese de Redução Probabilística*, afirma que quanto maior a frequência de um termo integrante maior a probabilidade de ele ser reduzido. Em palavras funcionais do inglês, por exemplo, processos de redução vocálica são causados pela frequência de palavras vizinhas. Em itens lexicais, o linguista também observou que o apagamento das finais /-t/ e /-d/ são influenciados apenas pela frequência da palavra que contém aqueles segmentos.

Conforme afirma Huback (2013, p.91) tem-se dois fenômenos que afetam a redução fonética, a frequência de ocorrências e a automatização. Logo, as palavras mais frequentes são afetadas em dois fenômenos que desencadeiam redução fonética. A frequência de ocorrência leva alguns itens a se tornarem comuns no discurso. Consequentemente, quando são utilizados, não são verbalizados em sua forma plena.

Por outro lado, o fato de serem frequentes também acarreta uma maior rapidez de sua pronúncia. Portanto, a automatização parece atuar primeiramente em palavras mais frequentes. Levando em consideração que cada ocorrência de uma palavra, mesmo que empregada repetidamente, é estocada na memória, itens foneticamente reduzidos acabam adquirindo mais força do que aqueles pronunciados de forma plena. Por fim, esse processo cognitivo pode resultar na mudança linguística. O excerto abaixo exemplifica a rotinização da forma reduzida *cê*, fator que pode contribuir para uma possível automatização do pronome na fala vilaboense:

- (24) na verdade pra quem mora no Centro-Oeste é a nossa praia né a praia goiana é Aruanã então *cê* vê o fluxo de Goiânia pra cá de pessoal de Anápolis de várias partes tem essa migração então *cê* tem a rota aqui *cê* tem depois a rota Britânia geralmente concentra quase tudo aqui (GOMS36 – João)

Considerando a alta frequência do pronome *cê* no PB, conforme já testemunharam os estudos de Huback (2013) e Nascimento (2011), este item pode estar passando por um processo de automatização (BYBEE, 2002), discussão que será retomada no próximo capítulo, com base em dados da fala vilaboense.

O capítulo seguinte apresentará a metodologia adotada pela presente pesquisa e abordará as variáveis linguísticas e sociais que fundamentam as análises quantitativas realizadas acerca do uso variável de *você* e *cê* na Cidade de Goiás.

CAPÍTULO 3 – MATERIAIS E MÉTODOS

Neste capítulo, descreve-se a comunidade linguística em estudo, e posteriormente são expostos alguns dados da amostra vilaboense. Além disso, os procedimentos de coleta, transcrição e codificação das ocorrências de *você* e *cê*, no GoldVarb X, são explanadas com detalhes. Por fim, são abordadas as variáveis linguísticas e sociais que embasaram as análises quantitativas.

3.1 Cidade de Goiás como *locus* investigativo

A Cidade de Goiás foi fundada no século XVIII, pelos bandeirantes que vieram à procura de ouro. Quando Bartolomeu Bueno da Silva Filho chegou à região, na época, Arraial de Sant'Anna, a região era habitada pelos Goiá. Em 1736, devido à grande quantidade de ouro que foi extraído das minas, o Arraial passou a ter grande importância para a coroa portuguesa, passando assim à condição de vila administrativa pertencente à Capitania de São Paulo, passando a ser chamada Vila Boa de *Goyaz*. Na figura abaixo, pode-se observar a localização do Arraial de Sant'Anna no período do ciclo do ouro do século XVIII.

Figura 6: Caminho para as Minas – século XVIII



Fonte: IESDE (2008, p.11).

O ciclo do ouro em Goiás teve o seu ápice em 1750. Nos anos seguintes, a extração e a exploração de ouro diminuíram drasticamente e por volta de 1770, a mineração entrou em decadência, acarretando assim o êxodo de muitos povoados goianos. No entanto, o movimento de Independência do Brasil no século XIX não afetou a cidade economicamente. Alguns grupos se destacaram e permaneceram no poder neste período, até as primeiras décadas do século XX, como os Bulhões, os Fleury e os Caiado.

Outro fato interessante é referente a mudança da grafia do nome da cidade de *Goyaz* para *Goiáz*. Ximenes (2016)⁷ afirma que reinava uma liberdade na forma escrita independente da instrução desde o século XIII até o início do século XX, e que devido a essas alternâncias nas grafias, de um modo geral, surge uma necessidade do país ter uma gramática própria, para que possa seguir as suas normas. Desse modo, surge a lei em que reformula a escrita, prescrevendo a letra “s” em vez de “z”. “Somente em 1911 é que entra em vigor o acordo ortográfico para uniformizar a grafia”, conforme afirma (XIMENES, 2017, p. 505).

Mesmo distante do litoral, dos grandes centros e com uma população composta de uma diversidade cultural, Goiás teve o seu apogeu, pois foi considerada Província de Goiás, que foi uma província do Reino do Brasil, e depois do Império do Brasil. Posteriormente, elevou-se à categoria de capital do estado de Goiás até 1930, e a partir dessa data foi transferida para Goiânia, com a construção da nova capital, a 130 km de Goiás.

Com a mudança da capital para Goiânia, Goiás ficou abandonada, pois o poder, a economia e as pessoas influentes migraram para a Goiânia, assim Goiás se tornou uma pacata cidade do interior. Com o passar dos anos, contudo, voltou a se destacar no cenário estadual e nacional, porém, de formas diferentes como nos meios: cultural, literário turístico e histórico.

A figura (7) retrata a cidade no 1912, em que se pode observar a imponência dos casarões e a vida da população após a abolição da escravatura. A figura (8), por sua vez, refere-se à metade século XX, mais de um século após a fundação da cidade, em que se pode notar o ótimo estado de conservação dos casarões, típicos da arquitetura setecentista e que remetem ao Brasil Colônia, frutos da exploração aurífera e do pagamento do quinto real.

Em 2001, Goiás foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Histórico e Cultural Mundial, em virtude de sua arquitetura barroca e de suas tradições culturais, atravessaram séculos, como demonstram as figuras:

⁷ Cf.: O topônimo Goiás: Decreto Estadual nº 1.174/Governo do Estado de Goiás. Goiânia: Gráfica da UFG, 2016.

Figura 7: Casa de Cora Coralina (1912)



Fonte: Foto do acervo do Museu Casa de Cora Coralina.

Figura 8: Casarões da Cidade de Goiás



Fonte: Acervo de Antolína Baía Borges.

Figura 9: Perspectiva do Rio Vermelho



Fonte: Carolina Fidalgo de Oliveira.

Figura 10: Hospital São Pedro de Alcântara



Fonte: Acervo de Ricardo Freire.

As figuras acima demonstram a conservação dos casarões de Goiás, parte da cultura local. Goiás também é conhecida por festas culturais como: a Procissão do fogaréu, que ocorre na Semana Santa:

Figura 11: Procissão do Fogaréu



Fonte: Acervo de Lázaro Ramos.

Fogaréu é uma procissão que ocorre nas quartas-feiras da Semana Santa, em Goiás. Trata-se de uma tradição espanhola, trazida para Goiás pelo padre espanhol João Perestelo Espíndola, e que atrai turistas de várias regiões do Brasil.

Devido às alterações culturais ocorridas desde sua fundação, Goiás também passou por mudanças linguísticas, ocasionadas, sobretudo, pela mescla étnico-cultural advinda com o contato dos índios com os bandeirantes e os negros escravizados, uma réplica do que ocorreu em maior escala, no cenário nacional. É esse o arcabouço histórico-cultural que identifica o *locus* da presente pesquisa

3.2 O corpus

Este tópico aborda a coleta de dados para a constituição do corpus analisado nesta pesquisa, a partir da coleta de 24 entrevistas, em que os participantes são nativos da Cidade de Goiás, cujos perfis são estratificados de acordo com segundo sexo (feminino e masculino), escolaridade (Ensino Médio e Superior) e faixa etária (25 a 35 anos e 36 a 50 anos). Para cada perfil social, foram selecionados 3 participantes, totalizando as 24 gravações.

A metodologia utilizada para a abordagem dos vilaboenses foi a *amigo de amigo*, em que no final da entrevista o participante indica um conhecido para outra entrevista e, assim sucessivamente. Segundo Cyranka e Freitag (2014), essa indicação precisa de um distanciamento social, que é medida por uma escala de graus 1 a 5, em que 1 corresponde ao grau de maior proximidade e o grau 5 de menor proximidade com o documentador.

As entrevistas foram realizadas nos meses de abril e maio de 2019, e em julho do mesmo ano foi feita a transcrição semiortográfica das entrevistas, para assim poder proceder à codificação geral e a identificação de cada participante, para posteriormente fazer a codificação por variante dos dados da amostra.

Houve certa resistência em convencer os participantes a conceder as entrevistas, principalmente pelo fato de elas serem gravadas. O material não foi submetido Comitê de Ética, pois, embora seja altamente recomendável esse parecer nas pesquisas em Linguística, não é obrigatório. As barreiras somente foram rompidas quando a documentadora explicou que as perguntas eram simples e com temas do cotidiano. Outro elemento dificultador foi encontrar pessoas que tivessem nascido e vivido na cidade, visto que muitos habitantes se mudaram para Goiás para trabalhar ou estudar. Nesse sentido, um critério flexibilizador para constituição da amostra foi entrevistar indivíduos que tivessem migrado para a Cidade de Goiás com até dois anos de idade. O quadro abaixo apresenta os participantes segundo idade, escolaridade e sexo:

Quadro 2: *Corpus* da fala vilaboense

SEXO	ESCOLARIDADE	IDADE	CÓDIGO
F	C	28	GOFC28-Andressa ⁸
F	S	41	GOFS41-Andreia
F	S	49	GOFS49-Analice
F	S	22	GOFS22-Amanda
M	S	24	GOMS24-Caio
M	C	25	GOMC25-Edmilson
F	C	30	GOFC30-Eliana
M	C	50	GOMC50-Fabricao
M	S	36	GOMS36-João
M	C	38	GOMC38-Lúcio
F	C	45	GOFC45-Luísa
F	S	35	GOFS35-Maria
F	C	31	GOFC31-Marilene
M	S	50	GOMS50-Mário
M	C	37	GOMC37-Marlon
F	C	40	GOFC40-Marta
M	S	30	GOMS30-Muriel
M	C	22	GOMC22-Renata

⁸ Utilizam-se pseudônimos para os falantes entrevistados.

M	S	45	GOMS45-Roger
M	S	26	GOMS26-Ronaldo
F	S	42	GOFS42-Rosineide
F	S	28	GOFS28-Sandra
F	C	43	GOFC43-Telma
M	C	28	GOMC28-Tácio

Fonte: Elaborada pela autora.

3.2.1 Roteiro das entrevistas

O roteiro das entrevistas que compõe a amostra é de mais ou menos 56 inquéritos, em formato de diálogo com perguntas entre o participante e o documentador (DID), que foram gravadas entre maio e junho de 2019. A elaboração desse roteiro teve como objetivo formular perguntas que pudessem servir como gatilhos para capturar o maior número possível de ocorrências da forma *você* e *cê*, com referência genérica e específica.

3.2.2 Coleta de dados: áudio

As entrevistas foram gravadas, primeiramente, em um notebook e, posteriormente, no celular e salvas em áudio digital (.wav). As gravações foram realizadas no local de trabalho ou na casa do participante, de acordo com a disponibilidade do entrevistado. Os áudios resultaram em mídias com aproximadamente 60 minutos.

Antes da gravação, a documentadora preencheu a ficha social do participante, com informações pessoais. Logo no início, foi informado ao voluntário que a entrevista seria gravada, que posteriormente, ele teria que assinar um termo de consentimento e preencher um questionário socioeconômico.

Todos esses critérios foram cuidadosamente respeitados para garantir que fosse registrada a fala menos monitorada dos participantes e para reduzir os impactos do paradoxo do observador (LABOV, 2008).

3.2.3 Transcrição

A transcrição das entrevistas foi realizada de modo semiortográfico, de acordo com as normas do Projeto SP2010 (MENDES; OUSHIRO, 2012). O objetivo da transcrição é transpor

a língua falada para o texto escrito de uma forma fiel à língua oral, mas inteligível. Os seguintes critérios foram seguidos:

- a) Não se trata de uma transcrição fonética. Portanto, a ortografia das palavras não foi alterada. Mesmo que, por exemplo, o falante tenha pronunciado “tiatro” e “fugão”, mantém-se a grafia original das palavras.
- b) Não foram realizadas “correções” gramaticais. Desse modo, se o participante pronunciou “eles ouve música”, sem concordância verbal, transcreveu-se dessa forma, ou seja, sem concordância.

3.2.4 Estratificação e codificação dos dados

Para proceder a uma análise variacionista, não é necessária uma amostra com centenas de indivíduos, pois os padrões básicos de estratificação podem ser obtidos com amostras pequenas, como a que foi coletada na Cidade de Goiás, com 24 falantes. Nesse sentido, Labov (1972, p.38) afirma que “geralmente, tem-se descoberto que dados sociolinguísticos a respeito de uma variável são bastante confiáveis se há quatro ou cinco falantes em cada célula”.

No Brasil, contudo, os bancos de dados sociolinguísticos têm sido constituídos por dois falantes por célula devido aos custos gerados para tal. No PEUL, foram os três sujeitos de cada perfil, assim como no corpus da presente pesquisa. Nesse sentido, Freitag (2017) afirma que realmente é difícil encontrar participantes disponíveis a ser entrevistados, por esse motivo a pesquisa foi com três falantes por célula.

Para facilitar a estratificação das ocorrências nas variáveis linguísticas e sociais, optou-se pela elaboração de uma planilha no programa Excel. A planilha é composta por 14 colunas, de acordo com as variáveis que embasam a análise quantitativa (tonicidade da sílaba seguinte, tonicidade da sílaba anterior, coalescência entre o pronome e o verbo, função sintática, referência/referencialidade do pronome, tipo de discurso, paralelismo I, paralelismo II, faixa etária do participante, sexo, escolaridade, identificação do participante)⁹. A junção de dos códigos atribuídos a cada variante gerou um código para cada ocorrência, como se pode verificar na coluna *codificação*, na figura abaixo:

⁹ É válido ressaltar que as pausas não foram consideradas como uma variável nesta dissertação.

Figura 12: Codificação das variáveis linguísticas e sociais

Ocorrências	Codificação	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS								VARIÁVEIS SOCIAIS		
		Tonicidade da sílaba seguinte	Tonicidade da sílaba antecedente	Coalescência entre o pronome e o verbo	Função sintática	Referência do pronome	Tipo de Discurso	Paralelismo 1	Paralelismo 2	Faixa etária	Sexo/Gênero	Escolaridade
não é a correria do dia a dia de quando cê mora na cidade grande aqui é bem tranquilo bem gostoso de morar	(YtaKg3nBvfc)	t	a	K	g	9	n	B	e	v	f	c
parece assim seu rostinho parece que é conhecido mas lembro de te ver no supermercado quando cê trabalhava... cê num trabalhou lá	(YtaKg3nBvfc)	a	a	K	g	3	n	B	e	v	f	c
parece assim seu rostinho parece que é conhecido mas lembro de te ver no supermercado quando cê trabalhava cê num trabalhou lá	(YtaNg3nDevfc)	t	a	N	g	3	n	D	e	v	f	c
é bem tranquila assim é meio puxado por ser o EJA mas eu gosto as vezes a gente tá de cabeça quente em casa cê vai dá até um descontraída (risos)	(YtaKg3nBvfc)	t	a	K	g	3	n	B	e	v	f	c
ai eu acho que cê tinha cara de querer ajudar tipo ajudar as pessoas	(YtaKo3nBvfc)	t	t	K	o	3	n	B	e	v	f	c
mas eu acho que ocê de cê passar pedir cola acho que não	(YtaKo2nAevfc)	t	a	K	o	2	n	A	e	v	f	c
ai depois cê contou que era	(YtaKo3nAevfc)	t	a	K	o	3	n	A	e	v	f	c
eu acho que até as vezes eu falo nossa cê é até meio macumbeiro (risos) que quando ele fala cê fica até meio assim que acontece	(YtaKo3nBvfc)	t	a	K	o	9	n	B	e	v	f	c
eu acho que até as vezes eu falo nossa cê é até meio macumbeiro (risos) que quando ele fala cê fica até meio	(YtaKi3nDevfc)	t	a	K	i	3	n	D	e	v		

Fonte: Elaborada pela autora.

Concluídas as etapas que foram mencionadas acima, como entrevista, gravação, transcrição, estratificação e codificação dos dados, o próximo passo foi analisar as ocorrências no programa Goldbarb X.

3.2.5 Programa GoldVarb X

O programa estatístico Varbrul¹⁰ e a sua versão para o Windows e IOS, o GoldVarb X, tem sido de grande utilização na literatura variacionista (GUY e ZILLES, 2007; SCHERRE e NARO, 2003). O *software* funciona como modelo matemático de regressão logística (NARO, 2003b), que é um recurso que nos permite estimar a probabilidade associada à ocorrência de determinado evento em face de um conjunto de variáveis explanatórias, considerando todas as variáveis investigada na pesquisa. Segundo Scherre, Naro (2007):

Os programas da série Varbrul geram como produto final resultados numéricos associados aos diversos fatores dos grupos de fatores, que medem o efeito relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise. São valores projetados, denominados pesos relativos. Os programas apresentam também valores percentuais e medidas estatísticas diversas, que indicam se os grupos de fatores considerados pelo pesquisador são significativos do ponto de vista estatístico. (SCHERRE; NARO, 2007, p. 161).

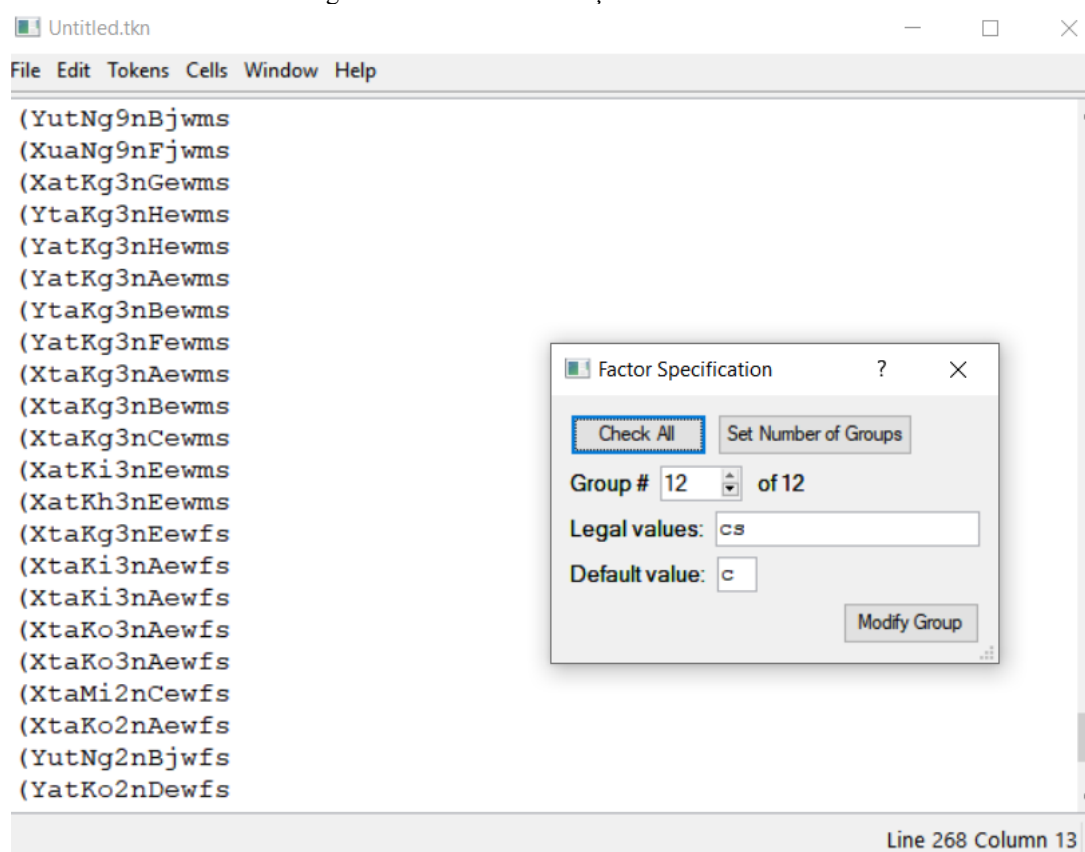
O programa proporciona uma análise estatística descritiva, que gera números absolutos

¹⁰ No presente estudo, adota-se o Varbrul em sua versão para Windows, GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>.

e porcentagens de uso das variantes. Além disso, realiza uma análise estatística de inferência, que permite obter o resultado quantitativo da comunidade de fala estudada, obtendo assim, o peso relativo, que revela a tendência em que uma determinada variante é empregada nos contextos perscrutados. Os pesos relativos são medidas que variam de 0 a 1.0 e indicam a tendência com que uma determinada variante tende a ocorrer em um dado contexto. Valores acima de .5 indicam um favorecimento ao emprego de uma determinada variante, enquanto valores abaixo de .5 desfavorecem-na.

Depois de gerados, os resultados obtidos no programa GoldVarb X necessitam passar pelo crivo do pesquisador, a fim de serem interpretados de acordo com as hipóteses aventadas. A figura abaixo apresenta a tela de codificação de dados no GoldVarb X, a partir dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos em que se baseia a presente pesquisa.

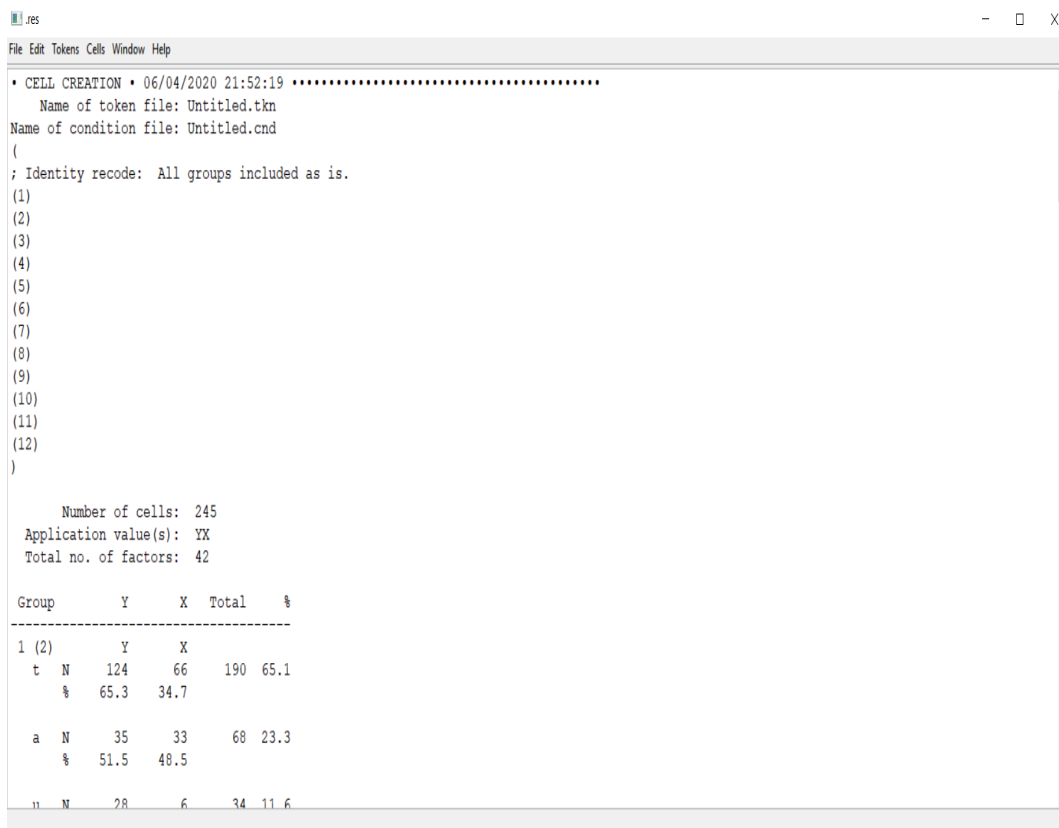
Figura 13: Tela de codificação no GoldVarb X



Fonte: Programa GoldVarb X.

A figura 13 apresenta resultados obtidos a partir de ocorrências de *você* e *cê*, atreladas às variáveis linguísticas e sociais consideradas na presente pesquisa.

Figura 14: Tela com resultados gerados no GoldVarb X



• CELL CREATION • 06/04/2020 21:52:19 •

Name of token file: Untitled.tkn
Name of condition file: Untitled.cnd

(
; Identity recode: All groups included as is.
(1)
(2)
(3)
(4)
(5)
(6)
(7)
(8)
(9)
(10)
(11)
(12)
)

Number of cells: 245
Application value(s): YX
Total no. of factors: 42

Group		Y	X	Total	%
1 (2)		Y	X		
t	N	124	66	190	65.1
	%	65.3	34.7		
a	N	35	33	68	23.3
	%	51.5	48.5		
11	N	28	6	34	11.6

Fonte: Elaborado pela autora.

Os fatores linguísticos e extralinguísticos serão detalhados nos tópicos 3.3 e 3.4, e a análise dos dados pesquisados será abordada no capítulo 4.

3.3 Variáveis linguísticas

Esta seção dedica-se à explanação das variáveis linguísticas que embasam as hipóteses aventadas neste estudo.

3.3.1 Variáveis fonético-fonológicas

Segundo Foulkes (2006, p.4), para a compreensão da variação e mudança linguística no nível fonético-fonológico, é necessário considerar os fatores contextuais e os fatores gramaticais. Dentre os fatores contextuais, o autor inclui as restrições fonotáticas (contexto antecedente e contexto seguinte) e a posição do segmento na sílaba.

Esta pesquisa se concentrará, em especial, nos fatores que se mostram significativos

para a realização variável do pronome de segunda pessoa, como a assimilação de traços fonéticos da vogal seguinte e na anterior, se são tônicas ou átonas. Segundo Oliveira (1995; 1997), estudos de fenômenos no nível fonético-fonológico têm procurado verificar a influência de variáveis como a formalidade ou extensão da palavra e da classe gramatical.

Peres (2006, p. 85-96) afirma que a variação entre as formas *você*, *ocê* e *cê* relaciona-se a questões fonético-fonológicas como: a acentuação, velocidade da fala, ritmo e com a estrutura da sílaba. Peres (2006) também atesta que o padrão silábico do PB, constituído, basicamente, por CV (consoante-vogal) e CCV (consoante-consoante-vogal) influencia o uso da variante *você* e *cê*, o que explicaria ocorrências como a redução da preposição *pro* seguida da variante reduzida *cê*, fato que, conforme Abousalh (1997) evitaria choques acentuais.

3.3.1.1 Tonicidade da sílaba seguinte

Segundo Nascimento (2011), a variante reduzida *cê* pode ser considerada como uma forma intermediária entre o monossílabo tônico¹¹ (ABOUSALH, 1997) e o monossílabo átono, e também pondera a necessidade de que sejam evitados os *choques acentuais*, caracterizados tanto pela *retração do acento* quanto pelo *emprego de uma forma menos proeminente*.

A relação forte/fraco na sílaba é definida sobre os constituintes morfossintáticos. Logo, quanto mais forte o acento de uma sílaba, maior será a correspondência de altura da coluna de marcas acima dela. Para determinar o marcador do acento usa-se (*), para cada sílaba, marcando a mais fraca e a mais forte, como pode ser observado no exemplo abaixo:

		*	
*	*	*	
*	*	*	

FAZENDA

Observa-se que na sílaba mais forte o marcador (*) aumenta verticalmente, conforme (COUPER-KUHLEN, 1993).

Nos casos em que há uma sílaba tônica posterior a um pronome, duas estratégias podem ser adotadas com a finalidade de se evitar o encontro de duas sílabas acentuadas: a *retração do acento* e o *emprego de uma forma menos proeminente*. No primeiro caso, a retração do acento, o acento passa da última para a penúltima sílaba do pronome, conforme o exemplo abaixo:

¹¹ Também chamada de subtônica, é aquela com intensidade intermediária, não tão forte e nem tão fraca, como em *so* (intermediária) *zi* (tônico) *nho* (átona).

- (a) **você tinha** **você tinha**
 (. *) (* .) (* .) (.*)

No segundo caso, o emprego de uma forma menos proeminente, devido à menor proeminência acentual da variante *cê*, surge uma sílaba tônica posterior ao pronome, conforme exemplo abaixo:

- (b) **você tinha** **cê tinha**
 (. *) (* .) (.) (* .)

De acordo com esses pressupostos, foram considerados três contextos para a análise da tonicidade da sílaba seguinte ao pronome: tônicas, átonas e intermediárias:

a) **tônica:** é a sílaba com maior proeminência acentual em uma palavra.

- (25) não é a correria do dia a dia de quando **cê mora** na cidade grande aqui é bem tranquilo bem gostoso de morar (GOFC28 – Andressa)
- (26) letras **cê pode** perguntar pra ele pai **cê** parou por causa do V. de S. eu acho que vai ser por causa do V. mas talvez por causa da (GOMS45 – Roger)

b) **átona:** é a sílaba que possui menor proeminência acentual em uma palavra.

- (27) tem muita oportunidade de **cê assistir** uma peça de teatro na praça de graça ou que seja no teatro mesmo são Joaquim que seja aberta ao público que existe vários projetos ne aqui na cidade que contempla (GOFs41 – Andreia)
- (28) assim num sei eu nunca tive problema com isso mas acho que eu pediria pro **cê abaixar** o som (GOMS26 – Ronaldo)

c) **intermediários (tá/num):** sílaba cuja proeminência acentual não é a menor, mas também não é a mais saliente.

- (29) aqui todo mundo conhece todo mundo qualquer lugar assim é mais confiança igual Goiânia **cê num** conhece ninguém hoje (GOFs49 - Analice)
- (30) é no shopping tanto **cê tá** comprando café eles tá do seu lado assim e lá tem escolas de atores também (GOMC28 - Tácio)

Embora a forma *você* também ocorra nesse contexto, a variante *cê* parece ser mais comum, o que ilustra a hipótese de que *cê* tende a ocorrer em contextos em que a sílaba seguinte

é tônica, evitando, assim, um *choque acentual*. Tal fato corrobora com a afirmação de outros pesquisadores a respeito da cliticização de *cê*.

3.3.1.2 Tonicidade da sílaba antecedente

Nascimento (2011) afirma que as sílabas átonas antecedentes ao pronome não favorecem a variável reduzida *cê*. A linguista se apoia no princípio de alternância rítmica (SELKIRK, 1984), segundo o qual se deve evitar não só a adjacência de sílabas tônicas, mas também as longas sequências de sílabas átonas (lapsos de acento). Os exemplos abaixo mostram ocorrências de *cê* com antecedente átona, o que ocasiona o lapso acentual.

- (31) tem muita oportunidade **de** **cê** assistir uma peça de teatro na praça de graça ou que seja no teatro mesmo são Joaquim que seja aberta ao público que existe vários projetos ne aqui na cidade que contempla (GOFs41 – Andreia)
- (32) não apareceu o “né” então eu observo muito os dialeto então as pessoas **fala** **cê** observa e fala o não é daqui pode ser daqui mais foi criada fora (GOMC38 – Lúcio)
- (33) pra me garantir na área da educação porque ai sim eu tinha habilitação pra poder dar aula porque as **vezes** **cê** **chegava** assim **cê** as vezes era questionado ah mas num tem licenciatura e da dando aula é só bacharel em direito entendeu? (GOMS36 – João)
- (34) na época que eu estudava é os professores cobrava muito respeito né? e era atividade **de** **cê** tinha o dia certinho (GOFC31 – Marilene)

Como pode ser observado nos trechos acima, acredita-se que as sílabas átonas antecedentes à forma reduzida *cê* não favoreçam a variante reduzida. Aventa-se que a sílaba tônica antecedente favoreça a forma reduzida *cê*, conforme os exemplos abaixo:

- (35) a gente usa um termo aqui que é muito comum que é o jeitinho brasileiro que é algo **que** **cê** num vê em outros lugares do mundo (GOFs35 - Maria)
- (36) é mais simples do entendimento dele né ele falou o científico é **pro** **cê** continuar estudando (GOFs41 – Andreia)

Observa-se, nos excertos acima, que as sílabas tônicas em contexto antecedente ao *cê* evitam o lapso acentual e podem ser um ambiente favorecedor da forma reduzida.

3.3.2 Variáveis Morfossintáticas

Nesta seção, serão descritas as variáveis morfossintáticas empregadas para a análise da variação de *você* e *cê*, a saber: coalescência entre o pronome e verbo, e a função sintática. A primeira inclui as seguintes variantes: coalescente/adjacente, clíticos, advérbio de negação *não*, *num* (forma reduzida do *não*), uso da forma *que*, monossílabo tônico, advérbio e locução adverbial. A segunda variável compreende as funções de: *sujeito*, *objeto*, *dupla função (sujeito e objeto)* e *complemento de preposição*.

3.3.2.1 Coalescência do pronome ao verbo

Segundo Hopper e Traugott (1993), os clíticos são elementos que necessitam se “apoiar” em outro constituinte e em estruturas sintáticas com a posição de complementizador preenchida como as interrogativas *wh-que*. Logo, a coalescência do pronome ao verbo é importante para a análise da cliticização da variante reduzida *cê*, já que, se a forma reduzida estiver se cliticizando, pode haver uma tendência de que ela seja adjacente ao verbo.

A coalescência pode se dar por um grupo de fatores, como o emprego da variante reduzida *cê* próxima de clíticos como “se, me, lhe, etc”, devido a restrições a determinados contextos, como complemento de preposição, o advérbio de negação *não* e a sua forma reduzida *num*. Tais características o distinguem dos outros clíticos, pois apresenta maior mobilidade sintática, uma vez que a forma *cê* permite que diferentes categorias sintáticas sejam utilizadas em posição intermediária entre a variável e o verbo.

Desse modo, tem-se, para esta variável, as seguintes variantes:

a) Coalescente / adjacente:

- (37) não apareceu o ‘né’ então eu observo muito os dialeto... então as pessoas fala *cê observa* e fala ‘não é daqui pode ser daqui mais foi criada fora’ (GOMC38 – Lúcio)
- (38) se acontecesse qualquer coisa *cê tinha* que chegar e contar (GOMS50 – Mário)

b) Clíticos:

- (39) D1: então mas eu tô falando assim você acha que eu sou daqui de Goiás?
Que eu nasci aqui vivi aqui... se você acha... o que você pensou aí?
S1: eu sou muito triste nessas observações agora **cê me** pegou não mas não (GOFs45 – Lúcia)
- (40) D1: e o senhor acha que eu era como brigona ou mais quietinha?
S1: ah agora **cê me** apertou (risos) GOMC50 – Fabrício)

c) *que* em construções *que* foco (clivagem):

- (41) é verdade tudo... é... o mais velho ele pega a responsabilidade de cuidar do mais novo de cuidar da casa é **cê que** tem fazer isso eu acho que não só no meu mas muitos casos aí mais velho sempre pega a responsabilidade (GOFc45 – Luísa)
- (42) S1: não porque quando eu estava concluindo o curso de direito eu já estava na área da educação e essa área ne daí essa área me sugou muito na época eu fazia mais por fazer porque assim já tinha começado o curso feito o vestibular e tal e aí eu fiz esse curso por terminar e tal já tava cansado aí na área mesmo **você que** é da área sabe que a gente fica esgotado e tal ne e daí o tempo que precisava ter pra estudar pra concurso essas coisas não tinha esse tempo (GOMS 36 – João)

d) Advérbio de negação (*não*):

- (43) capital vai girar em torno do turismo a questão dos artesanatos a questão do pequi quer dizer... se você não investe no Turismo se **cê não** propicia coisas agradáveis pra o turista... sempre está retornando **cê** vê o fluxo de turista cada vez menor... vai diminuindo coisas que eu não vejo acontecer... por exemplo em Pirenópolis (GOMS36 – João)
- (44) D1: se eu morasse do lado da sua casa e você e sua esposa estivessem muito cansados, e eu ligasse o som na maior altura o que você faria?
S1: acho que **cê não** ia conseguir me enlouquecer eu sou muito tranquilo (GOMS30 – Muriel)

e) Redução do advérbio de negação (*num*):

- (45) é Vila Goiacy é um bairro bastante tranquilo é um bairro basicamente residencial **cê num** vê comércio **cê** tá perto do comércio e tá perto da praça do João Francisco mas é um bairro tranquilo de famílias você **num** vê ninguém diferente (GOMS45 – Roger)
- (46) S1: eu acho que o futuro do Brasil vai ser muito complicado por que a gente usa um termo aqui que é muito comum que é o jeitinho brasileiro que é algo que **cê num** vê em outros lugares do mundo **num** existe jeitinho e é o que corrompe toda a estrutura é o jeitinho (GOFs36 – Maria)

f) Advérbio/locução adverbial:

- (47) contavam ne contava história sobre aquele morro das lajes ali aquela história que falava sobre a índia que parece uma índia deitada ali **cê nunca** ouviu falar? (GOMS36 – João)
- (48) vou falar o nome dele pro **cê aqui** que o povo falava muito é agora eu não vou lembrar cara mas ele lá tinha umas mangueironas e só tinha uma casa muito antiga lá e eles falavam que la ele nas noites de lua cheia ele se transformava em lobisomem saia pelos quintais então é uma lenda (GOMC38 – Lúcio)

Haja vista que, a interpolação entre o clítico e o verbo é um fenômeno que ocorria com clíticos prototípicos no português arcaico, conforme afirma Vitral e Ramos (2006), atualmente, tem-se os outros clíticos como o *cê*.

É possível observar, nos exemplos acima, que alguns constituintes interpolados entre o verbo e o clítico estão em uma posição fixa, como os advérbios de negação (*não* e *num*), monossílabos tônicos (*já*, *só*) e o verbo adjacente ao pronome, casos que favorecem o uso do clítico. Em contrapartida, acredita-se que os demais grupos de fatores não favoreçam o uso da forma reduzida *cê*.

3.3.2.2 Função sintática

A função sintática revela a escolha entre *você* ou *cê* pode ser favorecida pelo fato de a forma ocupar a posição de sujeito, objeto, pela possibilidade de desempenhar dupla função (sujeito e objeto) ou vir como complemento de preposição:

a) Sujeito:

- (49) minha mãe era louca que eu fosse um dentista eu falei ‘mãe pra ser dentista **cê** tem que ter muito dinheiro pra formar e eu não tenho dinheiro nem pra ir na escola de noite’ (risos) então foi um sonho que eu larguei de mão nem imaginei pra mim (GOMC38 – Lúcio)
- (50) D1: unhum e perigoso ne
S1: e perigoso fora isso ne e aqui em Goiás não **cê** anda pra todo lado **cê** num precisa de gastar **cê** vai aonde for e tudo ne então é eu acho que isso tudo é prazeroso demais da conta pra mim (GOFs49 – Analice)

b) Objeto:

- (51) D1: se você me encontrasse aqui em Goiás quais lugares você me indicaria pra conhecer e por que aqui tem vários pontos turísticos ne
S1: sim pra você conhecer a cultura local ne a praça as comida típica que tem na cidade você conhecer os museu ne ai como no meu caso já levava **você** pra berada do corgo levava **você** pra pescar então assim levaria a uns lugares assim que era bom você (GOFC45 – Luísa)
- (52) D1: cê acha que eu também colava ou passava cola ou já fui pega?
S1: ai eu acho que **cê** tinha cara de querer ajudar tipo ajudar as pessoas (GOFFC28-Andressa)

c) Dupla função (sujeito e objeto):

- (53) D1: você acha que eu também sou da cidade de Goiás? tem alguma característica pareço com os moradores daqui alguma coisa assim me fala assim se você acha ou não?
S1: assim característica não eu acho mas eu acho que **você** é daqui assim não sei se é porque eu te vejo muito aqui (GOFC45 – Marilene)
- (54) eu acho que até as vezes eu falo nossa **cê** é até meio macumbeiro (risos) que quando ele fala **cê** fica até meio assim que acontece (GOFs41-Andreia)

d) Complemento de preposição:

- (55) não não reclamo já aconteceu la o povo ia beber la e a noite toda aqueles funk mesmo **pro cê** tê uma ideia eu moro perto da festa por exemplo da o carnaval por exemplo mesmo coisa do palco ta dentro da minha casa então eu já costumei eu num perturbo vizinho não (GOFC40 – Marta)
- (56) vou falar o nome dele **pro cê** aqui que o povo falava muito é agora eu não vou lembrar cara mas ele lá tinha umas mangueironas e só tinha uma casa muito antiga lá e eles falavam que la ele nas noites de lua cheia ele se transformava em lobisomem saía pelos quintais então é uma lenda (GOMC38 – Lúcio)

Vital (1996) argumenta que as restrições ao uso de *cê* devem-se ao fato de essa forma estar se tornando um clítico. Por isso, *cê* tem sido empregado como complemento de preposição, ocorre normalmente proclítico ao verbo e não tem sido utilizado isoladamente em um contexto.

Segundo Nascimento (2011), a função sintática de sujeito é a única em que pode ser usada a forma plena *você* ou a reduzida *cê* sem restrição, e que as outras funções como objeto e complemento de preposição, não favorecem o emprego da variante reduzida *cê*. Acredita-se, que na fala vilaboense, a forma *cê* será mais recorrente quando vier expressa como sujeito da

oração.

3.3.3 Variáveis semânticas

Heine e Reh (1984) caracterizam a mudança semântica como uma “dessemantização”, uma “perda” ou “enfraquecimento” dos traços semânticos, que também é conhecido como *bleaching*, todavia, Castilho (1997) se posiciona contrariamente a essa ideia e pondera que tal processo se caracteriza apenas como uma “modificação de sentidos”, como por exemplo, no uso dos pronomes de segunda pessoa como expletivos, como será explicado a seguir. Segundo Hopper e Traugott (1993) o *bleaching* refere-se a traços [+/-] definidos e [+/-] referenciais.

3.3.3.1 Referência ou referencialidade do pronome

A noção de referência pode ser determinada (indicando o interlocutor, de forma específica) ou indeterminada (indicando uma pessoa genérica), como afirma Cançado (2005). Para a análise dessa variável, são considerados somente ocorrências dos pronomes de segunda pessoa do singular, a fim de verificar qual é o referente em questão.

Camara Jr (2006 [1980]) fez um esquema para facilitar a compreensão do pronome em relação à sua referência, como se pode observar abaixo:

P1: 1ª pessoa do singular
 P2: 2ª pessoa do singular
 P3: 3ª pessoa do singular
 P4: 1ª pessoa do plural
 P5: 2ª pessoa do plural
 P6: 3ª pessoa do plural

Câmara Jr. (2006 [1980]), afirma que o P1 refere-se à primeira pessoa do singular (eu), P2 refere-se à segunda pessoa do singular (*tu, você, cê*), P3 refere-se à terceira pessoa do singular (*ele, ela*), P4 refere-se à primeira pessoa do plural (nós), P5 à segunda pessoa do plural (*vós, vocês, cês*) e P6 à terceira pessoa do plural (*eles, elas*).

Corradello (1997) aponta quatro empregos distintos no que se refere ao uso do pronome *você* em relação ao seu referente, servindo-se, para isso, das terminologias que Câmara Jr (2006 [1980]) apresentou, conforme se apresentou acima.

Quadro 3: Graus de indeterminação do pronome *você*

Graus de indeterminação do pronome <i>você</i> (CORRADELLO, 1997)	Equivalente na terminologia proposta por Câmara Jr. (1980)
Referente ao próprio locutor (+1ª – 2ª – 3ª)	P1
Referente ao locutor + grupo específico de indivíduos, no qual o interlocutor não é incluído (+ 1ª -2ª + 3ª)	P4 exclusivo
Referente a uma terceira pessoa (- 1ª – 2ª + 3ª)	P3 ou P6
Referência às pessoas em geral (1ª +2ª +3ª)	P4 inclusivo

Fonte: Corradello (1997).

Além dos casos retratados por Câmara Jr. (1980), foram acrescentados os de uso híbrido (com referência simultaneamente específica e genérica), uso de referência P2 (específica ao interlocutor), P3 (3ª pessoa), os usos sem referência (expletivos), os de referência P1 (primeira pessoa do singular) e P4 inclusiva (primeira pessoa do singular inclusiva).

Nesta pesquisa, serão considerados os referentes P1 (oculto e expandido), P2, P3 e o referente híbrido/ambíguo (específico e genérico).

a) Referência P2 (específica):

A referência P2 caracteriza o uso de *você* e *cê* com referência *ao* interlocutor, como ilustra o excerto abaixo:

- (57) se fosse no horário assim à noite eu conversaria com **você** falava assim
‘olha já são dez horas da noite amanhã eu tenho que trabalhar cedo não
me importo com som não me incomodo por exemplo hoje é terça-feira
amanhã eu tenho que trabalhar cedo **cê** pode só abaixar um pouquinho?
porque nossa casa é parede e meia’ (GOFC35 – Maria)
- (58) D1: você acha que sou aqui da Cidade de Goiás?
S1: bom como eu te conheço eu sei que não diretamente da cidade mais
que **cê** mora morava em Goiânia (GOFs28 – Sandra)

Com base em Gonçalves (2008), Peres (2006) e Andrade (2004), acredita-se que a referência específica é o contexto que mais favorece o emprego da variante reduzida *cê* na fala vilaboense.

b) Referência P1 (1ª pessoa do singular):

Quando os pronomes *você/cê* se referem ao próprio locutor, de forma explícita (P1 expandido), são utilizadas formas verbais na primeira pessoa do singular, juntamente com os pronomes *me, mim, eu, comigo, meu*. A referência ao locutor se dá de forma implícita (P1 oculto), o que é verificado por meio do discurso (contexto).

- (59) S1: olha eu durmo muito cansada estudo que quando eu chego em casa eu estudo e eu e o Rafael geralmente a gente gosta de sair de ir po rio porque se não fica muito rotineiro né ai **cê** fica cansado daquela rotina (GOFS22 – Amanda)
- (60) D1: e como é sua escola?
S1: é bem tranquila assim é meio puxado por ser o EJA mas eu gosto as vezes a gente tá de cabeça quente em casa **cê** vai dá até um descontraída (risos) (GOFC28 – Andressa)

O exemplo acima refere-se ao P1 oculto (ocultamento do “eu”), quando o pronome é empregado com referência que retoma do mais particular para o geral.

- (61) S1: (risos) acho que é a tranquilidade porque aqui todo mundo conhece todo mundo qualquer lugar assim é mais confiança igual Goiânia **cê** num conhece ninguém e tudo lá é mais difícil tipo assim **cê** num tem segurança pra sair e aqui **cê** pode sair qualquer hora e tá tranquilo sabe? (GOFS22 – Amanda)
- (62) S1: na época que eu estudava é os professores cobrava muito respeito ne e era atividade **cê** tinha o dia certinho pro **cê** entregar **cê** num podia atrasar ne num podia chegar atrasado na escola ne senão não entrava sempre uniformizado (GOFC31 – Marilene)

Já no exemplo (61) e (62), o referente é o P1 expandido que parte do geral para o particular.

c) Referência P3 (3ª pessoa do singular)

As ocorrências do pronome são classificadas como P3 quando o contexto ou pistas referenciais existentes no discurso dizem respeito à terceira pessoa do singular, como pode ser observado no exemplo abaixo:

- (63) então muitas vezes **você** tava lá como contrato mas as vezes **cê** era mal visto né? por causa das comparação né? (GOMS36 – João)
- (64) a simplicidade a tranquilidade que ela trás pra gente sabe quando **cê** sai daqui pra uma cidade maior **cê** fica até cansada com aquele mal humor aquela agitação toda e aqui não (GOFC45 – Lúcia)

No exemplo (63) *você e cê* referem-se a qualquer pessoa que possa ser mal vista se trabalhar como contratada e o (64) o *cê* refere a qualquer pessoa que sai de Goiás para uma cidade grande e que fica cansada com a agitação da mesma.

d) Referência híbrida/ambígua (específica e genérica)

Referências híbridas são aquelas em que o pronome se refere, simultaneamente ao interlocutor (referência específica) e a qualquer outra pessoa (referência genérica). Destaca-se que o termo híbrido é mais adequado que o ambíguo, pois refere-se a uma e a outra pessoa, simultaneamente, conforme Nascimento (2008a, b).

- (65) na verdade o tempo era melhor que hoje porque a gente não conhecia maldade... **você** tinha hora pra sair a sua mãe não preocupava em hora de voltar (GOMC38 – Lúcio)
- (66) essa casa aqui ela é seríssimo o caso de sobrenatural nela lá porque várias pessoas que eu conheço que diz que já morou lá uma vez diz que acontece coisas absurdas **cê** não consegue dormir diz que é barulho a noite toda que é pedra caindo no telhado é pedra sendo jogada na porta janela entendeu? (GOMS36 – João)
- (67) é do sossego mesmo da cidade mesmo assim não é metrópole né que **cê** tem carro demais é barulho é num sei o que eu acho aqui mais tranquilo (GOFC28 – Andressa)

Nos exemplos acima, observa-se o uso do referente híbrido, no item (65) *você* refere-se às pessoas em geral, ou seja, não se aplica unicamente a um indivíduo, em (66) *cê* refere às pessoas em geral que não conseguem dormir, devido ao barulho e (67) *cê* refere a cidade grande de forma geral, que tem muitos carros e que é muito barulhenta.

e) Expletivos (sem referência)

Os expletivos, tidos como elementos que não apresentam traços semânticos, sem antecedentes que possam ser recuperados no discurso ou na frase, são itens não referenciais entendidos como parte de um *cline* de gramaticalização, de acordo com o par: *item referencial* > *item não referencial*.

Para melhor entendimento dessa proposta, adotam-se os conceitos de *referência virtual* e *referência real* (ROUVERET, 1987). Segundo esse modelo, os nomes são termos com

referência tanto virtual como real, ao passo que pronomes são itens sem referência virtual, mesmo que, no enunciado em que ocorrem, apresentem uma referência real.

Ressalta-se também que a análise de *cê* como uma espécie de expletivo está engendrada na possibilidade de interpretar a forma como um elemento que figura em uma posição não temática, e cuja ocorrência se dá, majoritariamente, em contextos existenciais. Além disso, se a forma variante for retirada, o sentido da frase não fica prejudicado. Por outro lado, a ênfase desaparece.

Segundo Hopper e Traugott (1993) para confirmar a hipótese de que *cê* seja expletivo, é preciso realizar uma análise comparativa entre a frequência dos usos de *cê* e *você* nos contextos que podem ser interpretados como tal. Para os linguistas, é possível que o uso expletivo seja a fase final do processo de gramaticalização dessas formas pronominais.

- (68) a) eu investiria mais na Educação que é o mais importante que se **você tem** Educação *cê* num tem ladrão né? (GOF35 – Maria)
- b) eu investiria mais na educação que é o mais importante que _____ se **tem** Educação *cê* num tem ladrão né?
- c) eu investiria mais na educação que é o mais importante que _____ se **existe** Educação *cê* num tem ladrão né?
- d) eu investiria mais na educação que é o mais importante que _____ se **há** Educação *cê* num tem ladrão né?
- (69) a) é do sossego mesmo da cidade mesmo assim não é metrópole né? que **cê tem** carro demais é barulho é num sei o que eu acho aqui mais tranquilo (GOF41 – Andreia)
- b) é do sossego mesmo da cidade mesmo assim não é metrópole né? que _____ **tem** carro demais é barulho é num sei o que eu acho aqui mais tranquilo
- c) é do sossego mesmo da cidade mesmo assim não é metrópole né? que _____ **existe** carro demais é barulho é num sei o que eu acho aqui mais tranquilo
- d) é do sossego mesmo da cidade mesmo assim não é metrópole né? que _____ **há** carro demais é barulho é num sei o que eu acho aqui mais tranquilo

No trecho (68a), apresenta-se o expletivo *você*, que é o sujeito e dá ênfase em *Educação*. Nos excertos (68b, c, d), substitui-se o verbo *ter* por *existir* e *haver*, com preservação do sentido original da sentença, mas com queda da ênfase, o que pode observar no trecho (69a), com

expletivo *cê*, sujeito, e que dá ênfase em *carro*. Embora os verbos tenham sido alterados, o sentido permaneceu o mesmo.

Acredita-se que a forma reduzida *cê* seja favorecida quando o contexto de uso pronominal seja expletivo.

3.3.4 Variáveis discursivas e cognitivas

Entende-se que a referência do pronome, apesar de ter uma natureza semântica, também tem uma relação com a pragmática e com o discurso. Segundo Nascimento (2011), o paralelismo de formas e a frequência do verbo seguinte ao pronome, ambas são variáveis de caráter cognitivo, e podem estar correlacionadas com ao emprego da variante *você* e da reduzida *cê*.

3.3.4.1 Paralelismo

Neste tópico, serão abordados dois grupos de fatores linguísticos: o Paralelismo I (das formas pronominais) e o Paralelismo II (de formas reduzidas), o primeiro no nível discursivo e o segundo no nível cognitivo.

3.3.4.1.1 Paralelismo I (*paralelismo das formas pronominais*)

Esse fator visa analisar a influência que o paralelismo das variantes pronominais *você* e *cê*, em séries de orações, exerce sobre a seleção dos mesmos pronomes em orações subsequentes, partindo-se do pressuposto de que a série é uma sequência de orações, em que os sujeitos são pronomes de segunda pessoa, como no exemplo abaixo:

- (70) se **você** fica um tempo aqui **você** acaba parecendo um pouco com o pessoal daqui de Goiás (GOMS24 – Caio)

No exemplo acima, observa-se o paralelismo I, em que o primeiro elemento da série é *você* e o segundo também. Abaixo, serão expostas as possibilidades de paralelismo I

encontradas no *corpus*.

a) Isolada:

- (71) D1: você acha que eu sou daqui de Goiás?
S1: **você?** (GOFS35 – Maria)

b) Primeira em série

- (72) D1: eu entrando do meu lado esquerdo.
S1: **você** entrou aí **você** vai passar pela recepção tem os corredores aí você entrou no pátio tem uma pequena passarela pra **você** chegar num tablado maior no canto esquerdo tem uma cisterna dizem que esse padre morreu afogado suicidou ou morreu afogado nessa cisterna (GOMS45 - Roger)
- (73) ai eu acho que **cê** tinha cara de querer ajudar tipo ajudar as pessoas (GOFC28 – Andressa)
- (74) **cê** pode perguntar pra ele pai **cê** parou por causa do V. de S. eu acho que vai ser por causa do V. mas talvez por causa da ... (GOMS45 - Roger)
- (75) é a questão da segurança de que **você** pode sair é de noite tem a questão de não ter muito roubo essa questão é a que mais me acolhe (GOMS24 – Caio)

c) Segunda em série em que a variável antecedente é *você*:

- (76) eu investiria mais na educação que é o mais importante que se **você** tem educação **cê** num tem ladrão né (GOFS35 – Maria)
- (77) é que teve a época mais assim dos meus pais é **você** fazia até o ensino fundamental é como se **cê** tivesse um um ensino superior porque ele era é serio ele era rígido (GOFS49 – Analice)

d) Segunda em série em que a variável antecedente é *cê*:

- (78) ...ele é o único vereador ele sozinho não consegue fazer nada mas é aquela questão ne podia tá denunciando podia tá falando olha o meu projeto é esse assim assim assim a gente tentou aprovar mas meus colegas não aprovaram porque não denuncia então né! não **cê** num ouve nada aí onde **cê** analisa a questão da plataforma política né (GOMS36 – João)
- (79) D1: tava comecei fazer academia mas ai ta tão puxado

S1: mas é puxado não da conta não por que ai **cê** chega em casa tem os afazeres de casa tem criança tem tarefa pra fazer então **cê** tem que (GOFC30 – Heliana)

e) Terceira ou mais na série em que a variável antecedente é *você*:

- (80) então assim pra quem é daqui e não valoriza essas coisa vai achar comum rotineiro como se mudasse em qualquer outra cidade aquele pensamento que é tão rotineiro que **você** fica ligado a ir pro trabalho do trabalho pra casa né? e fica nessa rotina e **você** não dá valor a nada **você** acha que é tudo comum né? (GOMS36 – João)
- (81) D1: eu entrando do meu lado esquerdo
S1: você entrou ai **você** vai passar pela recepção tem os corredores ai **você** entrou no pátio tem uma pequena passarela pra **você** chegar num tablado maior no canto esquerdo tem uma cisterna dizem que esse padre morreu afogado suicidou ou morreu afogado nessa cisterna (GOMS45 – Roger)

f) Terceira ou mais na série em que a variável antecedente é *cê*:

- (82) ia melhorar principalmente a Saúde porque é uma coisa triste de se ver a Saúde como tá aqui é muito doloroso **cê** ir nos hospitais de Goiânia ...e vê o tanto de gente morrendo porque é uma coisa que **cê** paga ninguém tá de graça **cê** paga imposto e a educação também que tá um caos também (GOFS22 – Amanda)
- (83) e aqui em Goiás não **cê** anda pra todo lado **cê** num precisa de gastar **cê** vai aonde for e tudo ne então é eu acho que isso tudo é prazeroso demais da conta pra mim (GOFS49 – Analice)

g) Terceira ou mais de uma série mista em que a variável antecedente é *você*:

- (84) meus pais e meus avós ficavam sempre em cima e aquela cobrança né? se **você** não fizer **você** vai reprovar seus amigos tudo vai pra outro ano e **você** ficar então assim **cê** tinha um medo de perder os seus amigos a sua turminha e ainda tinha aquela vergonha né? (GOFS30 – Eliana)
- (85) aquela coisa básica coisa que existe em qualquer cidade histórica se **você** for em ouro preto **cê** vai ver se você vai em Pirenópolis **você** vai ver ne ai **cê** chega na cidade de Goiás **cê** num vê olha o que eles fizeram na praça do coreto eles reformaram a praça do coreto toda e colocou um monte de rebaixamento de acesso a cadeirante (GOMS36 – João)

h) Terceira ou mais de uma série mista em que a variável antecedente é *cê*:

- (86) legal eu gosto muito dessa vista mesmo sabe questão natural da natureza a questão arquitetônica então eu gosto muito disso fora as

pessoas também tem muitas pessoas são acolhedoras né?...te recebem muito bem é uma coisa que **cê** num acha em outros lugares não tem aquela coisa tipo **cê** acabou de chegar **cê** é bem recebido aquele sentimento que **você** tá em casa ne apesar de eu ser daqui ne sempre me senti em casa na verdade (GOMS36 – João)

- (87) é Vila Goiaci é um bairro bastante tranquilo é um bairro basicamente residencial **cê** num vê comercio **cê** tá perto do comercio e da perto da praça do João Francisco mas é um bairro tranquilo de famílias **você** num ve ninguém diferente de se **você** afastar um pouco **cê** vai ver que alguns mais ali pra cima aquela kitinete pessoal da faculdade mas aqui não essa região aqui é bastante família só famílias (GOMS45 – Roger)

3.3.4.1.2 Paralelismo II (*Paralelismo de formas reduzidas*)

O Paralelismo II é caracterizado por formas reduzidas adjacentes a *você* e *cê*, representadas pelas seguintes variantes:

a) Presença de *tá* (estar)/*ter* na primeira sílaba:

- (88) são Francisco olha pro **cê** ver... eu esqueci são Francisco... ou segui reto na beira rio pra ir pro setor ...aí ela falou assim eu falei ‘não vamo passar por aí não que aquele homem tá lá’ ela falou ‘que homem? **cê tá** doida?’ eu falava ‘a lá ele lá na ponte’ ela falava ‘não... **cê tá** doida’ e aí a gente foi embora (GOFs41 – Andreia)
- (89) é no shopping tanto **cê tá** comprando café eles tá do seu lado assim e lá tem escolas de atores também (GOMC28 – Tácio)
- (90) e a noite toda aqueles funk mesmo pro **cê ter** uma ideia eu moro perto da festa (GOFC40 – Marta)

b) Presença de *tava/tive*, ou verbo com duas sílabas

- (91) não preocupava em hora de voltar porque ela sabia que **cê tava** seguro onde **cê** tivesse eu tenho saudade de quando eu sentava pra escutar música e meu irmão dançando Michael Jackson na sala da casa (GOMC38-Lúcio)
- (92) então muitas vezes **você tava lá** como contrato mas as vezes **cê** era mal visto né por causa das comparação né (GOMS36 – João)

c) Presença de *num*:

- (93) e aqui em Goiás não cê anda pra todo lado cê num precisa de gastar cê vai aonde for e tudo ne então é eu acho que isso tudo é prazeroso demais da conta pra mim (GOFS49 – Analice)
- (94) depois que explode tem que contar ne falar o que que foi e você ser amiga demais da pessoa as vezes **você** num quer falar né entendeu? (GOFC40 – Marta)
- (95) a gente sofre a gente é a vitima e cê num pode conta se não cê apanha ainda (GOFS42 – Rosineide)

Com base em Nascimento (2011), acredita-se que as formas reduzidas adjacentes ao pronome de segunda pessoa, como *num* (redução de *não*), *tá* (redução do verbo *estar*), *tive* (redução de *estar*), favoreçam o uso da variante reduzida *cê*.

3.3.5 Tipos de discurso

Há dois tipos de discurso que favorecem a alternância de *você* e *cê*: o reportado e o não reportado. O primeiro tipo ocorre quando o participante narra um episódio anteriormente exposto por outra pessoa.

- (96) nossa aquela mulher pra mim ela foi foi demais porque ela me aconselhou demais apesar de eu nunca gostar de ser cristão católico ou protestante eu sempre respeitei a ideia de que samaritano que ela pregava sabe ela falava ‘*olha as vezes **você** vai ter situação que pessoas do seu lado não vai te ajudar mas vai vir um desconhecido que vai te ajudar*’ e eu acredito nisso até hoje (GOMC38 – Lúcio)
- (97) ela levantou e perguntou nossa cê me deu um beijo dormindo ele não eu num dei beijo nenhum não perguntou pra todo mundo e ninguém tinha dado beijo nenhum nela (GOFS22 – Amanda)

O segundo tipo ocorre quando o emissor narra uma história em que ele mesmo experienciou:

- (98) eu não falaria viu? eu acho que eu ficaria chateada só (risos) mas num falaria nada com **você** quando morava lá com meus pais meus pais sempre se incomodaram muito com barulho (GOFS42 – Rosineide)
- (99) D1: tava comecei fazer academia mas aí tá tão puxado

S1: mas é puxado não da conta não por que ai *cê* chega em casa tem os afazeres de casa tem criança tem tarefa pra fazer então *cê* tem que (GOFC30 – Heliana)

Com base em Nascimento (2011), acredita-se que a forma plena *você* seja favorecida pelo uso do discurso reportado. No próximo tópico, serão apresentadas as variáveis sociais e as variantes que as constituem.

3.4 VARIÁVEIS SOCIAIS

Com a intenção de analisar a sistematicidade da variação social na cidade de Goiás, foram consideradas, na análise quantitativa, três grupos de fatores extralinguísticos: sexo (feminino e masculino), escolaridade (ensino médio e superior) e faixa etária (25 a 35 anos e 36 a 50 anos), quanto ao uso da forma variável *você* e *cê*.

3.4.1 Sexo

A variável sexo é abordada analisando tanto o sexo quanto o gênero, pois esses termos têm noções distintas, o primeiro refere-se a uma diferença biológica (homens e mulheres); já o segundo diz respeito às características da estrutura social e cultural em que os indivíduos se encontram inseridos, conforme afirma Cheshire (2002).

Para alguns estudiosos, (LABOV, 2001; CHAMBERS, 1995) as mulheres têm maior sensibilidade às variantes de maior prestígio e também tendem a ser mais acessíveis aos processos de mudanças linguísticas. Segundo Gonçalves (2008), estudos que foram realizados sobre a variação sociolinguística, que incluem o fator gênero, pontuam que as mulheres empregam mais as formas com maior prestígio social, do que os homens.

Embora não se possa afirmar que *cê* seja uma variante estigmatizada no PB, ou na fala vilaboense, aventa-se que as mulheres possam dar mais preferência ao uso da variável plena *você*, pelo fato de ser a forma conservadora.

3.4.2 Faixa etária

Sabe-se que a variável faixa etária é amplamente pesquisada na sociolinguística e que, por meio dela, pode-se detectar a possibilidade de mudança em progresso de uma variável em uma determinada comunidade de fala.

De acordo com Nascimento (2011), na cidade de São Paulo, os falantes mais jovens e os mais velhos favoreceram o emprego da variante reduzida *cê*, no uso da referência pronominal específico, já a faixa etária intermediária desfavoreceu o uso da variante reduzida *cê*.

Acredita-se, que os falantes vilaboenses possam seguir uma tendência semelhante à apresentada pelos paulistanos, sinalizando uma possível mudança em progresso, com a implementação de *cê*.

3.4.3 Nível de escolaridade

Tendo em vista que, é na escola que se aprende a língua padrão, então entende-se que os indivíduos mais escolarizados tendem a usar a variável plena *você*, que tem mais prestígio, e evitariam o uso das variantes reduzidas, por serem variantes estigmatizadas. Diante desse pressuposto, esta pesquisa busca investigar se os falantes de maior nível de escolaridade favorecem o emprego da variante plena *você*.

Segundo Nascimento (2011), quando utilizado com referência específica, a variante *cê* é mais frequente do que a forma plena, tanto entre os falantes com nível superior, quanto entre aqueles que cursaram nível médio. Aventa-se a hipótese de que, na fala vilaboense, a variante *cê* seja comum entre falantes de menor nível de escolaridade, sobretudo quando tal forma é empregada com referência específica.

No próximo capítulo, serão expostos os resultados da análise quantitativa realizada a partir das ocorrências de *você* e *cê*, extraídas do *corpus* vilaboense.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE DADOS

No presente capítulo serão apresentados os resultados das análises das variáveis linguísticas e extralinguísticas do fenômeno estudado nessa pesquisa, pronome de segunda pessoa no singular *você* e *cê*, a partir dos grupos de fatores e nas hipóteses que foram aventadas no capítulo anterior.

Foram definidas oito variáveis linguísticas, em diferentes níveis de análise: fonético-fonológicas (tonicidade da sílaba seguinte e tonicidade da sílaba antecedente); morfossintáticas e sintáticas (coalescência entre o pronome e o verbo, função sintática); semântico-discursivas (referência do pronome e tipos de discurso); cognitivo-discursivas (paralelismo I e paralelismo II). Como variáveis extralinguísticas, foram analisados: sexo (masculino e feminino) escolaridade (Ensino Médio e Ensino Superior) e faixa etária (25 a 35 anos e 36 a 50 anos).

As análises foram realizadas com o programa estatístico GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIOMONTE & SMITH, 2005) para, posteriormente, proceder à interpretação dos resultados. A seguir, são apresentados os resultados obtidos.

4.1 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

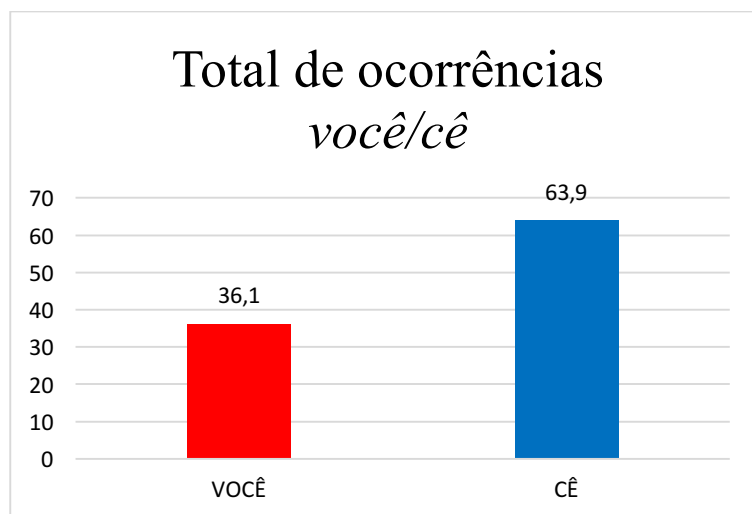
Considerando-se as ocorrências do pronome de segunda pessoa no singular *você* e da sua variante *cê*, provenientes da comunidade de fala cidade de Goiás, foram obtidas 290 ocorrências: 185 da variante reduzida *cê* (63,9%), e 105 da variante plena (36,1%).

Tabela 9: Total de ocorrências

	OC	%
<i>VOCÊ</i>	105	36,1
<i>CÊ</i>	185	63,9
TOTAL	290	

Fonte: Elaborada pela autora.

O gráfico abaixo ilustra a proporção de ocorrências para cada variante analisada.

Gráfico 1: Ocorrências gerais de *você* e *cê*

Fonte: Elaborada pela autora.

É possível observar uma diferença expressiva entre o uso das duas variantes, com uma porcentagem considerável de uso da variante reduzida *cê* na fala vilaboense, que também foi observado essa predominância do emprego da forma reduzida nas pesquisas de Ramos (1997) e Peres (2006) em Belo Horizonte.

4.2 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Nas tabelas a seguir, apresentam-se os principais resultados obtidos na análise de dados das variáveis linguísticas selecionadas pelo programa GoldVarb X, obtendo-se, assim, uma visão global dos grupos de fatores que favoreceram e desfavoreceram o uso da forma reduzida *cê*:

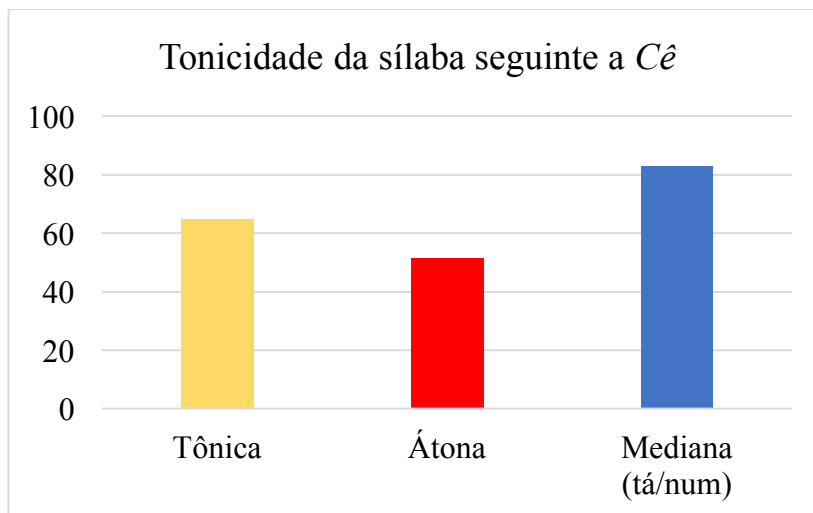
Tabela 10: Tonicidade da sílaba seguinte

CÊ			
Tonicidade da sílaba seguinte	Nº/Total	%	P.R.
Tônica	121/187	64,7	.50
Átona	35/68	51,5	.37
Mediana (tá/num)	29/35	82,9	.73
Range:			.36
Total	185/290		

Fonte: Elaborada pela autora.

No gráfico abaixo, estão distribuídas as ocorrências para cada variante considerada (átona, tônica e mediana):

Gráfico 2: Tonicidade da sílaba seguinte - *cê*



Fonte: Elaborada pela autora.

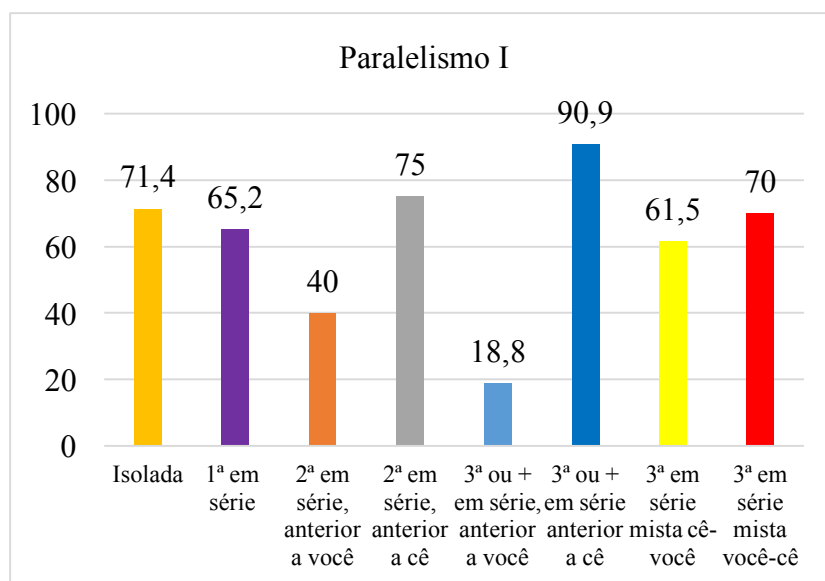
Para a variável Paralelismo, selecionada pelo Goldvarb X, foram obtidos os seguintes dados:

Tabela 11: Paralelismo I

CÊ				
Paralelismo (pronominal)	I	Nº/Total	%	P.R.
Isolada		5/7	71,4	.57
1ª em série		105/161	65,2	.50
2ª em série, anterior a <i>você</i>		10/25	40	.26
2ª em série, anterior a <i>cê</i>		27/36	75	.62
3ª ou + em série, anterior a <i>você</i>		3/16	18,8	.11
3ª ou + em série anterior a <i>cê</i>		2/22	90,9	.84
3ª em série mista <i>cê-você</i>		8/13	61,5	.46
3ª em série mista <i>você-cê</i>		7/10	70	.56
		Range: .73		
Total		186/291		

Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 3: Paralelismo I



Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme observa-se o gráfico (3), as variáveis que favoreceram o uso da forma reduzida do pronome de segunda pessoa no singular *cê*, foram: *tonicidade da sílaba seguinte* e *paralelismo I*. Para melhor compreensão dos dados, serão expostos os resultados das demais variáveis linguísticas analisadas.

4.2.1 Variáveis fonético-fonológicas

Nesta seção, serão apresentados os resultados quantitativos das variáveis fonético-fonológicas e suas variantes: como a *tonicidade da sílaba seguinte* e da *sílaba antecedente* à variante *você* e *cê*.

4.2.1.1 Tonicidade da sílaba seguinte

A tonicidade da sílaba seguinte favoreceu o emprego da forma reduzida *cê*. Observa-se que, dentre as variantes, a sílaba mediana é a mais expressiva, com peso relativo (.73). A tônica também se mostra favorecedora, mas com peso relativo neutro, de (.50).

Tabela 12: Tonicidade da sílaba seguinte

<i>CÊ</i>			
Tonicidade da sílaba seguinte	Nº/Total	%	P.R.
Tônica	121/187	64,7	.50
Átona	35/68	51,5	.37
Mediana	29/35	82,9	.73
Total	185/290		

Range: .36

Fonte: Elaborada pela autora.

Observando a tabela acima, que a sílaba mediana favorece a variante *cê*, é possível reforçar a ideia de que o pronome está se cliticizando, pois como afirma (VITRAL, 2006b), o clítico necessita se apoiar em um constituinte, conforme demonstra o exemplo abaixo:

(100) é um bairro bastante tranquilo é um bairro basicamente residencial *cê* num vê comercio *cê tá* perto do comercio e da perto da praça do João Francisco mas é um bairro tranquilo de famílias (GOMS36 – João)

No excerto (100), *cê* é adjacente a *tá* (forma reduzida do verbo *estar*). Logo, se os clíticos tendem a vir adjacentes ao verbo (HOPPER & TRAUGOTT, 1993), verifica-se que, a exemplo de outras comunidades de fala do PB, a forma *cê* parece estar se cliticizando na Cidade de Goiás.

4.2.1.2 Tonicidade da sílaba antecedente

Constata-se que a sílaba tônica favorece o emprego da variante reduzida *cê*, com o peso relativo (.53). Já a sílaba átona antecedente ao pronome, nota-se um desfavorecimento ao emprego de *cê*, pois o seu peso relativo é (.48).

Tabela 13: Tonicidade da sílaba antecedente

<i>CÊ</i>			
Tonicidade da sílaba antecedente	Nº/Total	%	P.R.
Tônica	82/123	66,7	.53
Átona	103/167	61,7	.48
Total	185/290		

Range .5

Fonte: Elaborada pela autora.

Desse modo, confirma-se a hipótese de que as sílabas tônicas em contexto antecedente ao *cê* evitam o lapso acentual e podem ser um ambiente favorecedor da forma reduzida *cê*.

(101) é que teve a época mais assim dos meus pais é você fazia até o ensino fundamental é como se **cê** tivesse um ensino superior porque ele era é serio ele era rígido (GOFs49 – Analice)

No excerto acima, observa-se um lapso acentual, ele poderia ser evitado caso a forma *você* tivesse sido utilizada: “**se** **você** **tivesse**”.

4.2.2 Variáveis morfofossintáticas e sintáticas

Neste tópico, serão apresentados os resultados quantitativos das variáveis morfofossintáticas: *coalescência entre o pronome e o verbo e função sintática*.

4.2.2.1 Coalescência entre o pronome e o verbo

É possível observar, por meio dos dados quantitativos, que constituintes interpolados entre o verbo e o clítico favorecem o uso de *cê*. Em contrapartida, acredita-se que os demais grupos de fatores não favoreçam o uso da forma reduzida *cê*, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 14: Coalescência entre o pronome e o verbo

<i>CÊ</i>			
Coalescência entre o pronome e o verbo	Nº/Total	%	P.R.
Coalescente/adjacente	141/228	61,8	.47
Clítico (se, me, te, ...)	4/6	66,7	.52
Não	4/9	44,4	.30
Num (redução de não)	29/34	85,3	.76
Que	½	50	.35
Monossílaboônico (já, só)	2/2	50	
Advérbios/locuções adverbiais	4/6	66,7	.52
Sintagmas (+ de uma palavra, exceto locuções)	2/5	40	.27
Total	185/290		

Range: .49

Fonte: Elaborada pela autora.

Verifica-se na tabela acima, que foi favorecido o emprego da forma reduzida *cê* diante de *advérbio de negação (num)*, com peso relativo (.76).

Já com os fatores linguísticos clíticos pronominais e advérbios/locução adverbial favoreceram o emprego da forma reduzida *cê*, mas de forma praticamente neutra (.52). Diante desses resultados, confirma-se a hipótese aventada de que os constituintes interpolados entre o verbo e o clítico estão em posição fixa, favorecendo a forma reduzida.

4.2.2.2 Função sintática

Constatou-se que a função de sujeito foi a que mais favoreceu o uso da forma pronominal *cê*, conforme pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 15: Emprego da variante *cê* – variável função sintática

<i>CÊ</i>			
Função sintática	Nº/ Total	%	P.R.
Sujeito	135/203	66,5	.53
Objeto	16/25	64	.50
Dupla função	25/44	56,8	.43
Complemento de preposição	7/15	46,7	.33
Outras	2/3	66,7	.53
Total	185/290		

Range: .20

Fonte: Elaborada pela autora.

Verifica-se na tabela (15) que a forma reduzida é mais expressiva na função sujeito, embora seu peso relativo encontre-se relativamente próximo do ponto neutro (.53), seguido da função objeto, com peso relativo neutro (.50) e de outras funções (.53). Logo, confirma-se a hipótese de que a função sujeito é favorecedora da variante *cê*.

4.2.3 Variáveis semânticas e discursivas

Neste tópico, serão apresentados os resultados quantitativos da variável semânticas e discursivas: *referência do pronome*.

4.2.3.1 Referência do pronome

Os resultados revelam que a variante *híbrido* foi a mais favorecedora de *cê*, com maior peso relativo (.61):

Tabela 16: Emprego da variante *cê* – variável referência do pronome

<i>CÊ</i>			
Referência/ Referencialidade do pronome	Nº/Total	%	P.R.
P1 “oculto”			
P1 “expandido”	50/76	65,8	.52
P2 – específica ao interlocutor	75/133	56,4	.42
P3 – 3ª p. sing.			
Híbrido (genérico e específico)	60/81	74,1	.61
Total	185/290		

Fonte: Elaborada pela autora.

Range:.15

Verifica-se também que a variante P1 expandido foi a segunda variável que mais favoreceu o uso de *cê*, com peso relativo neutro (.52). Desse modo, constata-se que não foi confirmada, a hipótese aventada de que o referente expletivo seria mais favorável à forma reduzida.

4.2.4 Variáveis discursiva cognitiva

Neste tópico, serão apresentados os resultados quantitativos das variáveis discursivas e cognitivas: *paralelismo I* e *paralelismo II*.

4.2.4.1 Paralelismo I

Verifica-se que a posição que mais favoreceu o uso da variante reduzida foi a 3ª ou mais em série anterior a *cê*, com peso relativo (.84).

Tabela 17: Paralelismo I

CÊ				
Paralelismo (pronominal)	I	Nº/Total	%	P.R.
Isolada		5/7	71,4	.57
1ª em série		105/161	65,2	.50
2ª em série, anterior a você		10/25	40	.26
2ª em série, anterior a cê		27/36	75	.62
3ª ou + em série, anterior a você		3/16	18,8	.11
3ª ou + em série anterior a cê		2/22	90,9	.84
3ª em série mista cê-você		8/13	61,5	.46
3ª em série mista você-cê		7/10	70	.56
		Range: .73		
Total		185/290		

Fonte: Elaborada pela autora.

Nota-se que a variante 2ª em série anterior a *cê* também favorece a forma reduzida (.62), assim como a 3ª em série mista *você-cê* (.56), assim constata, que quando se usa o pronome reduzido *cê* em uma frase, predominará nas séries a forma reduzida, como pode-se observar 3ª ou mais em série antecedido de *cê* o peso relativo foi de .84, e na segunda em série antecedido a *cê* o p.r. foi de (.62), que confirma o que Scherre (1998) diz, que quando uma forma pronominal é empregada, o falante tende a continuar empregando-a nas orações seguintes.

4.2.4.2 Paralelismo II

Os resultados dos dados quantitativos do fenômeno *você/cê* para a variável paralelismo II, estão expostos na tabela 18:

Tabela 18: Paralelismo II

<i>CÊ</i>			
Paralelismo II (formas reduzidas adjacentes ao pronome: você ou cê)	Nº/Total	%	P.R.
<i>Tá</i> (redução de <i>estar</i> / 1 sílaba)	7/8	87,5	.79
Tava/tive (redução de <i>estar</i> /2 sílabas)	½	50	.35
Num (redução de não)	28/33	84,8	.75
2 reduzidos (<i>num</i> + <i>redução</i> = <i>num tá</i>)	0	0	
Não há redução	149/247	60,3	.45
Total	185/290		

Range: .44

Fonte: Elaborada pela autora.

Conforme verifica-se na tabela (18), houve favorecimento no uso da variante reduzida *cê* na forma reduzida adjacente ao pronome *tá* (do verbo *estar* com uma sílaba) com o p.r. de (.79), com (07) participantes que usaram esta forma reduzida, no entanto *num* que é a redução do advérbio não, foi o mais empregado pelos participantes sendo que (28) usaram a forma reduzida *cê* e (05) usaram a forma plena *você* e o seu peso relativo foi de (.75) e o para os que não tiveram redução o peso relativo foi de (.45), que foram (149) participantes. Com base nesses dados conclui que a hipótese aventada foi confirmada de que as formas reduzidas favoreceram o emprego da variante reduzida *cê*.

4.2.4.3 Tipos de discurso

Na tabela abaixo, verifica-se o tipo de discurso que mais favoreceu o uso da forma reduzida:

Tabela 19: Tipo de discurso

<i>CÊ</i>			
	Nº/Total	%	P.R.
Reportado	13/20	65	.51
Não-reportado	172/270	63,7	.49
Total	185/290		

Range: .2

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que os discursos reportado e não-reportado estão neutros quanto ao uso da variante reduzida, com pesos relativos de (.51) e (.49), respectivamente. Logo, parece mesmo se tratar de uma variável inexpressiva quanto ao favorecimento de *cê*. Nascimento (2011) em sua pesquisa afirma que o discurso reportado é desfavorável a forma reduzida *cê* com 53% do que o discurso não-reportado com 61%, e que o reportado é mais empregado a um referente específico. Nessa análise essa variável foi eliminada pelo programa GoldvarbX.

4.3 VARIÁVEIS SOCIAIS

Dentre as três variáveis sociais analisadas, o GoldVarbX selecionou como estatisticamente relevante apenas a variável *faixa etária*:

Tabela 20: Faixa etária

<i>CÊ</i>			
Faixa etária	Nº/Total	%	P.R.
25 a 35	64/86	74,4	.62
36 a 50	121/204	59,3	.45
Total	185/290		

Range: .17

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3.1 Sexo

Paiva (2010, p.34) comenta sobre a constatação de Fisher (1974, [1958]), que a variável sexo é um fator bastante significativo para diferentes níveis de análise, como fonético-fonológico, morfossintático, e semântico, e também afirma que as mulheres tendem a preferir as formas de mais prestígio que os homens. Por sua vez, Labov (2001) e Chambers (1995) também afirmam que as mulheres têm maior sensibilidade ao prestígio social.

Tabela 21: Sexo

<i>CÊ</i>			
Sexo	Nº/Total	%	P.R.
Feminino	98/149	65,8	.52
Masculino	87/141	61,7	.48
Total	186/291		

Range: .4

Range: .6

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que homens e mulheres vilaboenses empregam de forma parecida a variante *cê*, inviabilizando uma conclusão no sentido de que a fala feminina possa ser mais conservadora, já que o peso relativo (.52) é praticamente neutro.

4.3.2 Faixa etária

Segundo Labov (1972), a aquisição de linguagem se encerra na puberdade, mantendo-se a partir desse momento. Segundo esse raciocínio, a gramática do indivíduo não estaria sujeita a mudanças depois dessa fase, pois os dispositivos cognitivos ficariam bloqueados, que como pode ser observado na tabela da faixa etária o peso relativo (.45) dos participantes da segunda faixa etária favoreceram a forma plena *você*.

Por meio dos dados quantitativos obtidos, verifica-se que a variável faixa etária foi a que mais favoreceu ao uso da forma reduzida *cê*, conforme pode ser observada na tabela (22).

Tabela 22: Faixa etária

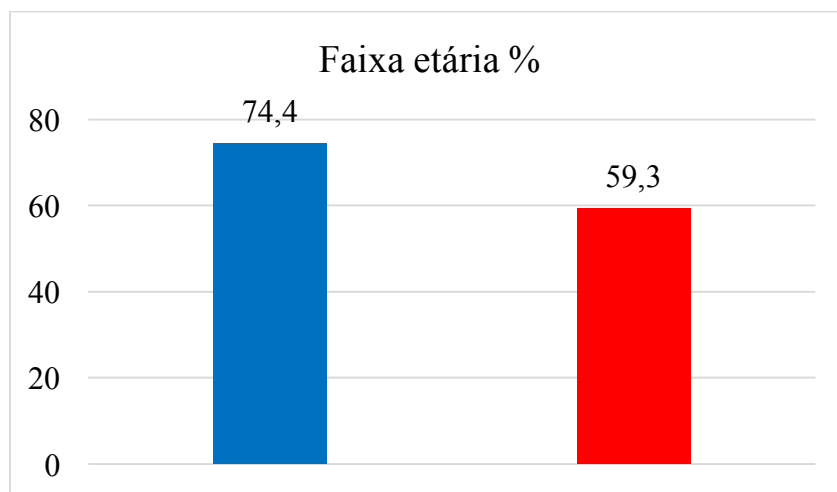
<i>CÊ</i>			
Faixa etária	Nº/Total	%	P.R.
25 a 35	64/86	74,4	.62
36 a 50	121/204	59,3	.45
Total	185/290		

Range: .17

Range: .6

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 4: Faixa etária



Range: .6

Fonte: Elaborado pela autora.

Verifica-se na tabela (22) os falantes mais jovens mostram-se mais favoráveis ao uso da forma inovadora, com peso relativo (.62), ao passo que a segunda faixa etária se apresenta mais conservadora, com peso relativo (.45).

Logo, a variação do pronome de segunda pessoa no singular parece estar em processo de mudança linguística na Cidade de Goiás, já que os falantes mais jovens favoreceram o uso da forma reduzida.

4.3.3 Escolaridade

Conforme foi visto no capítulo anterior, é na escola que se aprende a língua padrão. Logo, os indivíduos mais escolarizados tenderiam a usar a variável plena *você*. Diante disso, conclui-se que a variável escolaridade pode atuar de modo incisivo na promoção ou resistência à mudança linguística. Tendo em vista a importância dessa variável, constatou-se que ela atua de modo favorável ao emprego da variante *cê*, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 23: Escolaridade

<i>CÊ</i>			
Escolaridade	Nº/Total	%	P.R.
Médio	56/83	67,5	.54
Superior	129/207	62,3	.48
Total	185/290		

Range: .6

Fonte: Elaborado pela autora.

Verifica-se, na tabela acima, que a variável *escolaridade* parece favorecer o uso da forma reduzida *cê* na fala vilaboense, já que as pessoas com Ensino Médio tendem a utilizar a forma inovadora (.54), enquanto aqueles que cursaram nível superior mostram-se mais adeptos da forma plena.

Contudo, é preciso relativizar tais resultados antes de concluir que a hipótese levantada no capítulo anterior foi confirmada, ou seja, que os participantes de nível superior favoreceram a forma plena *você*, uma vez que os pesos relativos para ambos os níveis de escolaridade analisados não se mostram tão discrepantes e estão próximos do ponto neutro.

A tabela abaixo expõe os dados do cruzamento entre as variáveis sociais faixa etária e escolaridade:

Tabela 24: Cruzamento Faixa etária e Escolaridade

Escolaridade /Faixa etária	<i>CÊ</i>			
	25 a 35		36 a 50	
	Nº	%	Nº	%
Médio	22	69	34	67
Superior	42	78	87	57
Total	64		121	

Fonte: Elaborada pela autora.

O cruzamento da variável “faixa etária” e da “escolaridade”, na tabela (24), demonstra que, quanto mais jovem e mais escolarizado o falante, maior a frequência de emprego do pronome reduzido *cê*. Os mais jovens com escolaridade nível superior (78%), e com ensino médio (69%) empregaram a forma reduzida, já os informantes da segunda faixa etária desfavorecem o uso de *cê*, independentemente da sua escolaridade

Pesquisas de outros linguistas, abordadas ao longo desta dissertação (NASCIMENTO, 2011), (GONÇALVES, 2008), (PAIVA & SCHERRE, 1999) e (RAMOS, 2000) revelaram que os participantes de nível superior seriam adeptos ao emprego da forma plena *você*, e os de nível médio tenderiam a usar a forma reduzida *cê*, o que permite concluir que a variável escolaridade não interfere no emprego da variável pronominal *você* e *cê*.

CONCLUSÃO

Nesta pesquisa, desenvolveu-se um estudo sociolinguístico quantitativo acerca do pronome de segunda pessoa *você* e sua variante *cê* na cidade de Goiás, com dados coletados em 2019. Para tal, constitui-se um *corpus* com 24 participantes, nativos da Cidade de Goiás e estratificados de acordo com o sexo (masculino e feminino), escolaridade (ensino médio e superior) e faixa etária (de 25 a 35 e 36 a 50 anos).

Este estudo se justifica como contribuição para a descrição da variedade goiana do português e do Português Brasileiro, preenchendo uma lacuna no mapeamento do uso das formas de segunda pessoa no Brasil, como demonstra Scherre (2015).

O objetivo principal desse trabalho foi observar, a partir das análises estatísticas realizadas no programa Goldvarb X, se o pronome de segunda pessoa do singular *cê* está se cliticizando ou se já é um clítico, e verificar também se essa forma está em processo de mudança ou se encontra estável.

Em uma análise multivariada, constatou-se que as variáveis que favoreceram o uso da forma reduzida *cê* foram: tonicidade da sílaba seguinte, paralelismo I (de posição) e a faixa etária. As hipóteses aventadas: I - cliticização da variante reduzida *cê*; II – relevância do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) e III - mudança em progresso, com maior uso de *cê*, foram confirmadas.

Na análise de tonicidade da sílaba seguinte, observou-se o emprego mais expressivo da forma reduzida *cê* nas sílabas medianas, com maior peso relativo (.73), e nas tônicas com P.R (.50). As sílabas átonas, por sua vez, foram desfavorecidas, com peso relativo (.37). Diante do resultado, que aponta as sílabas medianas como as mais favorecedoras da forma inovadora, verifica-se que *cê* está se cliticizando, pois, conforme Vitral (2006b), o clítico necessita se apoiar em um constituinte, ou seja, em uma palavra que geralmente é um verbo (clítico + verbo).

Outro fato que reforça a cliticização é a sílaba átona seguinte, que desfavorece o emprego da forma reduzida, evitando-se, assim, os choques e lapsos de acento. Diante disso, confirma-se a atuação do Princípio do Contorno Obrigatório, que atua como condicionador da forma *cê*.

A tonicidade da sílaba antecedente à sílaba tônica favoreceu o uso da variante reduzida *cê*, com peso relativo (.53) e a átona desfavoreceu o seu emprego, com peso relativo (.48), o que confirma a hipótese de que as sílabas tônicas em contexto antecedente ao *cê* evitam o lapso acentual e podem ser um ambiente favorecedor da forma reduzida *cê*. Conclui-se que houve

atuação do Princípio do Contorno Obrigatório, em que as sílabas tônicas em contexto antecedente evitam lapso acentual e choque acentual.

Em relação ao paralelismo I, variável selecionada pelo Goldvarb X, observa-se o favorecimento da variante *cê*. A posição que mais favoreceu o uso da variante reduzida foi a *3ª ou mais em série anterior a ê*, (.84), seguida da variante *2ª em série anterior a ê*, que também favorece a forma reduzida (.63), assim como *3ª em série mista você-ê* (.56). Logo, constata-se que, quando se usa o pronome reduzido *cê* em uma frase, predominará nas séries a forma reduzida, como pode-se observar *3ª ou mais em série antecedido de ê* (.84), e na *2ª em série antecedido a ê* (.62).

A faixa etária foi selecionada como estatisticamente significativa e observa-se que *cê* é a forma favorecida pelos falantes de 25 a 35 anos. Desse modo, conclui-se que as pessoas mais jovens são adeptas à forma inovadora (.62), ao passo que a outra faixa etária apresenta mais conservadora (.45). Portanto, a variação do pronome de segunda pessoa no singular parece estar em processo de mudança Linguística na Cidade de Goiás, já que aos falantes mais jovens favoreceram o uso da forma reduzida, em consonância com a hipótese aventada.

Em uma análise multivariada, constatou-se que tanto homens quanto mulheres empregaram com mais frequência a forma reduzida *cê*, com pesos relativos muito próximos, o que denota que o sexo dos participantes não atua como condicionador para o uso variável de *você* e *cê*.

Também observou que os falantes com uma condição de vida melhor financeiramente e culturalmente, empregou mais a forma plena *você*, principalmente na faixa etária de 36 a 50 e de escolaridade de nível superior.

Constatou-se que a variável escolaridade não influencia o emprego da forma pronominal de segunda pessoa, como era havia previsto, pois, na Cidade de Goiás predomina o uso da forma reduzida pelos participantes com maior nível de escolaridade e mais jovens. Nas pesquisas de Ramos (2000) e Nascimento (2011) a escolaridade era um fato predominante, em que se observam que as pessoas mais velhas empregavam a forma plena, por ser a forma normatizada e conservadora.

As análises permitem afirmar que os resultados obtidos são semelhantes aos encontrados em comunidades linguísticas como Belo Horizonte (RAMOS, 2000), e também aos expostos por Nascimento (2011), na cidade de São Paulo, onde a forma variante *cê* foi a mais empregada, em que foram entrevistados participantes do meio urbano quanto ao uso do pronome de segunda pessoa *você* e *cê*.

Acredita-se que os resultados deste estudo possam contribuir para o mapeamento das

formas de segunda pessoa do português goiano, e do PB e suas especificidades, além de descrever padrões sociolinguísticos do fenômeno na centenária Cidade de Goiás.

REFERÊNCIAS

- ABOUSALH, Elaine Silveira Ferreira. *Resolução de choques de acento no português brasileiro: elementos para uma reflexão sobre a interface sintaxe-fonologia*. Dissertação (Mestrado). Campinas/SP: Instituto de Estudos da Linguagem, IEL/UNICAMP, 1997.
- ALVES, Nilton A. *As formas você e cê e a indeterminação do sujeito no português brasileiro*. UFMG, 1998, 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.
- BARBOSA, Liliane P. *Estatuto da forma cê: clítico ou palavra?* UFMG, 2005, 137 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1989.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Formas de tratamento e estruturas sociais*. In: *Alfa*: Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972 - 1973, n. 18-19, p. 339-381.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BYBEE, Joan. Cognitive process in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language: Cognitive and functional approaches to language structure* (vol. 2). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2002.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *História da linguística*. Petrópolis: Vozes, 1975, p.195.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976, p. 265.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *Princípios de linguística geral*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977, p. 323.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1980.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979, p. 265.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário da linguística e gramática*. Rio de Janeiro: Vozes, 1981, p. 266.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. *O sistema de pronomes em português*. In: *Estrutura da língua portuguesa*. 13 ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 1983.

CANÇADO, Márcia. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2005.

CASTILHO, Ataliba T.; PRETI, Dino (orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1986, v. 1.

CASTILHO, Ataliba T. *Nova Gramática do português Brasileiro*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance*. Oxford: Blackwell, 1995, p.275.

CINTRA, Luís F. Lindley. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1972, p. 139.

COELHO, Maria do S. V. *Uma abordagem variacionista do uso da forma você no norte de Minas*. UFMG, 1999. 85 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Corpus de Referência do Português Contemporâneo. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/sectores/linguistica_de_corpus/projecto-crpc.php Acesso em: 8 dez. 2019.

CORRADELO, Elaine de Fátima Alcará. *Quem é você?: análise de um pronome pessoal*. UNICAMP, 1997. 102f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas (MG).

CUNHA, Celso Ferreira. *Gramática da língua Portuguesa*. 7ª ed. Rio de Janeiro, FENAME, 1980.

CUNHA, C.; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 6ª edição. Rio de Janeiro, editora Lexikon, 2013.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 17 ed. Lisboa: João Sá da Costa, 2002, p. 292-298.

LUCCHESI, Danti. Universidade Federal da Bahia/CNPq. *Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro*, © Revista da ABRALIN, dez. 2006, p. 83-112, v. 5, n. 1 e 2.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.

FARACO, C. A. *The imperative sentence in Portuguese: a semantic and historical discussion*. 1982. Ph.D. Thesis (Modern Languages) – University of Salford, Salford, UK. 1982.

FISHER, Jonh L. Influências sociais na escolha de variantes linguística. In: FONSECA, Maria Stella; NEVES, Moema F. (Orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Livraria eldorado Tijuca, 1974 (1958).

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. *The social life of phonetics and phonology*. Journal of Phonetics, v. 34, n. 4, p. 409-438, 2006.

GONÇALVES, Clézio Roberto. *Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português*. Tese de doutorado em linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, USP, 2008.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumento de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

GUY, Gregory R. & BOBERG, Charles. “Inherent variability and the obligatory counter principle”. In.: *Language Variation and Change*, v. 9, Cambridge University Press, 1997, p. 149-164.

HEINE, B., REH, M. *Grammaticalization and Reanalysis in African Language*. Hamburg: Helmut Booke Verlag, 1984.

HUBACK, Ana Paula. *Columbia University. A interferência da frequência em fenômenos linguísticos*. D.E.L.T.A., 29:1, 2013 (79-94)

IESDE BRASIL S.A. *História*. Curitiba, 2008.

ILARI, R.; FRANCHI, C.; NEVES, M. H. de M. & POSSENTI, S. Os pronomes do Português Falado: Roteiro para a Análise. In: CASTILHO, A. T de. & BASÍLIO, M. (orgs.). *Gramática do Português Falado (vol. IV) – Estudos Descritivos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: FAPESP, 1993, pp. 79-166.

JURAFSKY, D.; BELL, A.; GREGORY, M. & RAYMOND, W. D. *Probabilistic relations between words: evidence from reduction in lexical production*. In: BYBEE, J. & HOPPER, P. *Frequency and the Emergence of Linguistic Structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

KOCH, Ingedore V.; MARCUSHI, Luiz A. *Processos de referenciação na produção discursiva*. In.: *DELTA*, São Paulo, 1998, v. 14, n. special.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. *The logic of nonstandard English*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1969.

LABOV, W. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. The three dialects of English. In: ECKERT, P. (Ed.). *New ways of analyzing sound change*. New York: Academic Press. 1991. p. 1-44.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LUZ, Marilina dos Santos. *Fórmulas de tratamento do português*. In.: Revista Portuguesa de Filologia. Coimbra, p. 256-363, v. II, T. I, II, 1956.

MONDADA, Lorenza & DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In.: *Referenciação – clássicos da linguística*, v. 1, São Paulo: Contexto. (Trad./Revisão e Org.: CAVALCANTE, M. M et. al.), 2003.

MENON, O. P. S. *O sistema pronominal do Brasil*. Curitiba, Revista Letras, 1995, v. 14, n. special.

MENON, O. P. S. *A história de você*. In: GUEDES, M.; BERLINCK, R.; MURAKAWA, C. (Orgs.). *Teoria e análise linguísticas: novas trilhas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 99-160.

MENON, O. P. S.; LOREGIAN-PENKAL, L. *Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil*. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2012. p. 147-192.

NARO, Anthony Julius. (2003b) “Modelos quantitativos e tratamento estatístico”. I: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003b.

NASCIMENTO, I. B. do. (2008b) *O uso variável do pronome de segunda pessoa você (s)/cê(s) na cidade de São Paulo*. Dissertação. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2011.

PAIVA, Maria da Conceição de. & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Mudança Linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PAIVA, Maria da Conceição de. (2003) *A variável sexo/gênero*. In.: MOLLICA, M. C. & PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática histórica*. 7.ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1932.

PAIVA, Maria da Conceição de. *A variável gênero/sexo*. In: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PAIVA, M. C. de, SCHERRE, M. M. P. *Retrospectiva sociolingüística: contribuições do PEUL. D.E. L.T.A.*, 1999, 15 (especial), pp. 201-232.

Paredes Silva, Vera Lúcia. O retorno do pronome tu à fala carioca. In: Roncarati, Cláudia; Abraçado, Jussara. *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: FAPERJ/ 7Letras, 2003, p.160-169.

PERES, Edenize P. *O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte: um estatuto em tempo aparente e tempo real*. UFMG. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RAMOS, Jânia. *O Uso das Formas você, ocê e cê no Dialeto Mineiro*. In.: HORA, D. da. *Diversidade Linguística no Brasil*. João Pessoa: Ideia, 1997, p. 43-60.

- RAMOS, Jânia. *O surgimento de um novo clítico no português Brasileiro: análise quantitativa e qualitativa da forma cê*. In.: GÄRTNER, E. et al. (eds.) *Estudos de Sociolinguística Brasileira e portuguesa*, Frankfurt am MA in: TFM, 2000, v. 15, p. 181-189.
- RAMOS, Jânia. *Gramaticalização em processo*. In.: VITRAL, L. & RAMOS, J. (orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem Formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 2006.
- RAMOS, J. História social do português brasileiro: perspectivas. In: CASTILHO, A. *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 1998. p. 159-178.
- RAMOS, J. & CORRÊA, L. *Mais um pronome em processo de cliticização: o par eles / es*. In.: VITRAL, L. & RAMOS, J. (orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem Formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 2006.
- RAMOS, Jânia.; OLIVEIRA, Marilza. *Pronomes de segunda pessoa: uma abordagem diacrônica*. Comunicação apresentada na Reunião da ANPOLL, Gramado (RS), 2002.
- RAMOS, Myriam Pereira Botelho. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1989. RIBEIRO, Branca T., Garcez, Pedro M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002, 271p.
- SCHERRE, M. M. P. (2010-2013) *Análise e mapeamento de três fenômenos variáveis no português brasileiro*. Projeto de pesquisa apresentado ao CNPq para o triênio 2010-2013, em parceria com o Prof. Dr. Anthony Julius Naro (inédito). 2010-2013.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira; Lucca, Nívia Naves Garcia; Dias, Edilene Patrícia; Andrade, Carolina Queiroz & Martins, Germano Ferreira. *Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro*. II SIMELP - Universidade de Évora. Inédito, 2009.
- SCHERRE, Marta. *Tu, você, cê e ocê na variedade brasiliense*. Papia 21 (volume especial), 2011, p. 117 – 134.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. Paralelismo Linguístico. In.: *Revista de Estudos da Linguagem* (vol. 7 – n. 2). Faculdade de Letras da UFMG: Belo Horizonte – MG, 1998, jul./dez.
- SCHERRE, M. M. P. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *Alfa*, São Paulo, 2007, 51 (1): 189-222.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira & NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. I: MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto. 2003.
- SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes *tu* e *você*. In: MARTINS, M.A.; AB ÇADO, J. *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 133-172.
- SCHERRE, M. M. P. Reanálise da concordância nominal em português. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

SOUSA, Valéria Viana. *Os (des) caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. Tese de doutorado. João Pessoa, Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

VITRAL, Lorenzo. *A Interpolação de se e suas consequências para a teoria da Cliticização*. In.: VITRAL, L. & RAMOS, J. (orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem Formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 2006b.

VITRAL, Lorenzo. *A forma cê e a noção de gramaticalização*. In.: *Revista de Estudos da Linguagem*. (ano 5, no 4, v. 1). Minas Gerais: Faculdade de Letras da UFMG, 1996.

VITRAL, Lorenzo. (2002) *Identificando Clíticos: evidências fonéticas*. In.: *Anais do 50^o Seminário do GEL*. (Caderno de Resumos), 2002.

VITRAL, Lorenzo. Identificando Clíticos: evidências fonéticas. In.: VITRAL, L. & RAMOS, J. (orgs.) *Gramaticalização: uma abordagem Formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE / UFMG, 2006a.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia (2006) *Gramaticalização de você: um processo de perda de informação semântica?*. In.: VITRAL, L. & RAMOS, J. *Gramaticalização – uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE / UFMG. [1999].

XIMENES, Expedito Eloísio. *Variações gráficas em um documento do século xvii*. Universidade Estadual do Ceará (UECE)/Universidade de São Paulo (USP). Revista da ABRALIN, jan./fev./mar./abr. 2017, v.16, n.3, p. 503-520.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola 2006, (Tradução de Marcos Bagno).

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Cidade e bairro

1. Você sempre morou aqui? Onde mais você morou?
2. Onde seus pais nasceram? O que eles te contaram sobre esse lugar?
3. Você gosta desta cidade? O que você mais gosta em Goiás?
4. Como é morar na cidade de Goiás? Por quê?
5. O que você mudaria nesta cidade?
6. Como é a rotina de quem mora aqui? O que se tem para fazer?
7. Você gostaria de morar em outra cidade? Por quê? Qual?
8. Como é o bairro em você mora em Goiás? Qual o nome do seu bairro?
9. Você acha do seu bairro? É violento ou não? Conte uma cena de violência que você viu ou ficou sabendo/ ou por que você acha que aqui é calmo?
10. Você gosta dos seus vizinhos? Tem alguma coisa para reclamar deles? Quando você faz uma festa, você chama seus vizinhos? Você vai visitar eles ou eles vêm te visitar?
11. Você sabe de alguma briga que envolve dois vizinhos seus?
12. Você acha que eu sou goiana?
13. Você acha que sou aqui da cidade de Goiás?
14. Você acha que eu me pareço com os moradores aqui de Goiás? Por quê?
15. Se você me encontrasse aqui em Goiás, quais os lugares que você me indicaria para visitar? Por quê?

Família e amigos

16. Você tem irmãos? Como eles são?
17. Você acha que era tratado diferente por ser mais novo/ mais velho? Vocês brigavam muito quando eram crianças? Conte algum fato que você lembra da sua infância.
18. Você ainda tem contato com seus amigos de infância? Você se lembra de alguma história engraçada dessa época? Conte.
19. Você tinha um melhor amigo (a)? Fale sobre ele (a).
20. Que tipos de brincadeiras vocês brincavam quando criança? Conte sobre as brincadeiras?

21. Do que você mais sente saudade dessa época? Você acha que aquele tempo era melhor do que hoje? Por quê?
22. Como foi sua criação? Rígida ou mais liberal?
23. Que tipo de criança você era? Brigona, quietinha? E os seus amigos?
24. Seus pais eram muito duros com você? O que eles faziam?
25. Eles queriam que você seguisse alguma profissão? Qual?
26. Já teve alguma situação em que você se meteu em problemas junto com seus amigos? Você contou desses problemas para os seus pais ou você não podia?
27. Você vê bastante seus avós/ tios/ primos? Se não, fale o porque? Que tipo de coisas vocês costumam fazer juntos?
28. Como vocês comemoram as festas de final de ano?
29. Fora sua família, com quem você passa bastante tempo hoje em dia? Onde eles moram? O que vocês fazem juntos?
30. Para onde você gosta de sair nos finais de semana?
31. Se você precisasse de ajuda em uma emergência, para quem você ligaria?
32. Você costuma conversar com seus vizinhos? Se eu morasse do lado da sua casa e ouvisse música alta, o que você faria?
33. O que você gosta de fazer nas horas vagas?

Escola e trabalho

34. Você estuda? Qual o nome da sua escola? Como que é a sua escola? Por quê? Ou se não estuda hoje, mas onde estudou você estudou em qual escola? Você gostava de lá? Como era o ensino?
35. Algum professor te marcou por algum motivo?
36. Qual era sua matéria favorita? E a que você menos gostava? Por quê?
37. Você já colou ou passou cola? Você já foi pego?
38. Você já levou a culpa por alguma coisa que você não fez?
39. Você acha que eu colava na escola ou passava cola? Por quê?
40. Você fazia parte de algum grupinho? Como era?
41. Você já brigou feio na escola? Já viu alguma briga? Como foi?
42. Você acha que era o ensino antigamente? Era muito diferente de hoje? Por quê?
43. Você trabalha ou não? Como é seu ambiente de trabalho?
44. Se você trabalha ou trabalhou como foi o seu primeiro emprego? Com o que você gastou o seu primeiro salário? Você lembra?

45. O que você acha de crianças trabalharem? Explique.
46. Com o quê seus pais/ filhos/ companheiro trabalham?

Hobbies e esportes

47. O que você gosta de fazer nas horas vagas? E no final de semana?
48. Você pratica algum tipo de esporte? Qual? Fale sobre este esporte.
49. Que programa você gosta de ver na TV? Por quê? Qual você não gosta?
50. Você acessa muito a internet? Você tem muitos amigos na internet? Tem algum que você nunca encontrou na vida real?
51. Você gosta de viajar? Como foi sua última viagem?
52. Para que lugar do mundo você gostaria de ir? Como você imagina que é lá?

Acontecimentos e opiniões

53. O que você acha da nossa educação? Acha que vai melhorar? Ou não? Por quê?
54. Como que você vê o futuro do Brasil? Por quê?
55. O que você faria se fosse o governador de Goiás? Por quê?
56. O que você faria se fosse o presidente do Brasil? Por quê?
57. Você assistiu e acompanhou a tragédia de Brumadinho? O que você achou? Por quê?
58. Você já viu algum desastre? Como foi? As pessoas foram ajudar?
59. Você já presenciou algum evento sobrenatural aqui em Goiás, como fantasmas, pois falam que tem muitos devido os casarões antigos? Como foi?
60. Você já esteve em alguma situação em que sua vida corria perigo? Como foi?
61. Você já ficou muito doente a ponto de ser internado? Como foi?
62. Você tem intuições sobre coisas que vão acontecer? Conhece alguém que tem? E elas acontecem mesmo? Você lembra de alguma vez que isso aconteceu?
63. Já teve alguma situação em que você se sentiu muito sortudo? E muito azarado? Como foi?
64. Qual foi a situação em que você mais sentiu vergonha? Como foi?
65. Você já encontrou alguém famoso? Como foi?



FICHA DO(A) PARTICIPANTE E DA GRAVAÇÃO

Pseudônimo:

Documentador:

Nome Completo do Participante:

Data de Nascimento: _____

Idade: _____

Endereço:

Telefones para contato:

E-mail:

Ocupação:

Pessoas com quem mora e respectivas ocupações:

Bairros em que já morou, em ordem cronológica, e tempo aproximado (em anos) de quanto tempo morou em cada bairro. Ex.: Centro – 10 anos.

Escolas em que estudou e tipo de escola:

Ex.: Fundamental 1: Escola Estadual President Roosevelt (pública estadual)

Fundamental 1: _____

Fundamental 2: _____

Ensino Médio: _____

Faculdade: _____

Número de irmãos:

() nenhum ou _____ mais velhos _____ mais novos;

Nome, idade e escolaridade dos irmãos: Ex.: J.K., 47 anos, Ensino Superior

Filiação

Nome da mãe:

Idade da mãe:

Grau de Escolaridade da mãe:

Ocupação da mãe:

Naturalidade:

Nome do pai:

Idade do pai:

Grau de Escolaridade do pai:

Ocupação do pai:

Naturalidade:

Data da Entrevista: _____ Horário: _____

Local da Entrevista e breve descrição do local:

Presença e atuação de terceiros:

Como o documentador conheceu o participante:

Outras informações:



DECLARAÇÃO

Declaro ter consentido em ter gravada minha conversa com a mestrandade _____, para pesquisa relacionada ao Mestrado de Língua, Literatura e Interculturalidade na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina, sob a orientação da Professora Dra. Marília Vieira. Entendo que essa gravação é idônea e que meus dados pessoais não serão tornados públicos na divulgação de resultados da pesquisa.

Goiás, _____ de _____ de _____.

Nome do participante: _____

Assinatura: _____



QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO

Por favor, assinale a opção que melhor descreve sua situação:

1) Em que tipo de imóvel você vive?

- ☐ Casa
- ☐ Apartamento
- ☐ Outro: _____

2) Há quantos anos o imóvel foi construído?

- ☐ Há menos de 10 anos
- ☐ De 10 a 20 anos atrás
- ☐ Há mais de 20 anos

3) Você é proprietário do imóvel em que vive?

- ☐ Sim, é um imóvel próprio e quitado.
- ☐ Sim, é um imóvel financiado.
- ☐ Não, é um imóvel alugado.

4) Quantos quartos tem a sua casa?

- ☐ 0
- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3 ou mais

5) Quantas pessoas moram em sua casa?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ ou mais

6) Quantas pessoas que vivem em sua casa contribuem para a renda familiar?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4
- ☐ 5
- ☐ 6
- ☐ ou mais

7) Qual é a sua renda média mensal?

- ☐ Até R\$ 600,00
- ☐ De R\$ 600,00 a R\$ 1.200,00
- ☐ De R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00
- ☐ De R\$ 2.400,00 a R\$ 6.000,00
- ☐ De R\$ 6.000,00 a R\$ 12.000,00
- ☐ Acima de R\$ 12.000,00

8) Qual é a renda média mensal de sua família?

- ☐ Até R\$ 600,00
- ☐ De R\$ 600,00 a R\$ 1.200,00
- ☐ De R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00
- ☐ De R\$ 2.400,00 a R\$ 6.000,00
- ☐ De R\$ 6.000,00 a R\$ 12.000,00
- ☐ Acima de R\$ 12.000,00